Amauri Augusto da Silva

ANEXO AO PROCESSO Nº 408/99

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MEMÓRIAS VIVIDAS, IMAGENS COMPARTILHADAS

Marília, setembro de 2001.

unesp

Amauri Augusto da Silva

MEMÓRIAS VIVIDAS, IMAGENS COMPARTILHADAS

Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, Câmpus de Marília, sob orientação da Prof.ª Dr.ª Christina de Rezende Rubim.

Tese - 1280

1410001280



Marília, setembro de 2001.

Fac. de Filosofia e Ciências - Campus de Marília - BIBLIOTECA

BANCA:

Doutora Christina de Rezende Rubim – Orientadora.

Professora Doutora Claude Lépine - UNESP/Marília

Doutora Márcia Schotz de Andrade Kersten – UFPR/Curitiba

SUMÁRIO

RESUMO.....5

APRESENTAÇÃO.....6

ÍNTRODUÇÃO.....7

1 AQUI COMEÇA UMA HISTÓRIA.....15

1.1 Uma história não contada ou mal contada?.....15
1.2 Um hiato na memória!.....16
1.3 Elementos que influenciaram a migração destes povos.....20
1.4 No rosto o cansaço, na bagagem a fé.....30
1.5 Águas rolam ... o tempo flui ... as mudanças acontecem!.....33
1.6 Rosália: o que é este pedaço de chão, afinal?.....42

2 NAS CERCANIAS DE ROSÁLIA.....47

2.1 A igreja e a capela: a sua importância.....49
2.2 Festas ... mas não de arromba!.....51
2.3 Os bastidores da festa.....60
2.4 Fogos em cumprimento de promessa.....66
2.5 As fogueiras: tempos em que as relações de familiaridade crescem...68
2.6 Folia ou devoção?.....74
2.7 A Cultura, sua fluidez e transformação.....82
2.8 A sabedoria do povo.....84
2.9 Memória, lembrança: teias do imaginário!.....86

3 OS DIFERENTES SUJEITOS E SEU UNIVERSO.....93

3.1 Ontem e hoje.....93
3.2 Das prendas.....95
3.3 Os fatores de influência.....97
3.4 O não participar.....99

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....103

BIBLIOGRAFIA BÁSICA.....110
BIBLIOGRAFIA DE APOIO.....114

ANEXOS.....116

1. Mapa com a localização do Distrito de Rosália. 13

"Agradeço a todos que apostaram em meu sucesso; peço desculpas àqueles que esperavam o meu fracasso."

RESUMO

Esta pesquisa tem como principal ponto de partida a cultura popular, particularmente as festas religiosas do Distrito de Rosália, no Município de Marília, região Centro-Oeste do Estado de São Paulo, no período compreendido entre as décadas de setenta a noventa do século passado, resgatadas através da memória construída por seus moradores. O fio condutor da pesquisa, que permitirá trazer para o presente imagens latentes na memória de nossos personagens, serão lembranças das festas em homenagem aos Santos católicos, bem como da Folia de Reis e das Fogueiras. Foram coletados relatos orais de pessoas dos sexos masculino e feminino, com idade superior a quarenta anos, através de entrevistas semi-estruturadas. Levantamos também os vários fatores que levaram à quase extinção destes festejos, bem como as formas encontradas pela população local para manter vivas as novas sociabilidades, já que não é mais possível preservá-las através das festas, como acontecia no passado.

APRESENTAÇÃO

Acredito não ser necessário discorrer sobre percalços particulares ou contar minha história de vida, bem como os obstáculos por mim encontrados e posteriormente transpostos, para chegar a elaborar este trabalho. O importante é mencionar o motivo que me levou a estudar as festas de um lugar que, segundo os seus moradores, estão se extinguindo. Assumi esta tarefa por ser eu um participante da história de Rosália, Distrito do município de Marília, região Centro-Oeste do Estado de São Paulo, cujas ruas de terra batida serviram de palco à minha representação enquanto ator daquela localidade, contribuindo para o meu crescimento físico, intelectual e emocional. Enquanto crescia, percebia que transformações ocorriam à minha volta. O diálogo com as pessoas mais velhas acirrava ainda mais a percepção destas mudanças, e as explicações dadas naquele tempo ainda persistem nos depoimentos que venho coletando para esta pesquisa.

Por tudo isto, a escolha de meu tema não se deve ao acaso nem é simplesmente uma escolha entre tantas. É a *minha* escolha em particular.

unesp

INTRODUÇÃO

Em todo o Século XX, o Brasil e o mundo passaram por transformações que afetaram os vários setores da sociedade, influenciando, indiretamente, as esferas social e cultural. Dentre os inúmeros fatores que provocaram tais mudanças, podemos citar a mecanização da agricultura e o êxodo rural que, de uma forma ou de outra, levaram as populações, principalmente rurais, a se deslocarem de sua terra natal, indo fixar residência em outras paragens. Este trabalho não procura desvendar as causas deste processo, e sim descrever a sua influência sobre uma determinada localidade, em um determinado tempo.

Até meados da década de setenta, Rosália, meu torrão natal, era um pequeno centro para o qual convergia a numerosa população rural. Ali, as pessoas se encontravam nos finais de semana para assistir a uma partida de futebol, ou então por ocasião dos dias Santificados, nos quais eram realizadas as festas em homenagem aos Padroeiros do Patrimônio, momento solene que aproveitavam para agradecer alguma graça alcançada, pagando promessas, ou ainda somente para uma conversa animada com os parentes e compadres.

Ao caminhar para o final da referida década, o contingente populacional diminuiu. As antigas, fervorosas e animadas festas, realizadas em homenagem a Santa Luzia e ao Senhor Bom Jesus, a Folia de Reis e a celebração das fogueiras, que presenciei enquanto criança, minguaram.

As pessoas, com lirismo e saudade, sempre diziam: "– *Antigamente, as festas eram melhores!*" [1]. Surge, pois, a pergunta: se eram melhores, o que

[1] Fala recorrente entre os moradores de Rosália.

unesp

contribuiu para que deixassem de ser como antes? Que fatores interferiram nestas mudanças, em um curto espaço de tempo?

Ao fazermos uma observação minuciosa das festas nestes últimos anos, constatamos que elas aconteciam, ainda que "cambaleantes" e sem todo aquele *glamour* enaltecido pelo discurso lírico dos mais velhos. Isto nos instigou a fazer uma nova pergunta: "– *Por que ainda continuam a realizar as festas se as mesmas não apresentam o mesmo brilho de antigamente?*"

Para a maioria dos moradores do Distrito de Rosália, as mudanças ocorreram após a década de setenta, quando houve a substituição dos padres Franciscanos[2] por Diocesanos[3]. Chegaram também as Irmãs Consagradas[4] para morar na casa paroquial e zelar pela igreja. Estas, segundo alguns dos informantes, foram as responsáveis diretas pelas transformações que são o meu foco de interesse.

Mas será que elas estavam imbuídas de poder suficiente para dilacerar os costumes de uma localidade, *tecidos* ao longo de aproximadamente quatro décadas? Não teriam sido outros os motivos que levaram à dispersão da população e, consequentemente, influenciaram na forma e no conteúdo das festas?

---

[2] São padres pertencentes a uma Ordem Religiosa da igreja católica, que fazem voto de obediência (aos ensinamentos da igreja), pobreza e castidade. Tal Ordem é divide-se em Ordem de São Francisco Menor, Ordem de São Francisco Menor *Capucino* e a Ordem Mista. As duas primeiras Ordens vivem em comunidade (convento). A terceira, é de contemplação (ao Santíssimo) e vivem em missão pregando o evangelho. (Dom Daniel: depoimento [jul. 2001], Marília).

[3] Os Padres Diocesanos, são padres ligados a uma diocese. Semelhantemente aos padres da Ordem dos Franciscanos, fazem voto de celibato e de obediência (ao bispo). A diocese de Marília foi criada em meados do Século XX (1952), porém tal Ordem existe desde a era apostólica. (Dom Daniel: depoimento [jul. 2001], Marília).

[4] As Irmãs Consagradas são freiras que não usam hábito. Semelhantemente às freiras que usam hábito, fazem voto de pobreza obediência e castidade. O que as difere das primeiras é que vivem uma vida de *secularização*, ou seja, não vivem em conventos. (Dom Daniel: depoimento [jul. 2001], Marília).

unesp

Não possuindo jornais ou anais que pudessem esclarecer a problemática aqui levantada, optei por fazer um trabalho etnográfico através de uma *descrição densa*.[5] A tarefa etnográfica teve por base as entrevistas com moradores locais, tendo sido algumas colhidas através do gravador, e outras apenas do ouvir, pelo fato do informante se sentir constrangido. Houve casos em que foram preservados os nomes do informante e a idade, com o consentimento dos mesmos. Apenas com um informante foi adotada uma letra que o identificasse, para evitar constrangimentos à sua pessoa junto ao grupo do qual faz parte.

Para tanto, foi necessária a incursão por uma vasta bibliografia, buscando algumas respostas.

Dentre a bibliografia levantada, podemos citar principalmente Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973; 1978), Antônio Cândido de Mello e Souza (1972) para a realização da pesquisa, devido à proximidade dos temas tratados por estes autores, quando os mesmos trabalharam com o imaginário e o universo de sociabilidade existente no meio rural brasileiro. Em meu trabalho, ainda que eu trate de "uma pequena cidade", a mesma está repleta de relações de sociabilidade e solidariedade de base rural, encontradas nos referidos autores. Estes trabalhos serviram de luz para minha reflexão a respeito das relações existentes em Rosália.

Em Carlos Rodrigues Brandão (1981), pela problemática escolhida, encontrei respaldo para falar sobre a Folia de Reis, as andanças de casa em casa, as paradas para dormir, as diversas folias em diferentes situações. A sua

---

[5] Uma descrição densa é, segundo Geertz (1978) "A análise [e], portanto, [o] escolher entre as estruturas de significação(...) e determinar sua base social e sua importância." (p. 19).

unesp

característica de festa popular e de catolicismo rústico é semelhante em inúmeras regiões brasileiras. A etnografia deste autor serviu-me de norte para o aprofundar desta prática de pesquisa tão enfatizada pela Antropologia.

Clifford Geertz (1989), Alfredo Bosi (1987), Ecléia Bosi (1973; 1979) e ainda Brandão (1989), forneceram conceitos fundamentais para a compreensão destas festas: cultura, cultura popular, cultura erudita e cultura de massa. Em Câmara Cascudo (1967) foi buscada a definição de folclore como contraposição ao conceito de cultura popular.

Porém, é fundamental destacar que esta pesquisa é fruto do intensivo contato do pesquisador com aqueles que, além de concidadãos, mostraram-se importantes personagens desta história e co-autores desta dissertação.

A cumplicidade entre mim, enquanto pesquisador, e os sujeitos de pesquisa, em nada desmereceu o trabalho. Ao contrário, serviu de fomento para que em certos momentos, surgindo algum impasse na elucidação de um fato, fossem encontradas respostas através do diálogo e de lembranças compartilhadas. Portanto, enquanto integrante desta localidade onde foi feita minha pesquisa, assumi o compromisso de realizar *um trabalho ombro a ombro*, da forma proposta por Ecléa Bosi (1979).

O propósito deste trabalho é, portanto, resgatar através da memória coletiva, no período já mencionado, a importância destas festas para os moradores locais, bem como os processos de adaptação encontrados pela sua população para que elas não se extinguissem, e os vários fatores que levaram à sua quase extinção.

unesp

Nesta comparação entre o ontem e o hoje, não se busca discutir que época é considerada a mais rica ou a melhor para a localidade. É uma tentativa de mostrar e compreender, através da lembrança, quais as transformações ocorridas com as festas, as conseqüências trazidas para o relacionamento entre os atores sociais que dela participam ou participaram algum dia, e os valores atribuídos às festas de hoje e de ontem.

Procurou-se mostrar os diferentes momentos do processo de sociabilidade vividos pela população de Rosália, no período que se inicia no final da década de setenta, até a década de noventa do século passado. Assim, estabelecemos um diálogo entre pesquisador, informante e o grupo social como um todo, tendo as lembranças como fio condutor que possibilitou evocar, na memória dos participantes, imagens das festas em homenagem aos Santos católicos.

Paralelamente, foi possível discutir também as novas formas encontradas pela população para manter a sociabilidade e solidariedade, bem como o aspecto de divertimento que as antigas festas, após tais transformações, não mais conseguiram preservar.

Foram pesquisados pontos de convergência e de divergência que pudessem existir na organização e realização das festas, principalmente a dos Padroeiros e a Folia de Reis, de acordo com o depoimento dos rosalienses, contrapondo-os aos trabalhos já realizados e que tratem do mesmo tema.

A pesquisa foi desenvolvida através de entrevistas com pessoas de diferentes faixas etárias e de ambos os sexos.

unesp

O plano da dissertação está organizado da seguinte forma: apresentação, três capítulos e as considerações finais.

No primeiro capítulo, é apresentado o Distrito de Rosália, sua descrição física, sua história, população e costumes, dentre os quais estão inseridas as festas religiosas que são o foco central desta pesquisa, buscando proporcionar ao leitor uma melhor compreensão do cotidiano dos moradores locais

No segundo capítulo, é feito um comentário da bibliografia utilizada na dissertação, na tentativa de buscar uma delimitação mais substancial da temática proposta, paralelamente a uma apresentação do cotidiano de Rosália através de uma *descrição densa* desta realidade específica.

No terceiro capítulo é estabelecida uma comparação entre as festas de ontem e as de hoje, baseando-se no discurso de cada um dos sujeitos da pesquisa, concentrando-se na discussão e compreensão da memória destes como fio condutor da temática.

E por fim, são apresentadas algumas considerações sobre o que pode ser apreendido e aprendido através da realização da pesquisa, segundo a temática proposta.

unesp


N
Escala
São José do Rio Preto
Ribeirão Preto
Rosália
Presidente Prudente
Marília
Bauru
Ourinhos
São Paulo
Estado de
São Paulo

Vista Aérea do Distrito de Rosália.



1 AQUI COMEÇA UMA HISTÓRIA

Não é muito apropriado referir-se ao que não existe ou, no mínimo, não pode ser comprovado. No entanto, o Distrito de Rosália é exatamente "um não existir". O que existe, de fato, é um povoado com uma população pouco superior ao número de mil habitantes que não possui uma história escrita oficial ou mesmo legal. Algumas pessoas, contam um caso ou outro sobre os primórdios da vila, pedaços de lembranças compartilhados pelos moradores antigos que não se organizam sistematicamente. Com os seus depoimentos, tentamos construir uma história ainda não contada.

1.1 Uma história não contada, ou mal contada?

Os moradores mais antigos de Rosália, acreditam que esta seja mais velha que Marília[6]. Mas se nos apoiarmos na literatura da época, como é o caso de Amador Nogueira Cobra (1923), um dos primeiros a escrever sobre o sertão do Oeste Paulista, percebemos que isto não seria possível: segundo o autor, o vale do rio Feio, depressão geográfica situada ao norte de Marília, não possuía nenhum habitante "branco", apenas índios coroados[7]. Isto até fins da década de dez e início da década de vinte do século passado, quando surgiram as primeiras casas no Alto Cafezal, atual cidade de Marília.

A concepção desta pesquisa teve como incentivo o longo período (aproximadamente doze anos), em que o pesquisador se ausentou do convívio

---

[6] Elevada a categoria de Município em 1929.
[7] Designação popular para os Kaigang.

unesp

diário desta vila. Todas as vezes em que retornava ao Distrito de Rosália, as conversas nas calçadas ou na hora do cafezinho em cada casa visita, levavam-me a recordar as animadas festas que existiam ali nas décadas de setenta e oitenta, das quais também eu era um participante ativo. Destes contatos, surgiu o interesse em apreender o cotidiano apresentado e vivido pela população rosaliense nos dias atuais, partindo de relatos de seus moradores, segundo os quais as festas religiosas tendem a desaparecer.

A pesquisa somente pôde ser realizada através do resgate da história coletiva, e antes de tudo oral, que se encontra viva na memória dos mais antigos do lugar. A possibilidade de se usar fontes documentais são poucas, já que não existe em Rosália qualquer repartição pública[8]. Utilizamo-nos então da lembrança e, a partir dela, buscamos construir o processo de sociabilidade mantido pelas festas religiosas, ao longo destas duas décadas, e as suas conseqüências na vida destes moradores.

1.2 Um hiato na memória!

Ao norte da cidade de Marília, a uma distância de 26 quilômetros, fica o Distrito de Rosália, pequena cidade que no Censo de 1991, contava com 1622 habitantes em seu perímetro urbano, acomodados em seus 630 domicílios[9]. Com um comércio modesto constituído por dois estabelecimentos comerciais fornecedores de gêneros alimentícios, oito bares e um *trailler*, não apresenta condições de empregar a totalidade de sua população. A pobreza do comércio

[8] Cartório, delegacia, prefeitura etc.
[9] O número de habitantes não são os mesmos, segundo contagem rápida realizada pelo IBGE no ano de 1999, embora não tenhamos o número oficial para arrolar neste trabalho.

unesp

faz com que esta população se "mova" em todas as direções, tentando desta maneira encontrar meios de suprir suas necessidades básicas.

No final da década de vinte e início da década de trinta do século passado, teve início a povoação da bacia do Rio Feio, situada ao Norte da serra dos Agudos do Estado de São Paulo.

A história deste Distrito ainda não foi escrita e todos os dados arrolados neste trabalho, foram obtidos através de conversas com pessoas idosas que afirmam que o Distrito surgiu no final da década de vinte do século passado. Documentalmente foi constatado que até 1937, a denominação do local era de Vila Tibiriça, por ter sido construído próximo ao rio de mesmo nome. Mas, devido à existência de um outro Distrito de Paz, situado mais ao norte e com igual nome, foi necessário que se escolhesse outra denominação para o novo Distrito. Ao deputado Bento de Abreu Sampaio Vidal, representante da região na Assembléia Legislativa, foi dada a tarefa de fazer tal escolha. Ao final da procura, o citado senhor chegou à conclusão de que o mesmo deveria chamar-se "Primavera", porque a escolha foi feita no mês de setembro e homologada em outubro, com

> *"...a criação do Distrito de Paz Primavera, através da lei n.º 3127 de 10 de novembro de 1937,(...) tendo como primeiro serventuário o Sr. Antônio Piacenti."* (Lara: 1982, p. 27)

Os Distritos de Paz[10] tinham como principal tarefa facilitar a vida de sua população nas esferas econômica, social e cultural. Estes sempre foram criados para diminuir sofrimentos devido a longas caminhadas para a realização de casamento civil ou religioso e sepultamento. Era também de

---

[10] Aqueles vilarejos que conseguissem amealhar ao seu redor um bom número de moradores, conquistavam o direito de possuir Cartório de Registro e Cemitério. A partir daí era designado um serventuário que lavraria todo tipo de registro referente às necessidades locais.

grande utilidade para o homem da agricultura no fornecimento dos víveres de primeiras necessidades e ferramentas, contribuindo sempre com grandes cifras para a economia do município (Vidal: 1938, p. 37).

Existe, porém, um hiato entre a mudança do nome Primavera para Rosália, o qual não foi possível de ser resgatado nas entrevistas realizadas nem em qualquer outra fonte disponível. A primeira menção ao nome de Rosália foi encontrada em um dos números do Jornal Alto Cafezal (1942) da cidade de Marília. Tal menção não tinha relação alguma com a mudança de nome do Distrito, apenas dizia respeito à cobrança de uma taxa de impostos municipais, referente à conservação das estradas de rodagem. Tal taxa era cobrada a cada um dos proprietários rurais de acordo com o comprimento do imóvel no sentido paralelo à estrada. Isto é tudo o que existe sobre a nomeação de Rosália em um tempo mais distante.

O Sr. Dionísio[11] pouco se lembra das datas. Mas tem em suas informações as mudanças de nome do Distrito, ainda que em alguns momentos ele faça um pouco de confusão:

> "*...eu cheguei em 36, daí foi aumentando os anos para a frente e eu não sei se foi em 37, 38, 39. Eu sei que de Rosália passou para Primavera, não de Tibiriça passou para Primavera, depois de Primavera, Rosália...*" (Sr. Dionísio: depoimento [jul 1999], Rosália).

Dona *Lica*, uma outra moradora, nem ao menos se lembrava do tempo em que Rosália foi chamada Primavera:

> "*...Tibiriçá era Rosália. Tinha o nome de Tibiriçá. Aí foi abrindo sítio "prá'qui, prá'lí. Depois teve esse nome de Primavera, eu nem me lembrei...*" (Dona. *Lica*: depoimento [jan. 2001], Rosália).

---

[11] Optei por apresentar nominalmente alguns dos sujeitos da pesquisa, pelo fato deles não se oporem a isto.

Em conversa, indaguei se havia algum fato como nascimento de alguma criança, casamento ou morte de alguém que lembrasse a mudança do nome Primavera para Rosália, mas foi em vão. Nenhum deles conseguiu atinar qualquer fato que pudesse dar alguma pista.

Os imigrantes orientais antecederam aos migrantes mineiros e baianos, conforme veremos a seguir.

Existe uma lembrança muito forte de quem fora o dono das terras nas quais foram construídas as primeiras casas do Distrito de Rosália. O Sr. Dionísio diz que o dono " *...Era Kanite Yamane. Era um japonês, ele era engenheiro...*" que no período da guerra entre Estados Unidos da América e Japão fugiu de Rosália; seu destino até hoje é ignorado.

Ao questionar o Sr. Dionísio sobre lembranças da Segunda Guerra Mundial, tanto ele quanto sua esposa referiram-se ao movimento dos japoneses que não aceitavam a idéia de que o Japão perdera a Guerra para os Estados Unidos da América. A fuga do Sr. Kanite Yamane pode ter a ver com essa perseguição dos então chamados *Shindo Hemei*[12].

> "– *Quando acabou a guerra, tinha uns japoneses que não queriam que falasse que o Japão tinha entrado no meio e tinha perdido lá a questão, sabe? Então tinha uns japoneses ... aqui aquele tempo criava muito bicho de seda, n/é? E esses japoneses que não acreditavam que o Brasil, que o Japão tinha perdido, vinham matar aqueles que sabiam, que falavam que o Brasil tinha perdido, que o Japão tinha perdido a guerra, n/é. Então eles punham fogo no rancho de bicho de seda. Pôs muito fogo ...*" *(Sr. Dionísio).*
>
> "– *Chamavam Shindo!*" (Dona. Ilda).
>
> "– *Chamavam Shindô Heme...*" *(sic.)* (Sr. Dionísio).

[12] Para maiores informações sobre o movimento japonês denominado *Shindo Hemei* ocorrido no Brasil na época da Segunda Guerra Mundial e envolvendo duas facções de imigrantes japoneses, ver trabalho de: Moraes, Fernando. *Corações sujos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

unesp

> "– *Era Shindô, ... esses japoneses, que punham fogo nos galpão.*" (Dona. Ilda).
>
> "– *Eles punham fogo nos galpões daqueles que falavam que o Japão tinha perdido a guerra ... eles não acreditavam não...*" (Sr. Dionísio e sua esposa Dona Ilda: depoimento [julho de 1999], Rosália).

Em seu depoimento Dona Alcenita nos diz que no momento de sua chegada na Vila Tibiriça, aos doze anos de idade

> "*...Só tinha a casa do finado Yamane e essa casona aí que eu estou falando. (...) ali tinha três japoneses que trabalhavam para ele: Augusto, Maeda (...) ah! Otávio. Augusto, Otávio e Maeda, moravam na casa.*" (Dona Alcenita: depoimento [jan. 2001], Rosália).

Serão analisados a seguir os motivos que fizeram com que estas pessoas migrassem do Nordeste para a região Sudeste, particularmente para o Estado de São Paulo.

1.3 Elementos que influenciaram a migracão destes grupos.

Sendo o Distrito de Rosália formado em sua maioria por nordestinos ou seus descendentes, surgiu a idéia de estudar no Distrito de Rosália, entre os retirantes idosos, os motivos que os fizeram migrar do Nordeste.

Itamar de Souza (1980), em seu livro *Migrações internas no Brasil,* diz que

> "*Alguns estudiosos da realidade brasileira afirmam que o povo brasileiro, e especialmente o nordestino possui um* instinto migratório, *uma espécie de* mania ambulatória." (p. 09, grifos do autor).

No parágrafo seguinte o autor critica tais correntes, dizendo:

> "*Ao contrário destes que apelam para fatores biopsíquicos a fim de explicar as migrações internas no Brasil, afirmamos que os grupos sociais sempre emigraram na direção daqueles espaços geossociais, onde o sistema capitalista concentra as maiores ou as melhores oportunidades de emprego, bem estar e ascensão*

> *social. Por conseguinte, as migrações internas de um país não são um hábito congênito de sua população, mas, ao contrário, surgem historicamente como decorrência de suas mudanças sociais.*" (Souza: 1980, p. 09-10).

Os fatores que ocasionaram a saída do migrante estrangeiro, de certa forma, observando as condições históricas, atuaram também sobre as migrações internas no Brasil, como por exemplo, a alta densidade demográfica que elevava a concorrência por alimento e emprego; a redução ou quase inexistência de ganhos; a não propriedade da terra ou cataclismas cósmicos. E os fatores que exerceram o poder de atração, tanto para os estrangeiros, quanto para os "errantes nacionais", também podem ser os mesmos, como a abertura de novas fronteiras agrícolas, ou a propriedade da terra, ou ainda a abundância de alimentos.

Se a imigração não tinha como causa maior a guerra, ao menos os períodos entre guerras faziam com que a população aumentasse. Com isto havia uma vertiginosa elevação na concorrência pela posse da terra, por salários ou alimentos.

Entre os migrantes nordestinos, as principais causas do deslocamento populacional, conforme nos apontam estudiosos do assunto, foram a alta concentração da propriedade da terra, os incrementos ou a expansão do progresso técnico na agricultura, os baixos salários, as secas nordestinas periódicas e o crescimento vegetativo da população rural. Destacam-se como principal foco de convergência as regiões sul e sudeste, cujos atrativos eram os salários mais altos, melhores oportunidades na *fronteira econômica agrícola* e outras vantagens que em sua maior parte estavam concentradas nas cidades.

A falta de terra na quinta geração, como observa Harris (1956), torna-se fator preponderante para a saída dos nordestinos da região de Brumado,

unesp

Estado da Bahia, ao que o autor denomina como *fome de terra*. Ocorre, porém, que para estes retirantes o que aparece como fator principal de sua saída é a atração de fora representada pelos altos salários. Não há, portanto, na visão destes migrantes, a percepção das "*...forças que daí o repelem, surgindo, ao contrário, no nível da sua consciência as de atração, no anseio, por exemplo, de trocar a meiação pelo salário com a migração para São Paulo*" (Harris *apud* Lopes: 1978, p. 56), o que pode ser complementado pelas palavras de Harris: "*O trabalhador agrícola atraído para São Paulo não é arrancado de suas terras – pois eles não as possui.*" (Harris, 1956).

Em seu depoimento, Dona Alcenita não diz com clareza que a falta de terras ocasionou a saída de sua família da cidade de Curvelo[13]. Mas pelo número de componentes da família: seria praticamente impossível a fixação dos dezessete irmãos e seus futuros descendentes na terra. E a saída foi inevitável.

O crescimento vegetativo da população, principalmente na Região do Cariri[14], foi um grande impulsionador das migrações, em decorrência das grandes secas.

No século XIX, houve no nordeste brasileiro o "aparecimento" da cultura do algodão mocó, surgida do cruzamento natural entre algumas espécies de algodão nativas, de forma que assimilou características de xerófila,

---

[13] Região centro norte do Estado de Minas Gerais.

[14] *"...Variedade de Caatinga com vegetação pouco áspera"*. (Aurélio), que corresponde a descrição feita por Furtado (1964) referente a área de menor precipitação pluviométrica *"...formada por uma faixa que se estende do norte da Bahia ao Rio Grande do Norte, passando pelo interior de Pernambuco e da Paraíba logo em seguida à região agrestina..."* p.170).

unesp

o que lhe capacitou tornar-se resistente às condições do ambiente nordestino (Furtado: 1964, p. 172).

Até o aparecimento do algodão mocó e seu alastramento por toda a caatinga, a única forma de economia organizada do sertão nordestino era a pecuária extensiva. Mas em conseqüência da "grande fome de algodão" (Furtado, 1964: 172), provocada pela guerra civil americana, o interesse pela produção na região nordeste cresceu, criando assim raízes profundas.

Com a penetração da cultura algodoeira no nordeste, houve a absorção daquela parcela da população que buscava o agreste para estabelecer uma economia de subsistência no período das secas; ou seja, não mais era necessário "errar" do sertão para o agreste nos períodos de flagelo, o algodão dava-lhes condições de permanecer por ali. O casamento entre a cultura do algodão e a pecuária era perfeito. O latifundiário possuía à sua disposição mão de obra barata para cultivar o algodão o ano todo, e no período de chuvas plantava para sua subsistência os legumes, o que lhe proporcionava palha para a alimentação do gado após a colheita. O proprietário ganhava a renda produzida pelo algodão mantida por mão de obra barata e, ainda, meios de alimentar o gado nos períodos de seca prolongada através de sua palha.

"*Essa combinação aparentemente tão feliz da pecuária com o algodão arbóreo*[15]" (Furtado: 1964, p. 173), intensificou o problema das secas. Durante o período em que no sertão a exploração econômica era quase que exclusiva da pecuária, as secas tinham repercussões sociais limitadas, ou seja, havia um

---

[15] **Uma variedade de algodão *"...originária da Caatinga, conhecida como mocó, é uma planta xerófila, portanto capacitada para resistir às peculiaríssimas condições do meio..."*, no qual vive um roedor chamado Mocó, que provavelmente emprestou o nome a espécie de algodão. Ambos são peculiares àquele clima.**

impacto catastrófico apenas sobre os rebanhos. A inserção da cultura algodoeira associada à não-saída do sertanejo para outra região – devido ao parco ganho originado da panha do algodão e a produção de subsistência – levou a um considerável aumento da população, o que transformou as secas em um problema social de grandes dimensões, ou seja, calamidades nacionais.

Na década de trinta do século passado, houve o decréscimo da imigração estrangeira devido "*...a crise do café em 1929, e ao estabelecimento de quotas pelo governo federal em 1934.*" (Lopes: 1978, p. 59), fatores estes que fomentaram o recrutamento de migrantes nacionais, dando a esse movimento um caráter contínuo. Até então, o migrar era encarado como "*...uma desgraça que recaía sobre a família.*", (Costa Pinto *apud* Lopes: 1978, p: 59). Após a década de trinta, surge "*...uma esperança de melhores dias,*" (Costa Pinto *apud* Lopes, 1978: 59) e àqueles que ficavam restava aguardar o envio de dinheiro dos que partiram, para também poderem migrar.

Concomitante a esta nova idéia de migração como esperança, temos as melhorias da rede de transportes. A princípio, os nordestinos que moravam próximos ao litoral dos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia faziam tal viagem de navio. No Estado de Minas Gerais, aqueles que moravam "próximo"[16] às cidades de Montes Claros e Pirapora, alcançavam os Estados mais ao Sul através da Central de estradas de ferro do Estado.

[16] Com relação à percepção que o homem rural tem do espaço/tempo, ver o trabalho de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973).

unesp

Com a construção da estrada de rodagem Transnordestina, chegou a era do transporte em caminhões e dos "*paus-de-arara*" [17] (Lopes: 1978, p. 59), que ocasionou o engrossar das correntes migratórias para a ilusão do "*Eldorado Paulista*" (Lopes: 1978, p. 55).

Ao saírem de sua região de origem, estes migrantes, aparentemente, sentiam-se ofuscados por uma "atração de fora" e, como dissemos anteriormente, não percebiam que a "expulsão natural", era ocasionada pela falta de terra. Quando se davam conta da expulsão, atribuíam o motivo de sua saída da região aos efeitos ocasionados pelas secas prolongadas. Lopes (1978) vai dizer que a força de atração dessa gente eram

> "*...os salários mais altos das zonas rurais do Sul, as melhores oportunidades na fronteira econômica agrícola, e vantagens de toda ordem, na sua maior parte concentradas nas cidades (não só salariais, como também no tocante à legislação social, educação, etc.).*" (p. 55).

Portanto, os fatores que exerciam o poder de atração, tanto para os estrangeiros quanto para os "errantes nacionais", eram quase sempre os mesmos.

Todo o processo de recrutar migrante da Região Nordeste do país, teve como principal aliciador o governo paulista, que concedia passagens e encaminhava os trabalhadores à fazendas para suprir a necessidade da mão de obra, ocasionada pelo corte abrupto da imigração estrangeira. Dona Lica nos relata a viagem de sua família de Curvelo até a cidade de São Paulo: "*...Viemos de Curvelo até Belo Horizonte, depois pegamos a migração para São Paulo. Não tinha nada de pagar passagem. Era migração...*"

---

[17] Devido a precária condição de transporte das muitas famílias, nos solavancos da carroceria de um caminhão, assemelhando-se a um bando de pássaros pendurados em uma única árvore, deram o nome à estes caminhões de "*paus-de-arara*", bem como às pessoas.

unesp

A migração, tanto para Dona *Lica* quanto para a maioria dos migrantes nordestinos, era o local onde as famílias recém-chegadas passavam por uma triagem. Ali eram alimentadas por um período e, depois de receberem mais alguns víveres, eram encaminhadas às fazendas produtoras de café no interior do Estado de São Paulo. Atentemos para a fala de Dona *Lica*:

> "*...vinha muita família. Então ficava num lugar em São Paulo que se chamava migração.(...) ficava dois dias. Muitas famílias baiano, mineiro tudo ali misturado. Aí eles* (funcionários do Departamento de Migração)*(...) davam umas bolas de mortadela, pão e a gente acaba de chegar no lugar que agente tinha que chegar...*" (Dona *Lica*: depoimento [jan. 2001], Rosália).

E assim, graças aos já citados elementos impulsionadores dos migrantes de suas regiões de origem, paralelamente aos elementos de atração da região de destino, a Vila de Tibiriça foi se constituindo.

Mesmo que a história de Rosália não tenha sido documentada, ela continuou a ser "escrita" pela atuação de seus moradores, quer fossem migrantes ou imigrantes. Este aspecto fez com que Rosália viesse a diferir do que Lobato (1959) retratou em *Cidades Mortas*.

Descrevendo essas cidades, o autor faz referência às casas em ruínas, carcomidas e abandonadas, em decorrência do declínio da cafeicultura naquela região. Enquanto o café consumia a fertilidade dos solos do Vale do Parnaíba, as cidades viviam o apogeu das riquezas, a elite amealhava grandes fortunas e a população tinha uma vida social intensa.

Com o "arruinar" dessa economia, toda a estrutura criada, esvaiu-se e à população restou sair em busca de novas alternativas de vida. A História deixou de ser impressa nessas *Itaócas*[18] pela falta de agentes e atores sociais

[18] Da língua Tupi, *Ita:* pedra; *oca: gruta, morada.* Literalmente: *morada de pedra* (Aurélio).

unesp

que dessem continuidade às relações de sociabilidade. Assim, os casarões, prefeitura, casas bancárias, cartórios, delegacias etc., iam sendo carcomidos pelo cupim e as intempéries, conforme descreve o autor:

> *"Ali tudo foi, nada é. Não se conjugam verbos no presente tudo é pretérito. (...) Pelas ruas ermas, onde o transeunte é raro, não matracoleja sequer uma carroça; de há muito, em matéria de rodas, se voltou aos rodízios desse rechinante símbolo do viver colonial – o carro de boi. Erguem-se por ali soberbos casarões apalaçados, de dois e três andares, sólidos como fortalezas, tudo pedra, cal e cabiuna; casarões que lembram ossaturas de megaterios donde as carnes, o sangue, a vida para sempre refugiram. (...) São os palácios mortos da cidade morta."* (Lobato: 1959, p. 03-04)

Em Rosália, as mudanças ocasionadas pela economia não intimidaram uma boa parcela da população que continuou a imprimir suas marcas na história local. Com as transformações vividas no setor agrícola, seus moradores foram se adaptando e buscando novas formas de ganhar a vida.

Esta pequena vila, Rosália, cuja história é uma incógnita, em poucos detalhes apresenta diferença das demais pequenas cidades interioranas.

A disposição das quadras lembra um enorme tabuleiro de xadrez, no qual as linhas, representadas pelas ruas paralelas e perpendiculares, cruzam-se no pequeno espaço geográfico em que a mesma se situa.

As casas, em sua maioria, são de madeira e cobertas com telha francesa. Aqui ou ali, de data mais recente, encontramos algumas construídas com tijolos e argamassa, cobertas com telhas de fibra e cimento amianto.

No início de sua criação, devido à grande distância entre a Vila e as olarias, bem como a abundância de madeira, segundo os moradores mais antigos, algumas das primeiras casas construídas tinham sua cobertura feita com tabuinhas.

unesp

> "*...O pessoal não ia em Marília para comprar tábua, vigotas, caibro, essas coisas.... O Serrador, aqui é quem tirava.(...) Era casa de pau, coberta de tabuinha...*" (Seu Dionísio: depoimento, [jul. 1999], Rosália).

Dentre os migrantes menos abastados a opção era usar da imaginação e construir um abrigo para a família. Dona Alcenita descreve a casa na qual foi morar juntamente com seu marido, ao se mudarem para o lugar em meados da década de trinta, como sendo algo inabitável para os padrões exigidos nos dias atuais. Não só pela estética da casa, mas também por suas dimensões.

> *" ...E nós fomos morar, foi a casa melhor que tinha aqui, era a que nós fomos morar. Era um galpãozinho que tinha ali do lado de cima daquele barranco lá.* (Aponta para a frente de sua casa no sentido Sudoeste, onde há um barranco bastante alto). *Só a salinha e o quarto. E uma cozinha que nós mesmo fizemos, assim de pau a pique, sabe? Feito chiqueiro..."* (Dona Alcenita: depoimento [jan. 2001], Rosália).

O chiqueiro ao qual ela se refere é a pocilga onde são confinados os leitões destinados à engorda, após a castração. Para que o ganho de peso seja rápido e total, os animais são confinados em espaços bastante limitados, para que não gastem muita energia.

Existiam, porém, migrantes que devido à situação financeira ainda mais precária, construíam casas cujas paredes eram feitas com lascas de coqueiro e caiadas com uma massa de barro e água, tendo cobertura de sapé. A mistura de barro e água, após a secagem, isolava o interior dos casebres das intempéries às quais estava exposto o exterior. A exemplo, podemos citar o depoimento do Sr. Dionísio:

> "*...o resto era tudo casa de coqueiro era umas casas ... feita de pau de coqueiro (...) infincados no chão, parece que era coberta de sapé (...) tinha bastante ranchinho de morador...*" (Seu Dionísio: depoimento [jul. 1999], Rosália).

Até aproximadamente uma década atrás, era possível encontrar no vilarejo algumas destas casas, porém com cobertura de telha de barro.

unesp

A cidade, como outra qualquer, independente do tamanho, apresenta divisões de acordo com o poder aquisitivo de seus moradores. Na parte mais alta, ou seja, ao lado da praça e da capela e na parte central do Distrito, moram os menos pobres. Na parte mais baixa do vilarejo, reside a população menos abastada. As casas, mesmo que construídas em alvenaria, possuem aspecto que não condiz com o local. Adentrando nestas, em poucas se encontra banheiro e privada ligados à rede de esgoto, o que explica o remanso dos detritos fecais nas valas a céu aberto.

No vilarejo não se tem igreja e sim uma capela, cuja torre única e atarracada nem de longe dá indícios para que se classifique o seu estilo arquitetônico. A sua torre é, sem sombra de dúvida, o ponto mais alto dos edifícios, pois localiza-se na parte mais alta do terreno no qual a cidade foi construída, dando a impressão de que está a vigiar a cidade, bem como àqueles que chegam e saem. Em um aspecto, a capela difere das demais existentes nas muitas cidadezinhas interioranas, pois não está situada no centro de uma praça, e sim ao lado dela.

Ao lado da praça, localiza-se o prédio escolar que atende ao ensino fundamental e médio. Sua construção data de 1958. Preserva seu "ar" de escola rural, apesar de ter passado por inúmeras reformas ao longo destes quarenta anos.

Do lado direito da escola, separado por uma rua, está o Departamento de Águas. Neste ponto mais alto do vilarejo, as águas são captadas através de bombas de sucção, diretamente do lençol freático e conduzidas às caixas de armazenamento, onde serão adicionados cloro e flúor e posteriormente distribuída às casas.

unesp

Convém mencionar ainda dentro deste tópico, a existência de uma estação de tratamento de esgotos domiciliares. Após o tratamento do esgoto bruto, são eliminados 95% da matéria orgânica total, e o restante, que é lançado no riacho, não altera a vida do mesmo. Portanto, em Rosália, já existe uma certa preocupação com o meio ambiente.

Novos costumes vão sendo incorporados a este universo, com uma velocidade impressionante. Pela manhã, as pessoas se cumprimentam com os típicos "*Bom dia, como vai?*" Nos bares, falam da vida alheia com naturalidade. Á noite, aproximadamente um terço da população local vislumbra através do aparelho de televisão, além de novelas, notícias de várias partes do mundo, captadas por antenas parabólicas suspensas sobre os telhados do casario.

Nestas paragens não se faz a aquisição de um decodificador de sinais e uma antena parabólica por *status*, e sim para que se tenha uma melhor recepção de imagens. Isto pode ser comprovado pelas casas nas quais vemos estas antenas. Em sua posição voltada para o poente, as parabólicas instaladas em algumas casas, transmitem-nos a impressão de estarem equilibrando-as, para que não venham a ruir, tão precário é o estado de conservação destas.

A incursão pela história do vilarejo, sua conformação física, bem como seus costumes, servem de pretexto para discutir as transformações ocorridas ao longo dos anos, e principalmente após a década de setenta, partindo do ponto de vista dos próprios moradores do vilarejo. É necessário, então, que falemos um pouco daqueles que participaram do *fazer* a história de Rosália: os nordestinos.

unesp

1.4 No rosto o cansaço, na bagagem a fé.

Recém chegados do Nordeste, traziam o cansaço estampado no rosto, na bagagem a fé envolta em trapos, e algumas sementes de plantas nativas como o umbu e a umburana. Despojados de seu *habitat,* a adaptação destes errantes à nova terra era necessária. O sofrimento de outrora com a escassez da água, o percorrer de grandes distâncias para buscar o líquido precioso, seria agora, substituído pelo excesso de lágrimas: saudades daqueles que não puderam empreender viagem tão exaustiva.

Saindo de uma região de clima semi-árido, quase desértico, onde o plantio dependia das chuvas, que muitas vezes teimavam em não cair para molhar o chão, chegaram os *retirantes* na região sudeste do país, Estado de São Paulo, no incipiente Município de Marília. Se, por um lado esta nova terra docemente proporcionava abundância em alimentos e uma regular e prolongada estação de chuvas, por outro lado apresentava-se hostil, pois o inverno era rigoroso, com temperaturas baixíssimas, se comparado com o inverno em suas terras de origem.

Na nova terra, não iriam mais brigar para defender a cidade de onde se originavam. Falariam em nome de uma única naturalidade que os unia: o Estado de procedência. Se perderam os laços com os padroeiros da cidade de origem, em compensação, se tornaram fiéis ao Santo tido como protetor de todos aqueles que nascessem em seu Estado natal.

A fé do povo baiano é fundamentada em dois Santos católicos: Senhor do Bom Fim, adorado no Norte e Nordeste baiano e o Senhor Bom Jesus, cujo santuário localiza-se na região Oeste do Estado da Bahia, na cidade de Bom

Jesus da Lapa, exercendo grande influência nas regiões Sul e Sudoeste do referido Estado, estendendo-se muitas vezes até a região Norte do Estado de Minas Gerais.

Os primeiros migrantes que chegaram na Vila Tibiriçá, provinham dos Estados de Minas Gerais e da Bahia, como nos atesta o Sr. Dionísio, que veio da Bahia e por um tempo esteve

> "*...no Rio de Janeiro. Fui pro Rio de Janeiro em 35, fiquei lá um ano, depois voltei lá pra Aliança perto de Guaimbê. Foi quando minha família veio da Bahia, aqui para Rosália, então eu precisei vir para ficar perto deles...*" (Seu Dionísio: depoimento [jul. 1999], Rosália).

A procedência da família de Dona *Lica* é da cidade de Curvelo, Estado de Minas Gerais, conforme seu depoimento. Dona Alcenita fala um pouco mais do migrante, procedência e finalidade de sua grande viagem:

> "*...Depois chegou um baiano aqui, esse tal Dió*[19]*. (...) Ele chegou, ele já tinha o irmão dele, o Antônio Francisco, morava ali de frente ao meu galpão. Aí eles inventaram de "fazer" um açouguezinho berachão, sabe? (...) vinha aqueles baianos desses sítios, desse mundo todo.(...) Vinha da Bahia para poder trabalhar para os japoneses...*" (Dona Alcenita: depoimento [jan. 2001], Rosália).

Ao chegarem na nova terra dão segmento às festas em homenagem aos Santos cultuados em sua terra natal, pois estranhados por um meio adverso ao seu "*...a religião é importante fator de coesão grupal...*" (Queiroz: 1978, p. 135). Embora provenientes de cidades diferentes, existiam os laços regionais a envolvê-los. Ao se instalarem na zona rural da nova região, a religião passa a funcionar como "*...instrumento para o restabelecimento de inter-relações sociais abaladas, sem as quais a vida em grupo é impossível...*" (Queiroz: 1978, p. 135).

---

[19] O *Dió*, a quem a Dona Alcenita faz referencia é o mesmo Seu Dionísio, também sujeito da pesquisa.

unesp

Para ilustrar tal questão, podemos citar o compadrio como forma de aproximação entre as diferentes famílias, quer seja pelo casamento ou pelo batismo.

1.5 Águas rolam ... o tempo flui ... as mudanças acontecem!

Ao longo dos tempos, nas adjacências do Distrito de Rosália, casebres e mais casebres construídos nas clareiras em meio da mata lançavam de suas chaminés espirais de fumaça. Estas informavam àquele que as enxergava, ser aquele um local habitado. A região era cortada por grande número de pequenas roças que contribuíam tanto para a subsistência dos lavradores, quanto para a economia do vilarejo. Mas aos poucos, o esplendor do milharal com suas *bonecas* e seus cabelos vermelhos, a alvura dos capuchos do algodão, o dourado dos cachos do arroz, a cor *palha* das vagens de feijão seca, vão desaparecendo, juntamente com as espirais de fumaça e os pacatos casebres.

Nos grandes centros urbanos, principalmente na cidade de São Paulo, indústrias pesadas como a metalúrgica, automobilística e de maquinaria agrícola, vão retirando da terra, magnetizados pelos altos salários, os braços impulsionadores destas economias de base familiar.

A este engodo representado pelos altos salários, acrescente-se ainda o não arrendamento de terras para agricultores que não possuíssem máquinas agrícolas motorizadas, fazendo com que, ao renderem contrato em uma propriedade, as famílias tivessem que encontrar novos ganhos.

unesp

Reconstruindo os passos da população do vilarejo, podemos dizer que alguns dentre eles foram "convidados a deixar a terra" quando o capital assumiu e substituiu os modos de produção familiar, tendo como arautos os avanços tecnológicos e a mecanização da agricultura. Aqueles poucos que não se aventuraram pelo desconhecido, ao se fixarem na vila, tiveram como única saída trabalhar no que o vilarejo oferecia: a agricultura assalariada dos cafezais ou da cultura do amendoim, o que fez com que estes "despossuídos", passassem a trabalhar como bóia fria, enfrentando os solavancos das carretas puxadas por tratores.

Façamos um aparte para explicar o que é um *bóia fria*. Para os próprios trabalhadores o termo *bóia fria* é utilizado para fazer distinção entre a condição anterior, quando eram donos de seu tempo de trabalho, e a condição atual, quando trabalham para outros. Enquanto moradores da zona rural, acordavam cedo e caminhavam para o roçado. Por volta de nove horas da manhã chegava o almoço que ainda estava quente, devido à pequena distância entre a casa e a roça. Conforme palavras de Mello (1976),

> "*A designação* bóia-fria, *dada ao volante, decorre das condições mais freqüentes em que se realiza o seu trabalho. Contratado para desempenhar tarefas em pequenos intervalos de tempo, o volante não pode se fixar no local onde trabalha. Via de regra, viaja diariamente para aquele local, levando uma pequena marmita ou caldeirão, com o alimento que lhe servirá de almoço. À falta de instalações para o seu devido aquecimento, a comida é ingerida fria.*" (p. 109).

Quando estes trabalhadores rurais migraram para a cidade e passaram a vender sua força de trabalho, a distância entre a casa e o local de trabalho se tornou grande, fazendo-se necessário então, que eles levassem a comida assim que saíam de casa. Pela manhã, ao sentarem-se para almoçar, a comida já estava fria, o que deu origem, segundo eles mesmos, ao *bóia fria*.

unesp

Com a cafeicultura, pouca coisa mudou na vida dos trabalhadores. Cabe aqui uma breve descrição do processo da colheita do amendoim e do café, e do papel do trabalhador rural nesse processo.

A colheita do amendoim é composta de duas etapas: o arrancar ou chocalhar e o bater[20].

O chocalhar, comumente dito *chaqualhação*[21], consistia em retirar a planta do solo, movimentá-la, balançando-a para que a terra se soltasse das vagens. Para facilitar a *chaqualhação*, era necessário que se fizesse a ceifa da raiz mestra, o que poderia ser feito com tração animal ou com uma máquina agrícola. Após terem sido arrancados do solo, os montículos eram depositados na mesma direção em que haviam sido plantadas as ruas. Após a *chaqualhação*, os pares eram depositados em uma rua apenas, o que facilitaria a próxima etapa da colheita, que era *o bater*.

A forma de pagamento por este serviço se dava pelo número de pares, também denominados *cordão*, que cada pessoa conseguisse *chaqualhar* em um dia.

A tarefa posterior à *chaqualhação*, consistia em juntar os pequenos montes chamados *bandeira*, erguê-los no ar e com força batê-los de encontro a um balaio.

O balaio era um trançado de vime de bambu, cujo fundo, totalmente fechado apresentava tamanho menor que a boca. Na boca do balaio, em

---

[20] É provável que em todo o processo descrito a seguir, quer seja da colheita do amendoim ou do café, os verbos possam ser conjugados no presente. No entanto, optei pelo passado, por não ser algo que eu esteja presenciando no momento, mas sim que presenciei em minha infância e adolescência.

[21] Termo utilizado por trabalhadores da zona rural.

unesp

sentido horizontal, havia um pau amarrado onde era desferido o golpe com a bandeira do amendoim, até que da mesma fossem desprendidas todas ou quase todas as vagens.

Ao serem batidas as bandeiras, ficavam depositadas no fundo do balaio, além das vagens, as folhas e o caule seco da planta. Havia pois, em um momento posterior, a necessidade de separar as vagens das impurezas, o que era feito com o auxílio de uma peneira, o que denominavam banar[22]. A peneira era de malha de metal com aro de madeira. Assim, lançavam a peneira para o ar e, num movimento de sobe e desce, deixavam que o vento e o impacto gravitacional fosse aos poucos separando as vagens das palhas e talos da planta seca. Após estes dois processos, *bater* e *banar*, as vagens eram ensacadas e enviadas para o mercado.

Na cafeicultura, a colheita começava com o derrubar, ou derriçar[23] do fruto do cafeeiro, quando estes atingiam a coloração vermelha – cafeeiros das espécies *robusta ou arábica* – e amarela – os da espécie *catuaí*. Com um vime de qualquer arbusto batia-se nos galhos, tomando o cuidado de não danificar o cafeeiro. Alguns proprietários não permitiam a *derriça* com o vime, alegando que, por maior que fosse o cuidado dispensado, corria-se o risco de danificar a árvore. O cafeeiro produz seus frutos nos galhos novos, e cada galho quebrado poderia significar menor produção na safra seguinte.

O cafeeiro é um arbusto de pequeno porte, o que faz com que sua ramagem encoste no chão com facilidade. Esta ramagem era denominada

---

[22] Termo utilizado pelo trabalhador do meio rural.
[23] Este é o termo denominado pelos próprios trabalhadores rurais.

unesp

saia. Após a derriça, os grãos de café tinham que ser puxados para fora da *saia*, tarefa na qual utilizavam uma ripa.

O próximo passo era separar os grãos das folhas, o que se fazia com a ajuda de um ancinho ou *rastelo,* como era denominado pelo trabalhador rural. Movimentando os grãos no solo, para frente e para trás, iam separando aos poucos as folhas e galhos secos, deixando apenas os grãos junto com a terra. O processo final assemelhava-se ao da colheita do amendoim: *banar* e *ensacar*, apresentando leve diferença nas sacarias e no destino final do produto ao sair da roça.

Na colheita do amendoim, a boca das sacas eram costuradas com uma agulha grande (15 cm a 17 cm.) e barbantes de fios de *nylon.* Posteriormente, eram enviadas diretamente ao mercado. Pesavam em média vinte e cinco quilos.

As sacarias de café possuíam um barbante fixo na própria saca, com o qual eram fechadas. Após a colheita, as sacas de café eram enviadas ao chamado "terreirão" para a secagem, pois entre os grãos secos haviam os verdes e os maduros. Cada saca pesava em média cinqüenta quilos.

Tais tarefas não exigiam do trabalhador nenhuma especialização, empregando-se qualquer pessoa que tivesse vontade de trabalhar. As crianças não eram deixadas fora destas tarefas, pois sua ajuda era bem vinda na limpeza do tronco dos cafeeiros: a estatura pequena facilitava sua entrada e saída das ramagens. Os idosos que não pudessem banar ou rastelar por serem considerados trabalho pesado, ocupavam-se da derriça dos grãos do café.

unesp

O pagamento do trabalho no cafezal era por horas trabalhadas, diária, ou por sacas colhidas, denominada *empreita*.

A mão de obra infantil era utilizada também na colheita do amendoim. Para que as vagens se soltassem da bandeira era necessário que o molhe de amendoim fosse batido na borda do balaio. Em uma única batida, as vagens não se soltavam. Havia então, a necessidade de erguer novamente o molhe e desferir novo golpe. O trabalhador, ao erguer o molhe para desferir novo golpe, derrubava no chão, atrás de si, as vagens soltas que não haviam caído dentro do balaio. A cata destas vagens[24] era reservada às crianças, um papel de bastante importância no processo.

A cultura do amendoim e do café aos poucos foi sendo substituída pelas gramíneas: a cana-de-açúcar e a pastagem.

No ano de 1975 uma grande geada fora de época, no mês de setembro, assolou todo o sul e sudeste do país, matando os cafezais. Iniciou-se, então, o processo de erradicação dos cafeeiros. A indústria de açúcar sentiu-se fortalecida e alastrou-se nas terras antes ocupadas pelo café.

Expropriados por uma segunda vez, os trabalhadores já transformados em *bóias frias*, continuam a vender sua força de trabalho. E, sem a mínima segurança, amontoados sobre a carreta de caminhões, deslocavam-se a longas distâncias para exercer suas novas atividades e, aos poucos, iam se adaptando à nova forma de trabalho.

Os caminhões utilizados para o transporte destes trabalhadores, possuíam as mesmas características dos veículos usados para transportar as

---

[24] Para os trabalhadores a função da criança era *catar bage*.

unesp

canas do eito para a moenda. De cada lateral saíam quatro "fueiros"[25], com altura aproximada de um metro e sessenta e cinco. Uma corda era disposta de maneira a unir estes ferros, servindo de apoio para os trabalhadores, evitando assim, que estes fossem lançados para fora do veículo, quando da passagem do caminhão pelos inúmeros buracos da estrada.

A cultura canavieira em pouco tempo cercou quase todo o Distrito de Rosália e, nos meses de novembro a abril, o verde se impunha com suntuosidade, por ser época de plantio e cultivo da cana. No período compreendido entre os meses de abril a novembro, o fogo ardia sobre o solo fértil, lançando para o infinito labareda e fumaça; era o período de safra. A remuneração dos trabalhadores na época de plantio e cultivo era por dia, e no período de safra era de acordo com a produção, ou seja, pelas toneladas de cana cortada.

A Usina Paredão, sediada no Município de Oriente, 30 quilômetros a oeste de Rosália, se encarregou de inserir estes lavradores na nova forma de trabalho agrícola e, pela manhã, as pessoas sorrindo e brincando subiam nos veículos que os levavam ao eito para o corte da cana. Ao retornarem à noite, desciam dos caminhões desprovidos de alegria, cheios de cansaço e quase irreconhecíveis pelo excesso de fuligem adquirido no incessante contato com canas queimadas. O que não quer dizer que, no tempo em que eram donos dos meios de produção, também não se cansassem. Naquele período, a meta a ser atingida em suas roças eram traçadas por eles, visando apenas a subsistência. Neste novo processo, a meta a ser cumprida era estipulada pela empresa, tendo como objetivo a produção para o atendimento do mercado.

---

[25] Canos de ferro ocos soldados ao lastro da carreta do caminhão.

unesp

Em meados dos anos oitenta, alegando dificuldades financeiras, a referida usina abriu concordata. Em decorrência, inúmeros trabalhadores perderam suas ocupações e, de modo gradativo, foram sendo lançados no mercado de trabalho, engrossando, assim, as estatísticas do desemprego (Sivelli & Ribeiro: 1996).

Antes mesmo que a Usina de Oriente despedisse sua última leva de trabalhadores, uma produtora de açúcar e álcool, com sede no Município de Promissão, ao norte de Rosália, manifestou interesse em admitir tais trabalhadores. Porém, fez algumas imposições[26] que, de início, descartaram grande número destes.

Aqueles que não se enquadravam nas exigências da nova contratadora, passaram a trabalhar como *volantes* nos poucos cafezais que ainda existiam ao redor do Distrito de Rosália, em alguns pomares de *citrus*, nas pequenas e temporárias culturas da melancia ou mandioca. Mas, estes trabalhos não davam garantia de sobrevivência, pois sua duração poderia ser apenas de uma semana ou pouco mais, podendo ficar até outras duas semanas parados. A única alternativa era trabalhar nas indústrias de destilação e produção do óleo das folhas de eucalipto; além de Usinas, eram as únicas empregadoras que ocupavam grande número de mão-de-obra com registro em carteira.

As fontes de trabalho citadas acima, porém, insuficientes para empregar todos, geravam nos trabalhadores insegurança com relação ao tempo que durariam estes serviços eventuais.

---

[26] Como por exemplo: ter menos de quarenta anos, ser do sexo masculino, não estar com processo trabalhista em andamento, etc.

unesp

Os moradores do Distrito de Rosália desde a infância dedicaram-se ao trabalho agrícola, não havendo, portanto preparo para atuar nos setores secundário e terciário da economia; ou seja, não foram *preparados* para o mercado de trabalho globalizado. O sistema de ensino de nível Médio[27] formava sua clientela para ingressar no Ensino Superior, o que antagonizava com a realidade vivida pelo estudante. Então, o que fazer? Onde trabalhar?

Independentemente de idade ou sexo, restavam a estas pessoas apenas os serviços menos procurados pelos marilienses. Com poucas exceções, grande parte dos trabalhadores do sexo masculino empregaram-se na construção civil. Os demais foram desenvolver suas atividades nos setores de transporte de cargas e na metalurgia. Às mulheres, na sua grande maioria, restaram os serviços de limpeza e cuidados domésticos, quer seja como mensalistas ou diaristas. Poucas se empregaram no comércio, graças à influência de algum conhecido.

Após descobrirem *onde* vender sua força de trabalho, surgiu um novo problema: como se locomover do local de moradia para o local de trabalho? Convém lembrar a distância de 26 quilômetros, assistida por uma linha de transporte coletivo que em nada os encorajava a empreender a tarefa de trabalhar em Marília.

Até então, contava o vilarejo com um serviço de transporte de passageiros restrito a um horário pela manhã e outro à tarde. Estes horários, porém, não serviam aos trabalhadores. Pela manhã o ônibus chegava a

---

[27] A grade curricular de ensino em Rosália, tinha a finalidade de ingressar seus alunos no Ensino Superior, porém, dadas as condições socioeconômicas de seus moradores, poucos conseguem tal façanha.

unesp

Marília às 08:30h, sendo o seu retorno para Rosália também impróprio pois, o coletivo saía às 15:00h, e a jornada de trabalho estendia-se até às 17:00h.

A população descobriu que, ao se unirem, poderiam resolver a situação. Como solução, encaminharam à Empresa fornecedora dos serviços de transporte de passageiros o pedido da criação de novos horários de ônibus que pudessem atender a esta parcela da população disposta a vencer a distância e trabalhar na cidade vizinha. Foram, então, criados mais dois horários para atendimento exclusivo dos trabalhadores. Com os novos horários, foi possível à população de Rosália buscar outros tipos de trabalho em Marília e região.

1.6 Rosália: o que é este pedaço de chão, afinal?

Politicamente, é difícil classificar Rosália como cidade, dada a inexistência de instituições e dispositivos administrativos, o que a torna apenas uma divisão administrativa de Marília, na forma de Distrito. Mas se classificarmos Rosália única e exclusivamente do ponto de vista político, corremos o risco de estar excluindo algo que vai além dos prédios que a compõem[28]. Neste caso, daremos a este estudo um caráter formalista, inviabilizando-o no sentido cultural e social que permeia a cidade, sem levar em conta aquilo "...*que é o flexível*...", que Certeau (1995) define como cultura.

Ao projetista é dada a tarefa de "...*criar uma composição de lugares, espaços ocupados e espaços vazios, que permitem ou impedem a*

[28] O que seria da cidade sem os homens e mulheres que lhe dão sentido e identidade? O que são as relações criadas pelos homens e mulheres no seu dia a dia, senão a cultura? Consultar também Geertz: 2001.

unesp

circulação..." (Certeau: 1995). Sua capacidade de criar é incompatível com a capacidade de "*... articular essa racionalidade em concreto com os sistemas culturais múltiplos e fluídos...*" (Certeau: 1995). Aos projetistas bastam os números, as retas e os ângulos formados por estas. Como os espaços criados serão utilizados e por quem, não lhes diz respeito. A cidade está pronta, após sua projeção e execução. Mas falta-lhe a *alma*.

Segundo Park (1973), a cidade vai além dos prédios que a compõem, ou seja, é "*...um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições...*" transmitidos ao longo de sua história, associados aos "*...sentimentos e atitudes organizadas, inerentes a esses costumes transmitidos por essa tradição ...*" (p. 25).

Semelhante às palavras de Park (1973), é a definição de Lévi-Strauss (1957), que compara uma cidade a uma sinfonia ou poema, devido à harmonia que deve existir para que ambas se perpetuem:

> "*Não é portanto apenas de maneira metafórica que é possível comparar (...) uma cidade a uma sinfonia ou a um poema; são objetos de natureza idêntica. A cidade, talvez mais preciosa ainda, situa-se na confluência da natureza e do artifício. (...) a cidade provém simultaneamente da procriação biológica, da evolução orgânica e da criação estética. É ao mesmo tempo objeto de natureza e sujeito de cultura; indivíduo e grupo; vivida e sonhada; a coisa humana por excelência.*" (Lévi-Strauss: 1986 [1955], p. 117).

Levando-se em consideração todo este *flexível* contexto que permeia o espaço em que nos movimentamos, trabalhamos, construímos e vivemos, que supera a inexistência das instituições e dispositivos administrativos, do ponto de vista da interação existente entre seus moradores, ou seja, o estado de espírito firmado, o corpo de costumes adquirido e a tradição preservada, pode-se pois, classificar Rosália como cidade.

unesp

Ao longo do tempo ocorreram mudanças no setor econômico, em todo o país, às quais a população rosaliense teve que se adaptar.

Além de tudo que foi exposto, resta ainda a tarefa de definir Rosália observando a maneiro como seus moradores a utilizam.

De início com os machados, foices e enxadas nas mãos e o sol a determinar as horas a serem trabalhadas, eram os pequenos produtores donos da produção, ainda que produzissem para o consumo próprio, comercializando-se apenas o excedente.

Com a introdução das monoculturas, houve um período de transição, no qual alguns dos trabalhadores rurais *perderam* a autonomia em determinar o que, como e a quantidade a ser produzida. Não sendo mais *donos* de suas vontades e dos meios de produção, poucos foram os que tiveram condições de investir nesta nova fase da agricultura. A grande maioria, com os rendimentos amealhados ao longo dos anos, investiram na compra ou locação de um imóvel na cidade de Rosália e permaneceram no *meio* do qual sempre fizeram parte.

No princípio, o Distrito de Paz Primavera tinha a finalidade de atender "o homem da agricultura"[29] e seus armazéns, que ao longo do tempo continuaram a fornecer gêneros de primeiras necessidades. Porém, estes mesmos armazéns não conseguiram acompanhar as necessidades de consumo da população rosaliense. Se a televisão anunciasse um determinado produto – que estivesse sendo apresentado ao mercado com novo *designer*, nova cor, novo sabor ou aroma – os armazéns geralmente não o tinham em

[29] Já mencionado em páginas anteriores.

unesp

suas prateleiras para ofertar aos consumidores, o que criava uma certa insatisfação na população. Caso alguma pessoa, moradora do Distrito de Rosália, sentisse vontade de adquirir um produto, como o acima descrito, fazia-se necessário que se locomovesse até a sede do município.

Já vimos que, graças a todos os costumes preservados pela população de Rosália ao longo da sua formação histórica (os quais foram e continuarão sendo passados às gerações vindouras), foi possível classificá-la como *uma cidade*, apesar de sua população ter de se deslocar a longas distâncias para trabalhar. Surge, então, uma questão: mas que cidade é esta, cujo comércio oferece pouca novidade a seus consumidores, e menos ainda, com relação a empregos? Uma cidade *dormitório*, talvez, como temos inúmeras pelo país afora?

A forma de propriedade das residências não fornece parâmetros para que a classifiquemos como sendo uma *cidade* ou *vila operária*[30].

Mesmo que grande parte de sua população trabalhe na agricultura, esta sai de casa antes que o sol desenhe no horizonte os matizes do arrebol e retornam, horas depois do crepúsculo ter sido substituído pela escuridão da noite. Nestas circunstâncias, das 24 horas que compõem um dia, 14 horas são gastas pela população trabalhando, somando-se a jornada de trabalho e a viagem[31], restando-lhes então, dez horas para o descanso. Dos sete dias da semana, ao menos cinco dias e meio são tomados pela viagem e o trabalho, o

---

[30] As vilas operárias são, segundo Blay (197?), o conjunto de casas construídas ou compradas prontas pelas fábricas, cujo destino é serem usadas pelos empregados, em regime de comodato ou mediante o pagamento de aluguel. Tais vilas possuem diferentes tamanhos, desenhos ou disposição, apresentando semelhança apenas na forma de propriedade, na qual Rosália não se inclui.

[31] Seis horas no total, sendo que três horas para ir de casa ao eito, e outras três horas para a volta.

unesp

que faz sobrar apenas um dia e meio por semana para *viver* a sua cidade, usufruir da comodidade de seus lares ou visitar amigos e parentes.

A impressão passada pela população rosaliense, e o que percebemos em suas falas, é que Rosália serve apenas como ponto de referência para dormir, ou seja assume as condições de *uma cidade dormitório*. Podemos comparar os moradores de Rosália, que se movem a longas distâncias para trabalhar, aos pombos-correio que, levados do pombal de origem a diferentes direções, posteriormente são soltos para trazer mensagens, de acordo com o interesse daqueles que se dizem seus proprietários.

Atualmente, podemos então considerar Rosália como um centro urbano que encerra em seu perímetro uma infinidade de casas, nas quais à noite repousa uma população com características parecidas, incluindo-se entre tais características a tradição cultural e a história.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

2 NAS CERCANIAS DE ROSÁLIA

Neste capítulo será apresentada parte da bibliografia já produzida sobre o tema, buscando algumas respostas, bem como estabelecendo um diálogo entre alguns autores, os rosalienses e o pesquisador. Será feita uma análise das festas religiosas do catolicismo popular, do folclore, da sociabilidade e solidariedade, além do imaginário presente no cotidiano de Rosália.

As festas religiosas, que tiveram no Brasil importante papel como fator de coesão social, surgem dentro de um espaço dominado pela cultura popular. O catolicismo popular, dominante quase sempre no meio rural, foi fator de grande relevância para o seu desenvolvimento, bem como as várias formas de manifestação do sincretismo religioso, cuja origem podemos identificar na insuficiência de padres para cobrir a grande extensão territorial do país, desde os tempos da colônia, como afirma Bastide (1959):

> "*...A imensidão do país e o restrito número de sacerdotes para uma população tão dispersa força a comunidade camponesa de origem missionária a refazer-se a si própria. O cura vem a cavalo, de raro em raro, ou em barca, batizar, casar, dizer missa...*" (p. 23).

Na ausência do representante da igreja, para que a sociedade pudesse refazer-se a si própria, havia a necessidade de um elemento do grupo assumir a tarefa de "*...substituir o padre ausente...*", daí toda a "*...multiplicação dos rezadores, dos puxadores de novenas, ou benzedores...*". Perante os demais, estes são os escolhidos "*...que curam os homens e o gado somente por meio de rezas medievais aos santos ou com o sinal da cruz sobre as feridas...*" (Bastide: 1959, p. 23), portanto, são os mais respeitados.

Ao lado de uma capela, aos poucos as casinhas iam tomando terreno, com distância variada umas das outras, e trazendo em seu encalço os primeiros relacionamentos que se estendiam além das relações familiares. Estes eram os bairros, que dependendo de sua força centrípeta, amealhavam os vizinhos em atividades comuns e, em pouco tempo, propiciavam a todos uma rica vida social e cultural, assumindo assim a condição de Vila (Cândido: 1975). Vimos isto, facilmente, na descrição da história do Distrito de Rosália, em páginas anteriores.

Nos pequenos agrupamentos existentes, o indivíduo que tivesse maior conhecimento de orações entre os iletrados, denominado Capelão, era quem assumia, nas cerimônias e festas religiosas, o lugar do indivíduo pertencente ao catolicismo culto, da pessoa estudada que pertencia à "cultura letrada", ou seja, o padre (Bosi: 1987).

Possuindo o conhecimento de rezas e orações, o Capelão assumia o papel de líder religioso em seu grupo social, a ponto de, nas celebrações das festas, havendo a presença de padre, este último conformava-se com a condição de simples peça ornamental. Se tentasse se impor ao grupo, de forma que interferisse na ordem das coisas, acabava por tomar para si a insatisfação dos fiéis. A saída, então, era aceitar as homenagens sem intrometer-se nos rituais, e aos poucos, ir conquistando a simpatia do grupo para, posteriormente, introduzir os ensinamentos oficiais da liturgia eclesiástica.

Até início da década de setenta do século passado, havia a figura de uma pessoa importante que oficializava as cerimônias religiosas na ausência do padre. Maria Gomes ou *Mariazinha*, como é conhecida, fala de um senhor,

unesp

que além de ser motorista da *jardineira*[32], fazendo o percurso de Rosália a Marília, celebrava terços e organizava as festas locais, assumindo a condição de capelão. Nesta época, segundo a informante, que não quis gravar entrevista, toda a diversão dos jovens girava em torno de festas organizadas por pessoas ligadas à igreja.

Havia uma divisão entre os jovens. Os rapazes eram denominados *Marianos* e as moças eram chamadas *Filhas de Maria*. Por intermédio do referido senhor, que organizava as festas religiosas, estes jovens podiam também freqüentar nos finais de semana, festinhas embaladas ao som de sanfonas, violão e pandeiro. Com a chegada da nova ordem de padres e das Irmãs Consagradas, o capelão foi substituído.

2.1 A Igreja e a Capela: a sua importância.

Para Mello e Souza (1972), os bairros se caracterizam pelo

> "...*sentimento de localidade existente nos seus moradores, e cuja formação depende não apenas da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias e as pessoas, vestindo por assim dizer o esqueleto topográfico...*" (p. 64/5, grifos do autor).

A capela tornou-se então, o ponto inicial do bairro e como conseqüência, mediados pela fé, surgem as relações sociais.

A princípio pode-se pensar que a única atenção a ser dispensada à Capela, no Distrito de Rosália, seja o fato desta ser o mais alto dos edifícios do lugar. Mas, assim pensando, relega-se a segundo plano a função da mesma

---

[32] Nome dado aos primeiros veículos coletivos que faziam o transporte de passageiros de uma cidade à outra. Suas laterais eram abertas e possuíam no máximo 15 assentos. O bagageiro, diferentemente dos ônibus de hoje, situava-se no teto.

enquanto ponto de referência das pessoas que habitam o lugar, além de sua ação integradora dos moradores, como nos mostram Queiroz (1973) e Reis (1991).

Queiroz (1973), ao tratar da questão do espaço geográfico e social dos grupos rurais, apresenta-nos a importância destas capelas para os habitantes locais: "*A noção geográfica e social do bairro se forma a partir do conhecimento da localização da capela (...) e dos lugares habitados pelas famílias que o compõem...*" que assume o papel de "*...ponto central do grupo de vizinhança...*", estreitando a cada momento as "*...relações familiares, relações de trabalho , relações religiosas* [que] *constituem as coordenadas que orientam a percepção do sitiante, que parece ser então também 'concêntrica', pois gira em torno de um pequeno núcleo central.*" (p. 64).

Em Reis (1991), vemos que as igrejas:

> "*...serviam de salas de aula, de recinto eleitoral, de auditório para tribunal de júri e discussões políticas. Ali* [na igreja] *se celebravam os momentos maiores do ciclo da vida - batismo, casamento e morte.*" (p. 172).

Portanto, as atividades de maior importância aos olhos da sociedade, ligadas ao convívio social dos indivíduos pertencentes a um mesmo grupo, sempre estiveram relacionadas à igreja e se desenvolveram em torno da mesma.

As igrejas sempre chamaram a atenção de viajantes, tanto dos viajantes deste século quanto os do século XIX. Tal fato pode ser devido à altura de suas torres, como nos lembra Reis (1991): "*As igrejas se destacavam na arquitetura da cidade da Bahia* [Salvador] *desenhando com suas torres os pontos mais altos da silhueta urbana.*" ou devido à beleza do edifício, segundo

palavras de um viajante francês do século passado: "*Os mais belos edifícios são as igrejas, pois Deus passa e deve passar à frente de tudo*". Ainda, segundo o mesmo autor, serviam como última morada àqueles que partiam para a "*outra vida*". Tornavam-se, então, "*local sagrado*" para sepultar os mortos, estando as mesmas "*...associadas com o local onde Cristo era o senhor...*" (p. 171).

As igrejas e capelas, pode-se dizer, sempre desempenharam um importante papel nas decisões de cunho político, econômico e social do povo brasileiro, sendo também fator de relevância na constituição de nossa cultura. Não se pode, portanto, destacar a importância da Capela do Distrito de Rosália, apenas por ser o mais alto dos edifícios locais.

Ao seu redor, surgiram as primeiras relações entre as famílias de diferentes origens que fomentavam o enriquecimento cultural e social. Em se tratando de uma região propícia ao desenvolvimento de uma atividade rentável – quer seja agrícola, pecuária ou industrial – aos poucos o pequeno centro, chamando para si toda a parcela de "expulsos" de outras áreas, foi assumindo proporções maiores e amealhando em seu perímetro diferentes formas de pensar, que levaram ao surgimento de sociabilidades, alianças e disputas entre seus moradores.

2.2 Festas... mas não de arromba!

Segundo os moradores de Rosália, nas últimas três décadas as festas foram se tornando menos freqüentes. Entre as explicações dadas por estes informantes existe um consenso de que a partir da década de setenta, quando

os Padres Diocesanos assumiram a igreja e foram enviadas para o Distrito de Rosália as Irmãs Consagradas, elas começaram a interferir de tal forma na realização das festas que, ano a ano, estas definharam e quase sucumbiram, restando apenas alguns traços do que acontecia no passado.

Uma das hipóteses a ser considerada, nesta situação, foi a interferência do catolicismo eclesiástico, já que a realização das festas dependia da Igreja.

Com relação às festas em homenagem aos Santos Padroeiros, é possível que façamos tal consideração, pois houve, em um determinado momento, a substituição do catolicismo tradicional pelo catolicismo eclesiástico romanizado, que marginalizou o primeiro. A respeito do catolicismo romanizado, Oliveira (1980) diz que foi "*...um processo de mudanças religiosas inscrito num processo global de transformações econômicas, sociais e políticas, provocado pelo capitalismo agrário...*" (p. 186), cuja finalidade foi o de servir como mediador na "*...contradição entre compradores e vendedores de força de trabalho, impedindo que as relações entre eles levem a luta de classe abertas, como foi o caso dos movimentos religiosos de protesto social camponeses.*" (p. 186-7).

Mas a observação corrente é de que a Folia de Reis, festa realizada pela população e para a população, aos poucos também foi se transformando, assumindo características que outrora não possuía. Esta festa nem ao menos passava pelo pórtico da capela, sendo realizada de casa em casa. Como explicar, então, as mudanças ocorridas também na mesma?

As fogueiras, realizadas no dia dos Santos do calendário católico, também não tinham qualquer relação com as Irmãs Consagradas. Aconteciam

unesp

no seio das famílias. Eram comemorações que diziam respeito a um determinado número de pessoas, às vezes somente à família, levando-se em conta a existência dos devotos de um determinado Santo, sob cuja proteção a família se encontrava. Portanto, como se explica também as poucas famílias que mantém tal tradição?

Os fatores que influenciaram nas transformações destas festas existiram, porém, não assumindo características peculiares apenas no Distrito de Rosália. Inúmeras cidades, vilas e bairros rurais pelo país, sofreram tais mudanças.

A exemplo, podemos citar o artigo de André Singer, publicado na Folha de São Paulo[33] , no qual o autor diz

> *"...quase meio século depois de Antônio Candido encerrar os estudos que resultou em* Os Parceiros do Rio Bonito, *o micromundo estudado pelo sociólogo desapareceu..."* (p. E1).

Na seqüência do artigo, é mencionada a existência de uma única pessoa, José Batista ou *Zé da Lazinha*, como é mais conhecido, o qual segundo o jornal, na última visita do pesquisador ao local em 1954, tinha apenas dois anos. O artigo descreve a trajetória de vida da família de *Nhô Quin,* a qual chama de *"...emblemática do destino dos parceiros..."*. Esta família, entre as décadas de sessenta e setenta do século passado, mudou-se para Botucatu, interior paulista, e passaram a trabalhar nas *torres de energia*. Antes porém, trabalharam rachando lenha, possivelmente para abastecer os trens da linha Sorocabana que passava pelo Município de Conchas[34]. Continua o artigo afirmando que *"Seja no campo ou na cidade, o fato é que ao sair da*

---

[33] 25 de abril de 2001.
[34] Situado próximo ao Município de Botucatu.

Bela Aliança, a família de Nhô Quim perdeu para sempre a condição de parceria...". Houve a mudança da condição de parceiro para assalariado, tanto com relação à família de *Nhô Quim*, quanto do próprio *Zé da Lazinha*, que atualmente trabalha como caseiro na Fazenda Bela Aliança.

O artigo se aprofunda um pouco na análise de vida dos remanescentes da obra de Antônio Cândido, *Parceiros do Rio Bonito,* dizendo que se foram preservados alguns dos hábitos alimentares desta população,

> "*...as manifestações culturais encontradas na região do interior de São Paulo estudada por Candido foram subvertidas por completo.* De uns quinze anos para cá, não tem mais festa, *conta Seu Zé. Na época retratada em* Os parceiros ... *que leva por subtítulo* Estudo sobre o Caipira Paulista e a transformação dos Seus Meios de vida, *as festas ocorriam uma vez por mês, em diferentes freguesias. Era o Chamado* Domingo de mês, *diz Zé da Lazinha.*
>
> *Agora, nem as tradicionais festas juninas de São Pedro, São João e Santo Antônio são celebradas.*" (Folha de São Paulo: 25 de abril de 2001, p. E3).

O que podemos observar é que no discurso do entrevistado da Folha de São Paulo e dos nossos informantes do distrito de Rosália, durante as décadas de sessenta e setenta, estas diferentes localidades sofreram transformações parecidas em várias instâncias, principalmente no que se refere à economia, cultura e relações sociais.

Por ser considerado um bairro rural, a Fazenda Bela Aliança, ao perder arrendatário e ocupantes, não conseguiu manter todas as tradições locais. O Distrito de Rosália, ainda que mostrando fragilidade em manter suas tradições, possuía indivíduos em número suficiente (no período em que a Bela Aliança decaiu) para fazer com que as festas fossem de grande animação e, de certa forma, contribuíssem para a preservação de alguns de seus costumes.

unesp

Este período coincide com os tempos em que a lavoura cafeeira no Estado de São Paulo ainda se expandia, e exigia a cada dia que mais terras fossem desmatadas para absorver a lavoura. As terras arrendadas a parceiros, meeiros ou arrendatários eram limpas e por um determinado período, utilizadas como fonte de sustento da família, com o plantio de produtos como arroz, feijão e milho. Dentre estes produtos, os que não eram utilizados na subsistência, ou seja, o excedente da produção era comercializado. Havia ainda, dentre estes pequenos agricultores, os que faziam o plantio do amendoim e do algodão, cuja finalidade era exclusivamente a comercialização.

Como a literatura especializada define estes pequenos agricultores até aqui mencionados?

Os arrendatários eram os pequenos produtores que cultivavam "*...temporariamente uma parcela de terra por um preço previamente estabelecido* [cujo pagamento pelo uso da terra se dava], *em dinheiro ou mercadoria.*" (Mello: 1976, p. 54). O proprietário das terras não tinha qualquer vinculo com o arrendatário. A ligação entre ambos era apenas contratual.

Parceiro era o indivíduo que usava " *...temporariamente um pedaço de terra (...) explorada por um período de tempo determinado, em troca de uma percentagem da produção...*" (Mello: 1976, p. 54). O proprietário poderia estabelecer, extra contratualmente, alguns deveres para com o parceiro como, por exemplo, fornecer-lhe víveres de primeira necessidade até que a colheita acontecesse. Após a colheita, o parceiro pagava a dívida firmada com o proprietário e o que sobrasse era o seu lucro que dispunha da forma como quisesse.

unesp

O meeiro firmava acordo com o proprietário que lhe fornecia condições de trabalho, em troca de 50% da produção. Não possuindo, porém, a liberdade de plantar gêneros necessários à sua subsistência, tornava-se dependente do proprietário, a quem quase sempre entregava toda a produção, a fim de conseguir quitar dívidas contraídas durante o plantio e a colheita (Mello: 1976, p. 56).

Podemos dizer que no meio rural o culto aos santos apresenta uma correlação com o calendário agrícola, ou seja, as festas rendendo homenagem aos santos ocorrem antes ou depois da colheita.

Para que a colheita fosse farta e houvesse bastante excedente, as pessoas que moravam no meio rural, independentes de serem arrendatários, parceiros ou meeiros, apegavam-se aos Santos e seus milagres,

> "*... para vencer dificuldades e sofrimentos da vida terrena, das moléstias humanas às pragas agrícolas, da desorganização social aos cataclismas cósmicos.*" (Queiroz: 1978, p. 135-6).

Para ratificar tais constatações da autora, basta observar as épocas nas quais eram organizadas as festas em Rosália. Uma ocorria nos mês de agosto, e para aqueles que moram na zona rural existe um certo *peso* neste mês. É o mês do "cachorro louco", das ventanias, das doenças: "*mês de agosto é só desgosto*". Uma outra festa acontecia no mês de dezembro, antes que fosse feita a colheita da estação das águas. Agradeciam antes de fazer a colheita, almejando assim bons resultados.

Havendo uma seca muito prolongada entre os meses de julho e setembro, o que comprometeria a época de plantio e, consequentemente a

colheita, todos se reuniam e, *no pingo do meio dia*[35], em procissão se dirigiam até o cemitério para lavar o *pé* do cruzeiro. Enquanto a chuva não viesse, todos os dias no horário de sol mais quente, entoando *benditos* e rezando o *terço* ou as *ladainhas,* faziam tal penitência: velhos, jovens e crianças. Paulo Alves Teixeira(1988) nos descreve que:

> "Quando *demora muito para chover, o povo católico costuma fazer procissão de penitência. Por nove dias consecutivos homens mulheres e crianças em procissão, levando cada qual um litro de água, vão molhar o pé do cruzeiro no cemitério. Geralmente é ao meio dia a hora do sol mais quente. Existe velho muito religioso que vai descalço queimando o pé naquela areia quente. É penitência para chover, durante a caminhada vão rezando, cantos piedosos e chegando no Campo Santo, eles molham o pé do cruzeiro e voltam felizes; muitas vezes quando termina a novena chove ou pelo menos já está o tempo bem formado para chover; a gente não sabe se é a fé ou coincidência, mas sempre vale a penitência.*" (p. 4)



Maria Názara e Maria Batista, descalças, possivelmente pagando promessa [dez. 1981]

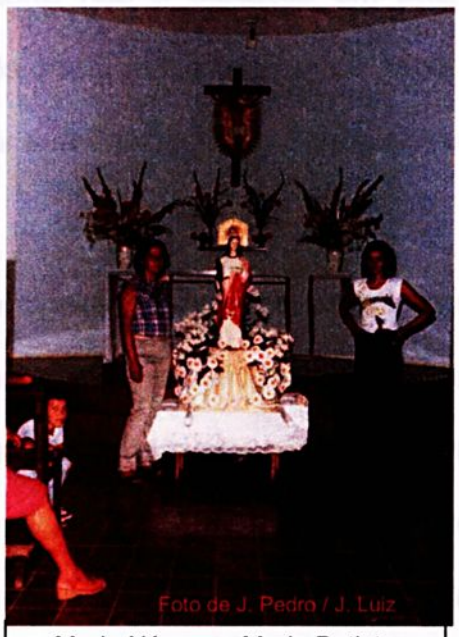
Para superar os problemas do dia-a-dia, faziam votos a um Santo, como pedido de ajuda. Os agradecimentos se davam sob forma de "*...procissões, novenas, romarias a santuários, promessas propiciatórias aos Santos...*", cujo teor assume "*...caráter de festa.*" (Queiroz: 1978, p. 135-6).

O pagamento de promessas em Rosália era comum. Tais promessas iam desde uma gripe mal curada, para não *virar* pneumonia, uma irritação nos

[35] Tal expressão, era utilizada pelos moradores do meio rural para designar o momento em que a sombra ficasse escondida em si própria. Ao olhar para sua sombra, a mesma era um pequeno círculo sob seus pés. Era esta as doze horas ou o meio dia. Horário do sol mais quente.

unesp

olhos causada por um *argueiro*, até para os filhos passarem de ano letivo. Os meninos, sempre mais arteiros, além de pagarem promessas provenientes dos motivos mencionados, poderiam ter que se penitenciar em decorrência de quedas de árvores, coices de um animal ou até mesmo um quase afogamento. Antes mesmo de averiguar se o filho estava bem, no desespero e às pressas, as mães rendiam seus votos a Santa Luzia ou ao Senhor Bom Jesus. No dia da festa, entre as crianças aladas, estava o *anjinho* de roupa engomada, pagando uma promessa sem que a houvesse feito.



Maria Názara e Maria Batista [dez. 1982]

Crianças e adolescentes vestiam-se com túnica branca ou azul celeste; adaptavam-se asas de papel *crepon* às suas costas, na mesma cor que as vestes. Descalças e com uma vela de parafina acesa na mão, acompanhavam o préstito, pagando promessas, ao mesmo Santo, durante sete procissões.

Entre as mulheres, as promessas eram pagas devido ao ataque mal sucedido de um animal peçonhento, uma dor de dente, abortos espontâneos ou complicações no parto. Usavam sempre vestes escuras, principalmente pretas, pois as cores claras eram reservadas às crianças, ditas sem pecados.

Podia acontecer de uma pessoa fazer uma promessa ao Senhor Bom Jesus ou a Santa Luzia e morrer antes de pagá-la. Dizem que este poderia aparecer a um parente ou conhecido e transferir-lhe o pagamento dos votos, alegando estar no purgatório pelo não cumprimento da promessa. Às vezes a

pessoa sonhava com o defunto, sem que o mesmo dissesse nada sobre qualquer promessa, mas sabendo-se de sua dívida com o Santo, o vivo acreditava que este estivesse passando para si o cumprimento da promessa. Temendo padecer no purgatório e que o morto não o deixasse em paz, rapidamente o *sonhador* pagava a promessa do outro, antes mesmo de pagar a sua própria, pois se morresse antes de saldar sua dívida com o Santo, outro poderia também fazê-lo.

Os homens faziam suas promessas principalmente para terem êxito na safra vindoura. Pagavam suas promessas com produtos colhidos durante a safra ou com animais que escapavam às catástrofes. Ainda que para os meus informantes, a homenagem não se deva unicamente ao pagamento de promessas com o fim de obterem lucro, pode-se perceber que a festa de Santa Luzia era realizada no mês de Dezembro, período em que o plantio das culturas das águas estava em andamento. Para assegurar uma colheita sem problemas, ofertavam à Santa o que possuíam de maior valor, em troca de sua proteção. Em Agosto, pouco tempo depois da colheita de inverno ou da seca, realizavam a festa em homenagem ao Senhor Bom Jesus. Agradeciam ao Santo pela farta colheita, na esperança de que na próxima tivessem novo êxito.

As celebrações em homenagem a Santa Luzia tiveram origem por volta de 1937, ano em que duas senhoras recém chegadas do Estado da Bahia resolveram dar continuidade ao que haviam iniciado em sua terra de origem. Dona Ilda, um dos sujeitos da pesquisa, nos disse que sua mãe fizera a promessa quando ainda morava na Bahia:

> *"...Ela já desde a Bahia que ela fazia isso. Chegou aqui ela continuou. A primeira festa de Santa Luzia ela quem fez e uma mulher que se chamava Maria Leondina. Do jeitinho que faziam*

unesp

na Bahia, chegaram aqui estavam fazendo..." (Dona Ilda: depoimento [jul. 1999], Rosália).

O pai de Dona Ilda, que fora acometido por uma enfermidade nos olhos, somente voltou a ter visão normal depois que a esposa prometeu à Santa que realizaria em seu dia, 13 de dezembro, uma festa em sua homenagem. "*...por causa de uma promessa que ela tinha com o meu pai ... da vista. É. Ele* [pai] *ficou doente da vista, então ela fez a promessa...*" (Dona Ilda).

Por ocasião de sua migração para a Vila de Tibiriçá, trouxe consigo o cumprimento da promessa que todos os moradores aceitaram. A aceitação foi rápida devido ao grau de parentesco dos moradores. Aqueles que não eram parentes, certamente provinham da mesma região ou cidade.

A primeira festa dedicada ao Senhor Bom Jesus, segundo Dona Alcenita, foi um irmão seu quem realizou. "*...Em que ano eu não sei, mas foi um irmão meu o mais velho: José Belmiro...*", que fez por "*...Devoção, ele gostava muito, sabe...*" (Entrevista: Janeiro de 2001, Rosália). Este senhor, de nome José Belmiro Rocha, era mineiro da cidade de Curvelo, região Centro-Norte do Estado de Minas Gerais

2.3 Os bastidores da Festa.

A festa não é somente diversão, tendo também o seu lado de controle social. Ela se expressa ainda como o momento em que o individual e o coletivo se fundem, o que no meio rural se apresenta claramente definido pelas festas. Como exemplo, temos as festas dos padroeiros dos bairros rurais[36], estudados

[36] Segundo o conceito definido por Cândido (1964), os bairros rurais eram compostos de famílias, em sua maioria parentes que trabalhavam a terra independentemente umas das outras. O centro de reunião da vizinhança dispersa era composto por uma capela e uma

por Queiroz (1973), ou ainda de pequenas cidades, como é o caso de Rosália, onde os costumes rurais foram preservados, exercendo considerável influência até os dias atuais.

Para Brandão (1989), nestas localidades as cerimônias que proporcionam aos participantes o reconhecimento de um *nós* local têm valor significativo, isto porque a festa lhes proporciona o sentimento de pertencerem a um único grupo, a uma mesma localidade.

As festas que homenageiam os Santos padroeiros, se por um lado apresentam uma programação de caráter religioso com novena, missa e procissão, por outro, assumem um caráter de diversão com os leilões de prendas e barraquinhas nas quais se vende comida. Segundo Brandão (1989), a peculiaridade da festa "*...é justamente essa bricolagem de ritos, folguedos e festejos de devoção e de pura e simples diversão...*" (p. 13). A igreja e a rua, enquanto espaço físico preenchido pelo contato e convívio, põem o indivíduo em clima de expectativa e ansiedade. O conjunto destes elementos, é o que lhes proporciona o sentimento de pertencimento a um *grupo social* (Queiroz: 1976). Como nos lembra Queiroz (1973), a oferta é a forma pela qual

> "*...as famílias marcam a sua integração a ele* [bairro] *com: uma galinha, um leitãozinho, espigas de milho, um saco de farinha de mandioca, de que se privam em favor da festa coletiva. Nada ofertar significa ficar à margem do grupo...*" (p. 83).

Nos bairros rurais, a festa em homenagem ao Santo costumava ser de responsabilidade do *festeiro*, um sitiante abastado que arcava com as despesas de sua realização. Mas, se acaso o festeiro percebesse que não teria condições de arcar com toda a despesa sozinho, nomeava alguém para pedir

---

vendinha.

oferendas aos demais, moradores dos sítios vizinhos, pertencentes ao bairro. Caso dispusesse de tempo, o próprio festeiro poderia sair pedindo as doações necessárias à realização da festa.

Para efetuar o *peditório*, organizavam a *folia*, na qual os integrantes, com uma bandeira em punho – e semelhantemente à folia de reis –, saíam pelo bairro a pedir esmolas, sem contanto ultrapassar o seu limite[37]. Neste momento, afirmava-se a condição daqueles pertencentes ao grupo social através de suas doações.

Para a realização da festa em homenagem aos Santos padroeiros do Distrito de Rosália, era nomeado um *festeiro* e dezoito *noiteiros*. A função do festeiro era organizar a festa, começando por escolher dentro da comunidade aqueles que poderiam assumir a condição de noiteiros.

O festeiro, em primeiro lugar, tinha que ser alguém ligado à igreja, ou seja, um católico praticante e que possuísse uma boa "*... condição financeira...*" e que "*...escolhia os noiteiros dos bairros vizinhos. Reunia um da Primavera, outro do Bandeirantes, sempre trocado...para dar mais gente...*" (Entrevista com *N.*, janeiro de 2001, Rosália).

A poucos dias da festa, o festeiro reunia-se com um grupo de moradores que faziam a escolha de dezoito pessoas, moradoras nos limites do Distrito, as quais se encarregavam de arrecadar prendas. A pessoa, designada para a arrecadação de prendas poderia não aceitar a sua nomeação, mas o não aceitar a função determinada, gerava um grave conflito com o grupo:

---

[37] Limite este definido não por acidentes geográficos, mas pela identificação do indivíduo com as normas existentes naquela localidade em que se inseria, ou através do relacionamento estabelecido com os demais integrantes do grupo social do qual faziam parte.

unesp

negar-se a arrecadar prendas era o mesmo que não estar de acordo com a ordem estabelecida e mostrar-se contrário ao papel a ele destinado. O restante da população de Rosália, aqueles que não eram incluídos entre *noiteiros* ou *festeiro*, participavam oferecendo coisas que iriam para o leilão de prendas. Independentemente de ser o indivíduo *festeiro*, *noiteiro*, ou *doador de prendas*, o que importava, em última instância, era a participação na festa.

As prendas arrecadadas eram das mais variadas espécies, de acordo com a posse e a boa vontade de cada um. As pessoas moradoras nas cercanias do Distrito de Rosália davam como prendas, segundo *N.*, "*...frango, mandioca, tinha vez que trazia boizinho, garrotinho...cabrita vinha também...*", bem como "*...um pão feito em casa dava de prenda, tinha outro que assava uma leitoa dava de prenda, outro dava um frango assado, sei que à noite tudo era leilão, era gado, tudo o que tinha na festa...*" (Dona *Lica*).

Nem sempre os animais como frangos e leitoas doados já vinham assados. Os animais arrecadados, em sua maioria, ainda estavam vivos e dentre eles eram retirados alguns frangos ou leitoas para serem preparados e, posteriormente, vendidos, leiloados ou rifados. Os animais que permaneciam vivos eram leiloados e toda a renda proveniente do leilão ou da venda nas barraquinhas, tinha a finalidade de formar um fundo de reservas para ser usado nas obras de reforma da capela ou para cobrir os gastos iniciais com a festa seguinte.

Esta forma de execução das festas, cuja organização era efetuada pela população, perdurou até o início da década de setenta, momento em que os Padres Franciscanos deixaram de assistir a população local e assumiram os Padres Diocesanos. Com esta mudança na Igreja, instalam-se em Rosália as

unesp

Irmãs Consagradas. A partir de então, o representante da Igreja, juntamente com uma comissão de moradores, passaram a determinar quem seria o festeiro.

A festa prolongava-se por nove dias[38]. Nesse período, as pessoas durante o dia se dedicavam ao labor, e ao entardecer, deslocavam-se de suas casas, dirigiam-se para a cidade e lá se divertiam homenageando o padroeiro.

O último dia de celebração da *novena* era o dia do Santo. A festa era realizada sem muita preocupação com o dia real em que caía a celebração. Ao entardecer, de todas as estradas chegavam os moradores da roça: em carroças, charretes ou carretas puxadas por tratores. Uns e outros, aqueles que dispunham de melhores condições, chegavam em carro ou caminhão.

Um dos motivos em se escolher pessoas que tivessem uma posição diferenciada das demais para ser o noiteiro da festa, era exatamente para que durante as nove noites, trouxessem os seus vizinhos para a comemoração, como nos afirmou *N.*:

> "*...Nos bairros assim, eles procuravam aquelas pessoas que tinha mais ... como se diz ... uma pessoa que tinha condução, que era para trazer a turma (...) de lá ele já juntava lá e trazia o pessoal...*" (*N.*: depoimento [jan. 2001], Rosália).

No céu estouravam fogos de artifício que serviam de sinal para que os fiéis rumassem para a igreja. Era o início da festa em seu último dia. Neste dia celebrava-se a missa, após a qual os fiéis em procissão saíam de frente da igreja, carregando sobre os ombros o andor, e sobre este, o Santo homenageado. Circulavam por algumas ruas da cidade, rezando e cantando,

---

[38] Os dias de duração das festas variavam segundo os moradores. Uns afirmam que a festa durava seis dias, outros, nove dias. Nos manuscritos deixados pelas irmãs que compreendem os anos de 1970 a 1973, contei nove dias, ou melhor noites de celebração de *terços* e leilões de prendas.

unesp

até que retornavam ao ponto de partida, quando então as pessoas aproveitavam para fazer o pagamento de suas promessas.

> "*...dava a volta na última rua lá, vinha e passava aqui. Tinha vez que ela virava lá, já estava quase chegando na igreja e a outra turma ainda vinha aqui, o fim da fila ainda vinha aqui...*" (*N.*: depoimento [jan. 2001], Rosália).

O percurso ao qual o informante faz referência, na passagem da procissão, tinha a igreja como o ponto de partida e, estando de costas para ela, andava-se aproximadamente cem metros para a direita, virava-se para a esquerda e entrava-se na *última rua*, que é a saída para Guaimbê[39]. Andava-se, então, mais cem metros, virava-se novamente para a esquerda, e após andar trezentos metros, chegava-se à casa do *N*. Depois de dobrar à esquerda, andava-se mais cem metros e chegava-se à rua da igreja. Daí, virando mais uma vez à esquerda, andava-se aproximadamente duzentos metros, chegando-se finalmente ao pórtico da Capela Senhor Bom Jesus.

Terminada as obrigações de fé, dava-se início à diversão. A maior atração estava à esquerda da igreja, o coreto, cujo palco de madeira ficava acima do nível do terreno. Neste palco o leiloeiro, com a mão suspensa, segurava uma prenda e em círculo gritava o valor do último lance, à espera de um novo. Nos primeiros dias após o final da festa, o festeiro, um membro da igreja, e uma comissão formada por moradores, faziam um balanço geral da festa. Elaboravam um boletim, contendo receitas e despesas, e afixavam no adro da igreja para conhecimento da população.

Antes do término de uma festa, já ficava determinado, por escolha ou indicação do grupo de moradores, o festeiro da festa seguinte. "*...Agora os*

---

[39] *Município situado 18 Km ao Norte do Distrito de Rosália.*

unesp

festeiros ... aquele que era esse ano, já escolhia outro para o ano que vem. Aí já escolhia uma pessoa assim ... como se diz de mais grau ... *mais dinheiro...*" (*N.:* depoimento [jan. 2001], Rosália).

Nos dias atuais, festas como as descritas anteriormente acontecem somente no relembrar dos tempos antigos, momento em que tais lembranças, tornam-se imagens que são compartilhadas por todos aqueles que ouvem a descrição feita pelas pessoas com mais de trinta anos e uma boa memória.

Estas festas, cuja realização dependia, *antigamente*, da arrecadação de prendas miúdas (arroz, feijão, café, milho, galinhas, leitões, ovelhas etc.), foram substituídas. Atualmente alguns fazendeiros são *intimados* a doar garrotes e novilhas. Um determinado domingo, que pode ser no dia do Santo[40], coincidentemente, ou um final de semana após o referido dia, tais *oferendas* são convertidas em prendas para um bingo.

As barracas existentes já não apresentam a enorme quantidade de iguarias. O coreto, que nos primórdios das festas era em um local fixo ao lado da capela, com o passar do tempo, foi montado dentro de um dos salões pertencentes à igreja e perdura até os dias de hoje.

2.4 Fogos em cumprimento de promessa.

Cascudo (1967) diz que as "*...fogueiras votivas, danças de roda, festas de comer e beber, demonstrações ginásticas, em oblação aos deuses da fertilidade, da propagação, da vitalidade vegetal...*" (p. 27), tiveram sua origem

[40] Note-se que aqui me refiro a "Santo" no singular. O motivo é que as comemorações em homenagem a Santa Luzia, não acontecem mais. Aliás, no ano de 1.999, algumas pessoas se lembraram de que o dia treze de dezembro é o dia da Santa, devido à minha insistência em

na Europa no solstício de verão, em pleno exercício dos trabalhos rurais e provenientes de atos religiosos, aos poucos "*...transferiu-se para o plano das angústias, esperanças e desejos humanos...*" (p. 27) e a figura de São João Batista,

> "*...o precursor [de Jesus Cristo],severo, asceta, em jejum permanente, virgem de contato sexual ,mereceu festa jubilosa, movimentada de canto, baile, adivinhações, fogos que centralizam as farândolas (...) tudo o que o verão possa ampliar e fortalecer, transformando a seiva em flor e fruto.*" (pp. 27-8).

Assumiam, então o papel de "*...festividade eminentemente popular na península ibérica, milenar, pagã e devota.*" (p. 28).

No hemisfério sul, o mês de junho corresponde ao solstício de inverno. Neste período, as noites são curtas e frias devido à inclinação da terra em relação ao seu eixo. Segundo Cascudo (1967), a festa em homenagem a São João foi trazida ao "*...Estado do Brasil adaptando-a ao mundo espantoso que povoava. Indígenas e africanos aderiram imediatamente ao culto envolvente, acolhedor e fácil...*" (p. 28). Podemos questionar a *adesão imediata* de índios e negros ao culto à São João. Ao longo da história aprendemos, ou ao menos ouvimos dizer, que nunca foi dado ao colonizado a opção de aderir a qualquer um dos costumes trazidos pelo colonizador. Houve sempre uma imposição de costumes. Neste ponto questiono parte da asserção de Cascudo (1967), mas posso afirmar que, imposição ou aceitação, a tradição perdura até os dias atuais. Com o tempo, houve ainda, o acréscimo da homenagem a Santo Antônio, o Santo casamenteiro, e São Pedro, o Santo que, segundo a voz do povo, guarda as chaves do céu.

---

saber como estava sendo organizada a comemoração para aquele ano.

unesp

No Brasil, a forma de homenagear os Santos juninos, como nos descreve Cascudo (1967) ao se referir à cidade de Natal, se dá com "*...rondas à volta das fogueiras...*" o que gera "*...a criação de vínculos sociais permanentes por convenções simpáticas; o salto sobre as chamas ou o passeio nas brasas vivas sem queimar-se...*" (p. 29),

Esta criação de vínculos sociais aos quais se refere o autor, é também descrita por Queiroz (1978) ao se referir ao compadrio, que forçosamente duas pessoas estabeleciam entre si. Forçosamente porque, não tendo mais filhos que pudessem ser batizados, desejosos de se tornarem próximos por qualquer laço de familiaridade, tornavam-se *compadres de fogueira* ou de São João

> "*...Compadres de São João ou da fogueira se estabelecem no dia de São João, entre dois indivíduos que assim o decidiram; há para isso fórmulas especiais, como pular em conjunto a fogueira proferindo palavras rituais...*" (p. 91).

Queiroz (1978) trata aqui, exclusivamente, da festa em homenagem a São João. Porém, em bairros rurais, povoados e vilas existem ainda as homenagens a Santo Antônio e a São Pedro.

2.5 As fogueiras[41]: tempos em que as relações de familiaridade crescem!

A homenagem ao Santo, com o acender da fogueira, poderia ser promessa, devoção, ou ainda uma reunião de amigos para contar casos e relembrar de "outras fogueiras" com histórias alegres. Quando muito, melancolicamente, lembravam-se de alguém que passou a fogueira anterior ali

[41] Ao fazer menção às fogueiras, espero não fazer confusão com as festas juninas. Estas últimas são comunitárias e têm por finalidade angariar fundos para entidades filantrópicas. As fogueiras aqui relatadas se referem ao termo próprio, ou seja, monte de madeira a arder em

unesp

e que, naquele momento, estava ausente por motivo de mudança ou de morte. Era, então, um momento cheio de significados, em que o presente poderia ligar-se ao passado através do convívio grupal, tendo a lembrança e a memória como principais fatores.

Para acender a fogueira, eram utilizados os restos do destocamento. Ao arrancarem as árvores das matas, as raízes eram erguidas juntamente com os tocos que, posteriormente, ficavam amontoados em um local que não atrapalhasse o bem utilizar da terra. Como o destino dos troncos era se incorporar a terra pela decomposição, utilizá-los para acender a fogueira era dar-lhes a grande honra de homenagear os Santos do mês de Junho.

A maioria dos rosalienses, mesmo que não fossem devotos e não promovessem festas, acendiam fogueira. Os devotos, às vésperas do dia do Santo, acendiam a fogueira, erguiam o mastro com a bandeira do Santo, rezavam o terço e em seguida realizavam brincadeiras dançantes, chamadas pelos participantes de *arrasta-pé ou forró*[42]. Ao som das músicas de duplas caipiras, saboreavam pipoca, batatas-doces assadas nas brasas da fogueira, canjica, arroz-doce etc., regados com quentão. O vinho quente não fazia parte deste cardápio, somente hoje é que o encontramos nas comemorações de junho.

Curiosamente, com as festas juninas, aumentavam os laços de parentesco entre as pessoas do povoado, representado pelo compadrio.

---

chamas.

[42] A palavra forró aproxima-se do significado dado a palavra *for all*, que em inglês significa *para todos*.

Monteiro (1974), analisando o trabalho de Maria Sylvia de Carvalho Franco[43] sobre a região do Vale do Paraíba, diz que a autora procura

> "*...pôr em evidência que ao lado de um componente de dominação, o compadrio revela também as dimensões contraditórias do nivelamento social e do trato igualitário entre* pessoas..." (p. 57).

Quer seja no compadrio interclasse ou intraclasse, existe a manifestação dos indivíduos na busca da "*...superação da menoridade social...*" (p. 63) existente.

Em sua análise, Monteiro (1974) afirma que o batismo, quando implica na escolha de um membro mais velho da família, causa um rompimento da autoridade deste para com o casal mais novo, e tal relação passa a ser interpessoal e de respeito recíproco.

A posição do casal novo e sem filhos não é senão a soma de duas "famílias estranhas". Para haver a unificação das famílias, é necessário que haja a presença dos filhos[44]. A partir do nascimento do primogênito, e o seu batismo pelo parente mais velho, rompe-se a diferença de consangüinidade e acrescenta-se ao convívio, do mais velho para com o casal mais novo, a soma das experiências vividas. Então:

> "*O nascimento do primeiro filho*[45] *criaria as condições para a atualização dessa ruptura, forçando a busca de uma aliança com base em uma nova* substância comum. *O ritual do batismo pelo parente mais velho significaria então a consagração dessa* aliança *e a criação de um novo* nós *sobre o qual se assenta, onde a* substância comum *é de natureza místico-religiosa e onde a cooperação entre iguais substitui a dominação-subordinação de base etária.*" (Monteiro: 1974, p. 66),

A esta forma o autor define como sendo *compadrio intraclasse.*

---

[43] *Homens livres na ordem escravocrata.* São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.
[44] Juridicamente a família somente se constitui a partir da existência do filho. Enquanto um

unesp

Há, porém, outra forma de compadrio, que tem por alvo alguém "*...mais poderoso (...) mais rico...*" ou o "*...patrão...*", cujo objetivo é o da "*...superação de uma heteronomia fundada em diferenças econômicas...*", que além da busca de proteção e outras vantagens, tenta "*...superar a menoridade social...*" (p. 63). A esta forma de relacionamento entre pais e padrinhos, o autor denomina *compadrio interclasse.* Para Queiroz (1978) os

> "*...laços sociais são também de tipo igualitário, pois tendem a anular distâncias sociais que porventura estejam em processo de estabelecimento no interior do bairro rural, promovendo assim maior integração do grupo.*" (p. 91).

O compadrio de fogueira em Rosália não apresentava este mesmo aspecto. As pessoas que assumissem esse compromisso, digamos que de parentesco forçado, não o faziam apenas com o intuito de diminuir a diferença social, mas de tornarem-se "mais próximos". Este "pacto" era prática comum entre adultos quando ofereciam um filho para ser batizado na fogueira. Mas às vezes a criança, tendo simpatia por um adulto, poderia convidá-lo para ser seu padrinho de fogueira.

O respeito e a obediência do afilhado para com o padrinho, independente do primeiro ser ou não criança, existia. Mas, a proteção do padrinho para com o afilhado, era algo inexistente. A este esquema de obediência do afilhado que se opõe à proteção do padrinho, o autor define como *respeito simétrico.* A semelhança entre o compadrio do batismo, descrito por Monteiro (1974), e o compadrio de fogueira em Rosália é a "proximidade". Tal proximidade não se manifestava a partir do batismo na fogueira, pois já existia antes mesmo da formalização do ato.

---

casal sem filhos o casamento é considerado apenas como um contrato conjugal.
[45] O compadrio intraclasse se dá normalmente com o batismo do primogênito.

unesp

A maneira de oficializar a cerimônia de batismo consistia em retirar da fogueira um tição e colocá-lo estendido. Padrinho e afilhado se posicionavam de mãos dadas, de frente um para o outro, formando uma cruz em relação ao pedaço de madeira ardente. Uníssonos diziam as seguintes palavras:

> *Padrinho*: "– *São João disse, São Pedro (Santo Antônio) confirmou, para você ser meu afilhado: que Deus mandou!*"
> Afilhado: "– *São João disse, São Pedro (Santo Antônio) confirmou, para o senhor ser meu padrinho: que Deus mandou!*"

Padrinho e afilhado proferiam tal jaculatória três vezes. Primeiramente pronunciavam o Santo do dia que fazia gosto pelo batizado, depois a confirmação do batismo, através do testemunho de um dos outros dois Santos homenageados no mês, por ordem de Deus. Ato consumado, padrinho e afilhado se cumprimentavam como tal. A partir daí, o respeito e a proximidade entre ambos estavam formalizados.

A importância do padrinho de fogueira era semelhante à do padrinho de batismo. Após este ato de *batismo na fogueira*, tornavam-se os pais da criança compadres daqueles que a batizaram.

Além da formalização do batismo, a fogueira também oficializava a proximidade entre crianças e jovens que por afinidade, pulavam a fogueira, passando a ser consideradas *primos.* Era mais usual ocorrer esse ritual entre crianças e adolescentes que desejassem se tornar parentes.

A partir de então, todas as vezes que uma das crianças ou adolescente fizesse menção ao outro com o qual firmara o pacto de parentesco, ou se acaso estivessem falando entre si, a palavra *primo* ou *prima* antecedia o nome. Neste caso, a criança não se tornava afilhada dos respectivos pais. A afinidade aqui era entre as crianças, e os pais ficavam à parte. Era a autonomia que a

unesp

criança possuía para ter como primo aquele a quem desejasse. Os laços de parentesco paravam aí.

No calor do quentão que "subia à cabeça", era comum no dia seguinte o adulto ter de dar a benção a uma criança, sem contudo se lembrar de que a batizara na fogueira.

Com o passar do tempo, as fogueiras foram diminuindo, e atualmente são poucos os que dão continuidade a esta *tradição*. Somente algumas das ruas, que não possuem calçamento, é que apresentam montículos ígneos, ao redor dos quais algumas crianças se divertem em suas brincadeiras de roda, pega-pega ou saltar fogueira. Se o costume de acender fogueiras sofreu uma redução, o hábito de pular a fogueira, para que um indivíduo se torne "parente" do outro, acredito que esteja mais reduzido ainda. O sentido de *pular* fogueira, hoje, provavelmente não é o mesmo de antigamente.

A solidariedade descrita por Cândido (1964) e Queiroz (1973), em que todos os indivíduos pertencentes ao mesmo grupo social se reuniam para executar determinada tarefa, está exemplificada no próprio Distrito de Rosália, através da organização e realização da Festa dos Padroeiros e da Folia de Reis. Quanto às fogueiras, a solidariedade para sua execução era desempenhada apenas pela família. Um caso à parte, devido ao caráter de sua manifestação, era a celebração do terço, que poderia ser vista como uma manifestação da fé ou religiosidade; e o *arrasta-pé,* representando o *profano*, a diversão.



2.6 Folia ou devoção?

A Folia de Reis é uma festa que teve origem na Europa, em países eminentemente católicos como Espanha e Portugal. Com a ocupação das terras brasileiras por portugueses, este costume foi transferido para cá. Em contato com as diferentes regiões e seus ocupantes, aos poucos estas festas em homenagem aos Santos Reis foram assumindo características próprias, sem contudo deixarem de apresentar alguma similitude entre si. Ainda que no Estado de São Paulo uma folia apresente versos diferentes daqueles cantados em Goiás, podemos dizer que o cortejo e os instrumentos musicais são comuns a ambas.

Tal festa é um ritual que traz em sua cantoria elementos do catolicismo eclesiástico, que são adaptados a realidades específicas de determinada população.

Para Brandão (1981), as festas populares do catolicismo têm duas origens: ou são eminentemente rurais, ou seja, surgiram dentro de um ambiente próprio e se propagaram aproveitando toda a estrutura que lhe deu origem,

> "*Alguns dos rituais religiosos do catolicismo popular estudados aqui são confessadamente camponeses e foram criados e recriados no Brasil: a) diretamente na sociedade camponesa – no Estado de São Paulo, em bairros caipiras, por exemplo...*" (p. 107),

ou surgiram no ambiente citadino "*...as vezes nas capitais de província, de onde foram expulsas – em certos casos, da igreja para o adro, do adro para a rua e, ainda, da rua para a roça...*"(p. 107) e lá, em contato com uma "*ordem*

de relações e de sujeitos sociais..." (p. 107), adaptaram-se, proliferaram e, possivelmente

> "*...começaram a sair quando contingentes de antigos pequenos sitiantes ou trabalhadores agregados de fazendas começaram a migrar para a cidade.*" (p. 107).

Com relação à Folia de Reis no Brasil, Brandão (1981), diz que "*O lugar de origem brasileira das folias de Santos Reis são as comunidades camponesas....*" (p. 33). Afirma que em algumas cidades – e toma como referência o Estado do Espírito Santo, tanto seguindo para o Norte e Nordeste do país, quanto para o Sul e o Oeste – tais comemorações ocorrem:

> "*...entre 24 de dezembro e 6 de janeiro – entre a noite de Natal e a tarde da Epifania – do Estado do Espirito Santo para baixo (e para cima também, em alguns lugares), ternos de foliões circulam* na periferia e até mesmo no centro de inúmeras cidades..." (p. 33, grifos meus).

Nuno Marques Pereira (1733), em seu trabalho intitulado *Peregrino da América*, relata que no Estado da Bahia, grupos de pessoas saíam "*...com vários instrumentos pelas portas dos moradores de* uma vila (grifos meus), cantando para lhes darem os Reis[46]..." (*apud* Cascudo: 1967, p. 52, grifos do autor). Esta festa à qual o autor faz referência é urbana.

Percebemos que atualmente a Folia de Reis referida por Brandão (1981) está fazendo um caminho inverso. A origem de algumas festas religiosas do catolicismo popular se deu no interior da igreja, período no qual os capelães dominavam o culto religioso; mas, com o aumento do número de sacerdotes para a celebração da liturgia, estas danças foram aos poucos

[46] A palavra Reis no sentido de oferenda.

unesp

sendo *empurradas* para o lado exterior dos templos. A exemplo, o autor cita a dança de São Gonçalo [47].

A Folia de Reis, segundo Cascudo (1967), é composta por um grupo de pessoas que sai

> "*...cantando ao som de instrumentos de corda, de porta em porta, pedindo os reis (...) são seculares no Brasil, recebidos de Portugal onde continuam tradicionais e vivos...*" (p. 52).

Em algumas localidades, esta festa assumiu o papel de reisado.

O reisado, segundo Cascudo (1967), não se resume apenas em *pedir aos reis* e cantar a vida de Jesus Cristo.

> "*...Não é o simples peditório mas um rancho, grupo vistosamente trajado que executa bailados e desempenha curtos enredos dramáticos, para tornar mais expressiva a movimentação coreográfica.*" (p. 52)

O que é peculiar a estes grupos, é que eles se apresentam:

> "*...espetacularmente trajado, coroas e chapéus deslumbrantes de espelhos, fitas incontáveis, festões, aljôfares, panos luzindo de areia brilhante.*" (Cascudo:1967, p. 52).

Brandão (1977; 1981) nos agracia com duas definições para os grupos de cantadores de Reis. Em um primeiro trabalho, realizado em fins da década de setenta do século passado, vê a Folia de Reis como uma festa na qual as pessoas se agrupam para pedir alguma graça. É

> "*...um grupo precatório de cantores e de instrumentistas seguidos de acompanhantes e de viajores rituais que transita entre casas e moradores rurais, durante um período de festejos dos Três Santos Reis, entre 25 ou 31 de dezembro e 6 de Janeiro*"(1977, p. 4).

Num segundo momento, início da década de oitenta, o autor observa que além desta característica precatória, há uma troca entre os participantes

---

[47] O autor cita como exemplo na pagina 123, nota de n.º4, a Dança de São Gonçalo, que surgiu na igreja com a participação e coreografia de religiosos, que foi expulsa para o meio rural. Citando como referencia os trabalhos de Tinhorão(1972: 53) e de Vendramine (1976: 48).

unesp

não apenas no plano espiritual, mas também no plano físico, de bens e serviços.

> "*...A Folia de Reis é um espaço camponês simbolicamente estabelecido durante um período de tempo igualmente ritualizado, para efeitos de circulação de dádivas – bens e serviços – entre um grupo precatório e moradores do território por onde ele circula...*" (1981, p. 36).

Além da sociabilidade, a Folia de Reis reforça a solidariedade dentro do grupo, no arrecadar de esmolas e, finalmente, em um espaço de múltiplas trocas entre todos aqueles que morem nas cercanias que a folia visita, independente de a terem acompanhado ou não.

A folia em Rosália era composta de dois *embaixadores,* um *palhaço* e a comitiva. Esta comitiva amealhava desde curiosos até pagadores de promessas, que em sua maioria usavam vestimentas apropriadas para a ocasião; havia sempre o cuidado de não utilizar o vermelho como cor dominante, já que, segundo os organizadores, esta cor era utilizada em cultos de religiões pagãs.



Bandeira da folia de reis que teve inicio em dezembro de 2000 e término em janeiro de 2001.

A folia era acompanhada por instrumentos musicais variados: sanfona, violão, pandeiro, triângulo, bumbo e chocalho, enfeitados com fitas e papéis, observando sempre a exceção da cor vermelha, segundo o informante *Ditão* em entrevista não gravada. Os instrumentos pertenciam a todos os participantes, ou ainda eram emprestados daqueles que jamais andaram atrás da bandeira de Santo Reis.

A hierarquia existia na Folia de Reis, porém todos foram unânimes em afirmar a igualdade de importância dos participantes.

Ao *embaixador,* ou *embaixadores*, era legado o papel de "puxar" a folia. Eram eles que cantavam os versos; um *jogava* e o outro *respondia*: eram os maiores responsáveis pelo intento da folia. Em caso de "prenderem" a bandeira em alguma casa visitada, era função destes resgatá-la, e isto somente seria possível se cantados os versos que correspondiam àquela situação específica.

A prisão da bandeira podia ser feita de duas maneiras:

a) prendendo, colando ou amarrando: dinheiro, fita, santinhos ou qualquer outra peça na bandeira sem o consentimento ou conhecimento dos foliões. Isto sempre acontecia num momento de descuido dos foliões.

b) Houvesse sobre o umbral da porta de entrada a imagem de um Santo do qual a comitiva toma conhecimento somente depois de estarem dentro da casa.

Ao serem surpreendidos numa situação destas, deviam os *embaixadores* usar todo o seu conhecimento para, através dos versos, pedir àquele que prendeu a bandeira que a soltasse. Aquele que prendia a bandeira deveria também conhecer os versos, para entender o que os embaixadores estavam pedindo.

Segundo um dos *embaixadores* da Folia de Reis realizada em Rosália, Benedito Rodrigues, mais conhecido como *Ditão*, "*...quem prende a bandeira tem que conhecer os versos para saber que se está pedindo a liberação dela.*" O mesmo afirma que em alguns casos, as pessoas prendiam-na sem saber o

que estavam fazendo. Então, após longo tempo cantando, o *embaixador* dirigia-se ao dono da casa e pedia que fosse retirada a oferenda, o enfeite ou o Santo de sobre o umbral da porta. Se os encarregados de liberar a bandeira não dessem conta da tarefa, a mesma ficava retida naquela casa até que fosse trazido alguém capaz de soltá-la. Neste ínterim, a *folia* ficava suspensa.

Outro momento no qual se percebe a importância destes *embaixadores*, acontecia quando uma bandeira *encontrava* outra durante o percurso: seus respectivos embaixadores tinham a tarefa de *disputar* até que um fosse vencido. A folia vencedora, seria aquela cujo embaixador tivesse maior conhecimento de versos que falem da vida de Jesus Cristo.



Dona *Dezú*, os instrumentos "dormiram" em sua casa [jan. 2001]

Numa situação destas, a bandeira *vencida* perdia tudo o que tivesse arrecadado na visita às casas, os instrumentos e a própria bandeira. Isto, porém, não se dava de maneira pacífica, pois os integrantes da bandeira *vencida* algumas vezes recorriam à violência para não perderem aquilo que "lhes pertencia". Perder era humilhante; quando não podiam mais vencer nos versos, partiam para a violência.

Em fins da década de setenta, havia em Rosália duas bandeiras: uma do "Seu" Otaviano e a outra do *Ditão*. Como eram muito conhecidos um do outro, sempre fizeram de tudo para não se encontrarem, evitando assim que

houvesse alguma humilhação de qualquer um deles, contornando-se também possíveis violências. Por ocasião da morte do "Seu" Otaviano, sua bandeira parou de ser cantada, ficando apenas a do *Ditão*.

A função do palhaço, além de fazer graça e afastar as crianças, era verificar, em cada residência visitada, se não havia indícios de que o dono da casa quisesse *prender* a bandeira, observando sobre a porta por onde entraria e sairia a folia, se não havia nenhuma imagem de Santo. Caso existisse, com suas peripécias avisava aos *embaixadores.* Estes, na atribuição de sua funções convidavam, através dos versos cantados, que o dono da casa retirasse o objeto que possibilitaria a *prisão* da bandeira, se quisesse que sua casa fosse visitada, o que seu dono prontamente fazia.



Os foliões e os instrumentos da folia,[jan. 2001].

O final da folia ocorria no dia seis de janeiro, que no calendário religioso é o dia dos "reis magos". Porém, a festa em comemoração aos "reis magos" se dava no dia 25 de janeiro, dia de São Sebastião e, em agradecimento, tudo o que fora recebido era convertido em comes e bebes para a comunidade. Posteriormente, havia um *arrasta-pé* na casa do organizador da folia.

unesp

Hoje, a folia de reis não tem tão grande vivacidade. Não vestem mais roupas coloridas e sim roupas habituais como *jeans*, camisetas e camisas. Não têm mais chapéus de papelão com pequenos pedaços de espelhos colados. O palhaço também não existe mais, sendo substituído pelo *bandeireiro* que transporta a bandeira de uma casa a outra. Enquanto os foliões saúdam o dono da casa que acaba de abrir a porta o *bandeireiro* dissimuladamente adentra na sala e faz uma breve vistoria, retorna, e num abanar afirmativo de cabeça comunica aos embaixadores que não há perigo.



Ditão e "Seu" *Zé Barbosa*, na folia de reis. [jan. 2001]

As festas no vilarejo apresentaram mudanças nestes últimos tempos. Entre todas, a que mais reluta para se manter é a da *folia de reis*, pois a mesma não é individual como as fogueiras. É preciso verba para comprar a vestimenta dos integrantes do grupo e os enfeites para os instrumentos, não havendo por trás disto nenhuma entidade que custeie os gastos, como é comum acontecer com a igreja, nas festas de Senhor Bom Jesus e de Santa Luzia.

As mudanças ocorridas nos últimos tempos no meio rural, sem dúvida alguma afetaram também a *folia de reis*, pois ela somente pode acontecer à noite, nos dias de semana até aproximadamente 23:00h, e nos finais de semana chegam a virar a noite cantando. A explicação é dada pelo fato de os *foliões* serem empregados em usinas, fazendas ou comércio, sendo obrigados

a acordar cedo para o trabalho, não podendo ficar até de madrugada cantando nas casas.

Ao ser questionado sobre a continuação da *tradição*, observou *Ditão* não haver por parte dos jovens quase nenhum interesse pela *folia*. Acrescenta ter aprendido a "cantar reis" com seu pai, porém lamenta que de seus quatro filhos nenhum tenha se interessado em dar continuidade à tradição. O Sr. José Mariano, que acompanha a *folia de reis* desde garoto, quando morava na Bahia, vê com tristeza o desinteresse dos jovens por algo tão sadio como a *folia*. No caso de algum jovem acompanhar o cortejo, às vezes o faz por farra, não por gosto ou fé, e nestas circunstâncias é necessário que os mais velhos interfiram para que a festa não caia em descrédito no grupo local.

A sua aceitação pelos moradores do local, segundo os integrantes do séquito, é considerável, mesmo que tenham que concorrer com a televisão. Entre a população mais velha, a ansiedade pelo início da *folia de reis* é maior. Porém, o futuro desta festa parece pouco promissor; de acordo com a opinião dos integrantes, pode chegar até mesmo a extinguir-se.

2.7 A Cultura, sua fluidez e transformação.

Este fluído não palpável, enriquecedor da vida social e cultural, é o que chamamos de cultura (Certeau: 1995). O vocábulo inglês, segundo Laraya (1992), define a cultura como um complexo que abrange todos os resultados adquiridos pelo homem enquanto membro de uma determinada sociedade, tais como conhecimentos, crença, arte, moral, leis, costumes, hábitos, etc. (Taylor *apud* Laraia: 1992, p. 25). Mas não apenas isto e também "*...o artesanato, as*

unesp

indústrias caseiras, tudo quanto acompanhar a tradição manufatureira, mesmo com modificações que não mutilem la santa continuidad..." (D'ors *apud* Cascudo: 1967, p. 13).

A cultura, portanto, enquanto conceito antropológico, não é a soma de objetos desfrutáveis como um quadro ou um carro. Vai além de coisas das quais podemos nos apropriar. É a construção originada das relações entre os homens na sociedade em seu cotidiano (Bosi: 1987). São as *teias* de significados, às quais se refere Geertz (1989), produzidas no dia a dia através dos costumes, trabalho, conversas etc., que se renovam continuamente. Isto demonstra, então, que a cultura não é *algo* estático, sujeita em qualquer momento a um colapso ou iminente extinção (Xidieh *apud* Bosi: 1987).

Como a cultura engloba todo o universo compartilhado pelos indivíduos em sociedade, ela acompanha as divisões aí existentes. Portanto, é possível falarmos em culturas no plural, citando como exemplo, a cultura popular e a cultura erudita.

A cultura popular surge espontaneamente da convivência entre os indivíduos pertencentes a uma mesma sociedade. Ela é construída pelo povo no seu dia a dia e em condições específicas, sem que passe por qualquer filtro. Ela é refinada e neste refinar, pode tanto perder tradições quanto ganhar elementos novos.

A cultura erudita é aquela ensinada nos bancos escolares, na igreja, no curso de etiquetas, etc. Não há uma interação entre o ensinado e o aprendido. Ela não é construída no dia a dia, ela é passada pronta e acaba por se tornar uma mercadoria para a qual estaremos sempre receptivos. Cascudo (1967), cita inúmeros exemplos que nos mostram as transformações vividas pela

unesp

cultura, principalmente a popular, que achamos serem de propriedade "deste tempo", mas que na verdade já existiam em outras épocas e povos diferentes. Para citar alguns, "*...a mistura de camarões secos nas comidas baiana não é presença africana, mas transporte que o preto fêz de uso da China...*", "*...O sarapatel é hindu...*", "*...O cheiro, carícia olfativa que damos nas crianças (...), é chinês...*" (p.11).

Para Cascudo (1967)

> "*...o povo tem o senso utilitário em nível muito alto, as coisas que vão sendo substituídas por outras mais eficientes e cômodas passam a circular mais lentamente sem que de todo morram...*" (p.13).

Como exemplo, temos os meios de transportes que, desde a invenção da roda, têm passado por inúmeras transformações. A carroça, no entanto, puxada por muares e eqüinos, continua a exercer sua função, ainda que tenhamos os mais modernos caminhões. As mudanças necessariamente ocorrem, as coisas "do ontem" vão se transformando devagar, e muitas vezes assumem novas funções.

2.8 A sabedoria do povo

O folclore, sabedoria do povo segundo Cascudo (1967), também passa por tais transformações, pois "*...O folclore é o popular, mas nem todo* popular *é folclore.*" (p. 13, grifos do autor). O autor, mais adiante, nos diz que para classificarmos um caso como folclórico:

> "*É preciso que o motivo, fato, ato, ação, seja antigo na memória do povo; anônimo em sua autoria; divulgado em seu conhecimento, e persistente nos repertórios orais ou no hábito normal. Que sejam omissos os nomes próprios, localizações geográficas e datas fixadoras do episódio no tempo.*" (p. 13).

unesp

Roger Bastide (1959) nos diz que:

> "*O folclore só é compreensível quando incorporado à vida da comunidade. É preciso substituir as descrições analíticas com cheiro de museu, que destacam os fatos da realidade em que estão imersos e da qual recebem um sentido, por uma descrição sociológica que os situe no interior do grupo.*" (p. 9)

A preocupação do pesquisador é a de não desvincular o fato de sua realidade.

Dentro deste universo de cultura popular, encontramos comemorações, envoltas pela religião rústica, popular ou cabocla[48], aos Santos do catolicismo, padroeiros de bairros rurais, vilas e cidades. As comemorações aos Santos do mês de junho, em especial o São João e também as Folias de Reis, todos estão ligados ao universo vivido pelo homem rural e ao ciclo da natureza que vai da semeadura à ceifa das culturas, como nos diz Bosi (1987):

> "*O tempo da cultura popular é cíclico. (...) O seu fundamento é o retorno de situações e atos que a memória grupal reforça atribuindo-lhes valor.*" (p. 10).

Podemos citar como exemplo o fato de alguém que ofereça seu voto a Santo Antônio. Em conseqüência, os que o cercam lembram-se que no dia do referido santo, naquela casa haverá uma homenagem, ou pelo pedido de uma graça ou em agradecimento de um ex-voto. Esta graça pode estar ligada ao ciclo produtivo, após se ter efetuado uma colheita farta, ou pela necessidade de que a próxima colheita seja melhor; decide, então, que em todos os anos subseqüentes se prestará homenagem ao santo.

Estas comemorações estão intimamente ligadas à ocupação das terras brasileiras por estrangeiras, vindos d'álem mar que, em contato com outras culturas, deixaram-nos este imenso fervilhar de comemorações.

---

[48] Termo usado por Antônio Candido de Mello e Souza (1972) para exprimir " *...um modo de*

2.9 Memória ... lembrança: teias do imaginário.

Na presente pesquisa, trabalha-se com a memória dos moradores mais antigos de Rosália, pois como nos lembra Bosi (1987) "*...Falar em cultura como tradição sem falar em memória é não tocar no nervo do assunto.*" (p. 53).

A memória então, caracteriza-se como um "*...cabedal infinito do qual só registramos um fragmento...*" (Bosi, 1979: 03). Portanto, corremos o risco de não apreender todas as imagens e aspectos que venham aflorar na coleta dos depoimentos orais, ou tampouco atingir todos os nossos objetivos somente através de seu uso.

Quando tratamos das lembranças, caleidoscópio de imagens que nos serve de veículo no tempo, percebemos que estas, segundo palavras de Bosi (1979), funcionam como uma força conservadora dos acontecimentos, que propiciam

> "*...a sobrevivência do passado. O passado conservando-se no espírito de cada ser humano,* [que] *aflora à consciência na forma de imagens - lembrança.*" (p. 15).

Isto porém, não ocorre obedecendo a uma ordem cronológica, ou seja, a lembrança dos acontecimentos que antecedem as imagens de ontem, podem não ser posteriores e imediatas às de anteontem, ou então, as de anteontem antecederem as de três dias atrás. Pode acontecer uma confusão de imagens do hoje com as lembranças do passado. Se o sujeito buscar em sua memória a imagem de um acontecimento que lhe interessa, sobre determinado fato que ocorreu há muito tempo atrás, isto poderá fazê-lo lembrar de um fato recente,

---

ser, um tipo de vida..." (p. 22).

unesp

ou ainda poderá haver confusão entre atores, datas e locais das imagens lembradas, o que porém, não torna tal imagem de qualidade inferior.

Para Halbwachs (1990), o pensamento faz parte da memória coletiva, é contínuo e natural, e tem a capacidade de reter dos fatos passados, somente o que está vivo ou que seja capaz de viver na consciência do grupo. Considerando que um grupo social e sua história passem por transformações, se dividirmos o relato ou a ação do grupo em duas partes, passado e presente, encontramos tanto em um quanto em outro, fragmentos que se aproximam e se identificam, o que é conseqüência do contato entre gerações diferentes. Assim, a tradição não sofrerá ruptura, se transformando e apresentando no grupo atual, elementos que fizeram parte da tradição de antes. Ao estudarmos as festas populares religiosas em Rosália, encontramos no relato dos mais novos, singularidades que estão presentes na memória dos idosos, sendo justamente isto o que possibilitou ao grupo manter uma identidade própria.

Ainda segundo Halbwachs (1990), a memória pode ser entendida como individual e/ou coletiva, não podendo ser classificada como categoria paralela, pois converge e intersecciona-se, num determinado momento, para mais adiante separar-se e continuar seu caminho.

A memória individual, ainda que pareça ser própria de cada um, está intimamente ligada ao contexto histórico vivido, e sempre que achar necessário confirmar suas lembranças, existe a possibilidade de recorrer à memória coletiva "*...apoiar-se (...), deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela...*" (p. 53), depois seguir seu próprio caminho, assimilando e incorporando para si o que foi apreendido do coletivo.

unesp

Os fios que constituem a memória passam uns sobre os outros, escalonam-se, e o resultado final assemelha-se a um tecido, como nos lembra Halbwachs (1990), o que torna impossível sua ruptura, ou que alguns fragmentos sejam agrupados em blocos, como tentam fazer alguns historiadores. As lembranças e imagens que fazem parte da memória, quer seja coletiva ou individual, funcionam como suporte que sustentam as teias de relacionamentos produzidas pelos homens em sociedade, servindo como referência no aprimorar de suas ações futuras.

O exteriorizar da lembrança individual faz com que esta passe a ser propriedade da memória coletiva. Assumindo nova forma, transpõem-se a um novo plano, que não é mais propriedade da consciência individual. Com a memória coletiva, o processo é outro ainda, segundo Halbwachs (1990). Ela se compõe de lembranças individuais, é o todo composto de partes, sem que haja uma mistura com as múltiplas individualidades. A memória coletiva é o alvo a ser alcançado para que possamos resgatar a história da convivência social da população rosaliense, tendo como ponto de partida o relato individual de alguns de seus atores.

Para Bosi (1979) o passado "*...conserva-se e, além de conservar-se atua no presente...*" (p.11). Podemos então dizer que este passado conservado pelo indivíduo, e do qual fala a autora, não é o mesmo *passado* do qual trata a História.

A História apresenta uma *linha nítida que separa o passado do presente*, e é capaz de identificar pontos críticos onde as transformações se iniciam. Pode-se, por exemplo, dizer que a queda do muro de Berlim marcou o fim do socialismo e o advento do capitalismo no leste europeu, quando se sabe

unesp

que estas transformações aconteceram processualmente, tratando tais ocorrências como categorias de um processo que podem ser interrompidas a qualquer momento. Por mais que as mudanças ocorram, é necessário tempo para que as pessoas incorporem esses novos significados ao seu modo de vida cotidiano.

Aqueles que trabalham com a história oral, vêem o passado sem rompê-lo com o presente. O passado conservado pelo indivíduo apresentará elementos que foram assimilados durante um determinado período de tempo num determinado espaço cultural. Para estes estudiosos, o passado não é uma categoria que se opõe ao presente, mas sim um elemento passível de transformações que lega à contemporaneidade grandes contribuições.

Com o passar do tempo, como águas sob pontes, os jovens, após ouvirem uma mesma história duas ou três vezes, contam-nas do ponto de vista de seu próprio entendimento, a partir de sua história e vivência. Ao contar a história para outro, imprime particularidades suas nesta narrativa.

O reviver destas histórias poderá acontecer de modo tão lúcido, que podem até se convencer da participação como coadjuvantes no processo de construção de imagens, cuja exclusividade foi do passado e seus atores. Apropriando-se destas memórias e seu *instrumento socializador*, a linguagem, as gerações presentes vivem os acontecimentos, reduzindo, unificando e aproximando a imagem do passado com o presente, no mesmo espaço (Bosi, 1979).

Ao confiscarem tais imagens e posteriormente impregná-las de características individuais e singulares, estes indivíduos as vêem como sendo também suas. No entanto, mesmo que impregnadas de impressões próprias de

unesp

cada indivíduo, apresentam ainda a força características do coletivo. É um processo de apropriação de imagens, saídas de uma esfera que transcende o individual, ou seja, de uma história contada pelo coletivo, e que foram produzidas "*...no cotidiano de cada um dos sujeitos que dividem entre si uma cultura comum...*", ao longo da convivência grupal, e que serão transmitidas às gerações futuras. A isto chamamos senso comum, que pode ser tomado *como* "*...um dos componentes básicos da formação e estruturação do imaginário*". Vemos então, que o imaginário é constituído por uma referência cultural específica, isto é, pela relação estabelecida entre os indivíduos pertencentes àquela cultura, e que se traduz como "*...o modo de sentir o mundo no qual os sujeitos estão inseridos...*", que posteriormente coordenará e refletirá este modo de sentir e estar no mundo, ou seja, a individualidade

> "*...nas manifestações mais íntimas e espontâneas quando do processo de construção das idéias e conseqüente prática na dinâmica das representações sociais...*" (Chammé: 1992, p. 102).

Para Castoriadis (1982), sempre que falamos de imaginário estaremos tratando de alguma...

> "*...coisa* inventada, de *uma invenção* absoluta, [ou seja] *uma história imaginada em todas as suas partes;* [ou de um] *deslizamento, de um deslocamento de sentido, onde símbolos já disponíveis são investidos de outras significações que não suas significações* normais *ou* canônicas." (p. 154, grifos do autor).

Estas teias de relações sociais, construídas pelos sujeitos que dividem uma mesma espacialidade e temporalidade, culminam em formas de sentir, agir e pensar coletivos. Os padrões de crenças, a reação aos estímulos recebidos, as seleções e formas de preferências, constituem um determinado conceito de *cultura* defendido por Geertz (1989). O termo *uma cultura* pode ser entendido como uma sociedade particular, cuja conduta apreendida e seus

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

diferentes resultados são partilhados e transmitidos por seus membros, através dos elementos que a compõem (Linton: 1973).

Conforme pudemos observar neste capítulo, em Rosália existiam quatro momentos distintos que se relacionavam com as festas. Dois no solstício de verão, em dezembro e janeiro: a festa em homenagem a Santa Luzia, em treze de dezembro, e a Folia de Reis que tinha início no final de dezembro, prolongando-se até o sexto dia de janeiro. Durante o solstício de inverno ocorriam as comemorações aos Santos juninos: Santo Antônio, São João e São Pedro, e em agosto, no sexto dia, a festa em homenagem ao Senhor Bom Jesus.

Mas, o que existe em comum entre estas festas que ocorriam em estações diferentes? O elemento comum era a não obrigação, por parte de seus integrantes, de participarem num único grupo; as mesmas pessoas que participavam da Folia de Reis, por exemplo, tinham livre acesso à festa de Santa Luzia, do Senhor Bom Jesus e aos terços em homenagem aos Santos juninos. Se a fé nos Santos possibilitou o surgimento das festas, o que garantiu sua efetivação durante um período de aproximadamente quatro décadas, foi a existência de um grupo formado por elevado número de indivíduos.

Devido ao surgimento de novas necessidades econômicas, políticas e culturais – transformações ocorridas no país e, consequentemente, também em Rosália – seus moradores começaram a ter outras necessidades e, portanto, a valorizar novos significados, o que fez decair a cada ano a participação nas referidas festas.

Estudar as festas religiosas, tanto as de ontem quanto as de hoje, no Distrito de Rosália, nada mais é do que mergulhar nas teias de

unesp

relacionamentos criadas e perpetuadas pela sua população, que ao longo dos anos sofreu mudanças de ordem interna e externa. É buscar entender as formas de interpretação dada a estes fenômenos introdutores das transformações, além de trabalhar com a subjetividade de cada um relacionada com a objetividade do grupo. É adentrar no imaginário individual e coletivo ao mesmo tempo, buscando a multiplicidade dos significados culturais presentes nos diferentes aspectos deste *espaço* em particular.

Partindo do pressuposto de que todo grupo social preserva em seu meio fatos que lhes interessam, que por vezes são passados às novas gerações através da história oral com base nas lembranças, utilizamos a memória da população mais idosa – fazendo uma ponte entre passado e presente – para descobrir até que ponto estão preservados, na geração atual, traços da geração anterior. Os indivíduos atribuem valores diferentes a um mesmo acontecimento, valores estes que estarão ligados à necessidade de estar no mundo de cada um num dado momento.

Através da memória individual, que faz parte de uma esfera maior, procurou-se estabelecer a relação entre as diferentes gerações que coexistem num mesmo espaço físico denominado Distrito de Rosália, com o intuito de descobrir dados que se aproximam e se distanciam quanto aos valores atribuídos tanto por uma quanto por outra geração. Deste modo tentou-se compreender através de seus depoimentos, quais fatores exerceram influência nas transformações das referidas festas, interferindo assim no processo sociocultural da população do Distrito de Rosália.

unesp

3 OS DIFERENTES SUJEITOS E SEU UNIVERSO

No resumo desta dissertação, foi dito que "*O fio condutor da pesquisa, que permitirá trazer para o presente imagens latentes na memória de nossos personagens, serão lembranças das festas em homenagem aos Santos católicos, bem como da Folia de Reis e das Fogueiras*". Na apresentação afirmamos que "*Este comparar do ontem com o hoje, não busca discutir que época é considerada a melhor, e sim mostrar, através da lembrança, quais as transformações ocorridas com as festas, e as conseqüências trazidas para o relacionamento entre os atores sociais.*"

Assim, neste capítulo identificaremos, através do discurso de cada concidadão, a diferença entre as festas de ontem e as de hoje, ensaiando algumas considerações finais que por ora, se fazem necessárias.

Ainda que não queira fazer distinção entre o presente e o passado para valorativamente escolher a melhor das duas épocas, estaria desrespeitando os meus sujeitos de pesquisa se não lhes possibilitasse manifestar suas opiniões.

As questões pungentes para este capítulo são: o que mudou nas festas e quais os motivos que ocasionaram tais mudanças.

3.1 Ontem e hoje.

Ao pedir aos atores sociais da pesquisa que fizessem uma descrição das festas de tempos idos, eles afirmam que:

> "– *Ah!, nem tem comparação. As de hoje nem chega perto, nem pode comparar...*" (Dona *Lica:* depoimento [jan. 2001], Rosália).

unesp

> "– *Tem uma grande diferença, para "mais" pior. Porque primeiro eram as nove noites, depois mudaram só no Sábado e no domingo ...*" (*N.:* depoimento [jan. 2001], Rosália).
> "– *Era festa mesmo. Eram os nove dias.*" (Dona Alcenita: depoimento [jan. 2001], Rosália).
> "– *Ah! De primeiro eram festas boa, Amauri. Festa boa mesmo*". (Dona Ilda: depoimento [jul. 1999], Rosália).

Para a Dona *Lica*, antigamente havia um maior envolvimento das pessoas na organização e realização das festas. Como ela mesma diz "*... Era mais união do povo, dos sitiantes, de que hoje em dia. Menos orgulho...*". (Dona *Lica*: depoimento [jan. 2001], Rosália).

Sua observação não diz respeito à festa propriamente dita: barracas, burburinho, comezaina, encontro de amigos. O interessante e singular neste depoimento, é a referência feita à sociabilidade existente no grupo, estimulada pelos relacionamentos e as trocas.

Todos são unânimes em afirmar que as festas de "*antes eram melhores*". Não conformado com suas respostas, indaguei o que poderia ser destacado nas festas de antigamente e que hoje não existe mais. As respostas são as mais variadas possíveis, dentro da vivência de cada um.

Hoje, o universo vivenciado por todos é outro. Nas festas atuais, segundo Dona *Lica*, existe uma distinção entre pobres e ricos o que não existia anteriormente.

> "*...hoje tem muita coisa assim (...) gente assim, que não dá valor para os pobres, n/é? Quer dizer que estas festas aqui já são mais assim, do que dos outros tempos que reunia todo mundo: pobre, rico, fazendeiro, sitiante, n/é, era tudo reunido...*" (Dona Lica: depoimento [jan. 2001], Rosália).

Percebemos também nesta sua fala, a importância dada ao ajuntamento das pessoas pertencentes ao mesmo grupo social sob a proteção de um mesmo padroeiro.

unesp

3.2 Das prendas.

Quanto as espécies de prendas e suas procedências, a diferença é grande. Antes serviam de prenda

> "*...Um pão feito em casa: dava de prenda. Tinha outro que assava uma leitoa: dava de prenda. Outro dava um frango assado. Sei que a noite tudo era leilão. Era gado, tudo o que tinha na festa.*(...)*Todo mundo plantava, todo mundo colhia ... tinha o que dar de leilão, um saco de arroz, de feijão, de café. Hoje em dia o que que nós temos?*" (Dona *Lica*: depoimento [jan. 2001], Rosália).
> "*...A do passado dava muito frango, esses frangos caipiras a turma do sítio trazia, n/é...*" (*N.*: depoimento [jan. 2001], Rosália).

Dona *Lica*, fazendo referência às prendas doadas em tempos idos, passa-nos a impressão de que estas tinham um valor definido não pelo seu preço, mas pelo seu significado. O valor maior era participar, através da doação da prenda, independente de seu valor comercial. Na fala de *N.*, vemos que as prendas estavam relacionadas com a produção de base familiar. Era o produto advindo do trabalho e que deveria ser tributado ao santo que proporcionara a abundância da boa colheita.

A comparação feita entre a dos moradores de hoje e os de ontem também é um fato a ser levado em consideração nos depoimentos, pois se relaciona com a qualidade de prenda doada:

> "*...Todo mundo é empregado e compra de quilo,. Naquele tempo ninguém sabia o que era um quilo de nada a gente tinha uma despensa cheia até em cima, de saco de arroz, de farinha, tinha farinheira para a gente fazer farinha, tinha engenho tinha tudo ... e o que nós temos hoje? O pobre hoje, não tem nada.*" (Dona *Lica:* depoimento [jan. 2001], Rosália).

Hoje o doar, não é mais o fruto de um trabalho direto com a terra, mas sim um produto adquirido através da venda da força de trabalho; algo de que

se pode dispor, e não mais o que é produzido, cultivado no nosso cotidiano. O vínculo entre o Santo e o devoto, a promessa por uma boa colheita, que deveria ser paga com a doação da prenda, já não existe mais.

> "*As prendas que a turma traz, já não é mais que nem antes, como a do passado* (...) *Agora ainda tem mas não é tanto mais não. A turma compra assim no supermercado, e leva mais coisa de supermercado, e alguma noite tem boizinho, algum carneiro...*" (*N.:* depoimento [jan. 2001], Rosália).

Para Dona Ilda, o que chama a atenção com relação à realização das festas propriamente, são as barracas de venda de comidas, que hoje pouco aparecem, ou até mesmo não existem. Ela se refere também à presença do coreto no passado e sua ausência no presente:

> "*... tinha muita barraquinha, mais movimento* (...) *vendia, assim ... as barraquinha era de tudo quanto era coisa de comer, sabe?* (...) *Doce, café...* (...) *Tinha o coreto ... e o povo ficava ali em volta, n/é ...e eles gritando o leilão no coreto. Mas agora não, é só lá no salão.*" (Dona Ilda: depoimento [jul. 1999], Rosália).

As barracas de venda de comes e bebes são mencionadas nas festas do passado, mas no presente pouco ou nada representam.

> "*...Hoje é bem diferente, não é igual* (...) *Hoje só tem a quermesse, mesmo.* (...) *e no salão, ainda. Aquele tempo tinha quermesse, mas era com coreto. Com tudo.*(...) *Tinha o coreto ... e o povo ficava ali em volta, n/é ... e eles gritando o leilão no coreto. Mas agora não, é só lá no salão.*" (Dona Ilda: depoimento [jul. 1999], Rosália).

Além das barracas e todo o burburinho das pessoas, é mencionada a ausência do coreto, cuja finalidade nas festas era servir de palco para o leiloar das prendas. O coreto, em tempos bastante remotos, serviu como grande propagador de notícias, sem contar que em tempos de eleições era utilizado para o discurso político dos candidatos. Em algumas cidades do interior do país, é comum encontrarmos esta *peça* afixada em meio a uma praça. Em

unesp

Rosália, as necessidades fizeram com que este elemento fosse extirpado, fisicamente, mas permanece vivo no discurso e memória dos mais velhos.

3.3 Os fatores de influência.

A pergunta que surgiu na introdução deste trabalho perdura até agora. O que exerceu influência para que as festas chegassem a cair no desagrado dos moradores mais antigos?

Em um primeiro momento das entrevistas, dizia-se que a influência exercida pelas irmãs na organização das festas contribuiu para que as mesmas sofressem transformações:

> "*...do meu ponto de vista o que eu acho que atrapalhou tanto foi depois que as Irmãs vieram para cá ... as irmãs foram mudando, sabe?* (...) *eu já ouvi falar que ninguém está ajudando mais que nem era. Acho que devido a mudança muitos já achou que não estava certo, n/é. Então já não ajudam mais como antigamente...*" (*N.*: depoimento [jan. 2001], Rosália).

Depois, sua fala transfere toda a culpa para os fatores de ordem econômica:

> "*...Uma que as populações dos bairros acabou também, n/é.* (...) *É por causa que foi acabando a lavoura, e a turma foi indo embora para a cidade.* (...) *Já não tinha mais como os caras viver mais como antigamente, então já foi "*vazando*" tudo, foi tudo indo embora para a cidade ...*" (*N.*: depoimento [jan. 2001], Rosália).

A saída das pessoas do campo sofreu a influência ainda das condições do próprio solo, que não produzia mais como nos primeiros anos de desmate. Para o informante, a evasão neste momento...

> "*...Foi mais por causa da lavoura, as terras foram ficando fracas ... as possibilidades foram sendo mais pouca. Então eles já procuraram as cidades, outros já mudaram, em ... outros Estados...*" (*N.*: depoimento [jan. 2001], Rosália).

unesp

Dona *Lica*, ao ser questionada sobre o motivo pelo qual as festas não apresentam mais as mesmas características daquelas realizadas até a década de setenta do século passado, alega motivos que têm como ponto central a posse da terra e o trabalho assalariado. No seu entendimento, o *antes* podia oferecer terreno para as boas festas pelo fato de

> "*...Cada um ter o seu sitinho, seu pedacinho de chão. Hoje em dia ninguém tem, n/é? Quando tem uma casinha, ainda tem que dar graças a Deus, n/é? Naquele tempo todo mundo tinha o seu pedacinho de sítio, n/é?*" (Dona *Lica*: depoimento [jan. 2001], Rosália).
> "*...Todo mundo plantava, todo mundo colhia ... tinha o que dar de leilão ... um saco de arroz, de feijão, de café. Hoje em dia o que que nós temos?*" (Dona *Lica*: depoimento [jan. 2001], Rosália).

Com relação ao papel das Irmãs Consagradas, que poderia ter levado as festas a se modificarem, ela diz:

> "*...Acho que não. Porque não pôde mesmo, n/é. Elas não pode pôr influência nisso aí ...* você[49] *não pode culpar as irmãs, porque elas também fazem o que elas podem n/é Amauri? Bom, para mim que não vou lá porque eu não participo mais dessas festas. Mas sempre quando a gente vai lá conversar com elas, depois elas dão tudo direitinho. Que nem esse ano. Saiu o tanto da festa, sete mil e tantos (Reais). Acho que receberam hum mil e pouco (Reais), o outro foi tudo fiado. Assim eu vi falando lá no leilão, n/é?*" (Dona *Lica*: depoimento [jan. 2001], Rosália).

Se a proposta é examinar a compreensão da vivência cotidiana, ou seja, o valor atribuído a um mesmo fato por diferentes indivíduos, temos que considerar que, não considerar as Irmãs Consagradas como causadoras do declínio das festas, está vinculado ao seu lado religioso e não à sua sensibilidade para o processo de esvaziamento rural. Nisto suas informações diferem da fala recorrente da maioria dos moradores de Rosália, principalmente aqueles que não estão ligados à religião. Em certos trechos da fala de dona

---

[49] Não houve qualquer tentativa de influência do pesquisador com relação a este tópico. Vide entrevista em anexo. A palavra *você*, foi usada como força de expressão. Ver anexos, entrevista com Dona *Lica*.

unesp

Lica registramos informações que consideramos como fatores fundamentais: a saída dos pequenos agricultores do campo e a sua transformação em assalariados.

3.4 O não participar.

Entre os informantes há um consenso com relação à não participação nas festas atuais, e todos são unânimes ao afirmar a sua ausência: "*Eu não freqüento!*(...) *Vou na missa, fora de festa ... nesta festa eu não fui nada, nada.*" (Dona *Lica*: depoimento [jan. 2001], Rosália). O outro informante diz que

> "*...Faz tempo que eu fui, eu já não achei do meu tipo mais. Porque agora faz tudo dentro do salão. Antigamente tinha o coretinho do lado de fora, ali ficava todo mundo à vontade. Agora é lá dentro do salão e eu já ouvi falar que ninguém está ajudando mais que nem era.*" (*N.*: depoimento [jan. 2001], Rosália).

A partir do momento em que deixam de participar ativamente enquanto membros do grupo, através da doação de prendas significativas, as pessoas se mostram indiferentes ao processo de preparação das festas: "*Hoje eu nem faço conta de participar, porque é muito diferente. A gente chega lá, vai só ver, visitar o leilão.*" (Dona *Lica*: depoimento [jan. 2001], Rosália).

O desinteresse é compreensível porque a pessoa não se sente parte integrante do processo, quer seja em relação à organização enquanto Festeiro, quer como doador da prenda, ou com o pedir da prenda na condição de noiteiro. À medida em que estas funções perdem significados e são extintas, as pessoas se desmotivam. É como se fossem excluídos de um grupo, ainda que fizessem parte dele. As condições de outrora não existem mais, e as de hoje não conseguem contemplá-los, incluindo-os significativamente como um membro ativo, desde a organização até a finalização da festa.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

> *"...Hoje em dia as festas eles escolhem o dia que eles querem fazer. Não aquele tempo era festa do Senhor Bom Jesus. Eram os nove dias. Aquilo era tudo certinho, como mandava a lei, n/é, do Santo. Era igualzinho na Bahia. Hoje em dia eles fazem aí, os maiorais fazem do jeito que eles querem. Não tem dia de começar, não tem dia de acabar e com isto falta muita gente. De primeiro uma festa aqui, era festa mesmo, os dias contados tudo certinho. Vinha gente dessas redondezas tudo. De Guaimbê, Marília, tudo. Hoje em dia não tem mais isso. Muitos que chegam já não acha mais festa porque não é no dia, e eles estão acostumados com os dias certinho. Por isso ficou muito diferente..."* (Dona Alcenita: depoimento [jan. 2001], Rosália).

O motivo pelo qual ainda fazem as festas, principalmente em homenagem aos santos padroeiros, já não é o mesmo do momento de sua criação. Para relembrar apenas, no ano de 1937, quando os migrantes nordestinos realizaram a primeira festa, a finalidade era se apegar com o santo, para que o dias corressem sem qualquer infortúnio, para que as colheitas fossem fartas e para agradecer os ex-votos alcançados. Era por devoção. Atualmente, as festas visam algo mais além de devoção e diversão – segundo meus sujeitos da pesquisa –, ou seja, visam o lucro.

> *"A devoção não está certa não. Hoje em dia o povo quer é grana. (...) Hoje em dia não é. É por esse, ó!"* (Esfrega o dedo polegar no indicador, simbolizando o sinal universal do dinheiro). (Dona Alcenita: depoimento [jan. 2001], Rosália).

Atualmente, as festas estão reduzidas a eventos que se resumem à venda de tômbolas[50].

Algum tempo antes do dia da festa, que pode não coincidir com o dia do santo, seu organizador sai pelas cercanias do Distrito pedindo prendas. Diferentemente de antigamente, as prendas de hoje são animais de médio a grande porte como garrotes, novilhos, carneiros, etc. Isto porque, tais prêmios chamam maior número de "apostadores". Segundo o agente da pesquisa *N.*,

---

[50] É a cartela que deve ser preenchida pelo jogo de bingo.

no lugar das barracas onde vendiam comidas e bebidas, hoje "*...estão fazendo o bingo*". Conforme seu depoimento, se comparamos o valor de um frango assado com o de uma cartela, "*A cartela do bingo eu acho que é mais barata*", e isto contribui para que compareçam

> "*...mais gente no bingo do que mesmo para arrematar o leilão. Por que no bingo o cara vai aventurar num carneiro, numa leitoa. É a base de R$ 3,00 a R$ 4,00 uma cartela. Então a turma vai mais, do que mesmo ir arrematar o leilão.*" (*N.*: depoimento [jan. 2001], Rosália).

Mesmo que apresente características diferentes de antigamente, esta nova forma encontrada de realizar a festa em homenagem ao único protetor do Distrito – Senhor Bom Jesus, já que a festa em homenagem a Santa Luzia não mais se realiza – ainda consegue trazer um bom número de participantes. O que a faz diferente é que não existe mais o envolvimento de toda a população em sua organização, com o pedir de prendas variadas, com o armar das barracas de venda de produtos, o assar de frangos e leitoas, etc.

Com relação à folia de reis, conforme já relatamos no segundo capítulo, esta somente acontece graças à tenacidade, perseverança e disposição de um pequeno grupo, que sem roupas enfeitadas e desgastados pelo trabalho do dia-a-dia, ainda encontram forças para cantar o reis até quase a meia noite, tendo que, no dia seguinte, acordar antes do despertar do galo para mais um dia de labuta.

Com relação às fogueiras, acredito que o último ano de sua realização nas ruas de Rosália foi em 2000. A comodidade ou necessidade exigida pelas novas tecnologias do mundo contemporâneo não mais permitirá que crianças corram ou pulem ao redor da fogueira, isto porque todas as ruas do Distrito de Rosália, que até o referido ano eram de chão batido, agora estão asfaltadas.

unesp

Na verdade, o que contribuiu para o fim das festas, segundo depoimentos coletados e ouvidos e de acordo com os dados da bibliografia, foram as transformações pelas quais passou o país a partir da segunda metade do século XX.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei ao máximo não emitir juízo de valor, esconder minha própria posição em relação às festas, mesmo sabendo ser isto impossível, particularmente em um trabalho como este, onde o pesquisador é também sujeito de pesquisa. Mesmo sendo um participante ativo de toda a questão aqui narrada, não me senti à vontade para tratar de algo que um dia deixei para trás. Nestas considerações finais faço algumas observações, não por vontade, mas por necessidade.

O que deve ser levado em consideração, tanto em Queiroz (1973) em seu estudo sobre os bairros rurais paulistas, quanto no Distrito de Rosália, é a origem das festas e a importância que a população atribuía à sua realização. Em Rosália, não havia a organização de um peditório através da folia, ou seja, uma comitiva paramentada de instrumentos musicais que saía pelos limites do bairro arrecadando oferendas, o que criava condições para que os moradores compartilhassem entre si as graças recebidas pela intervenção divina, através da colheita.

Este compartilhamento existente no grupo rural, fazia com que o indivíduo doasse algo para sentir-se pertencente ao grupo; mas em Rosália não se impunham constrangimentos às pessoas que não o fizessem. Isto porque, em Rosália, o *noiteiro* saía sozinho a pedir, e não tinha as testemunhas oculares existentes nas folias dos bairros rurais. Aquele indivíduo que se negava a doar a prenda não atraía o olhar de uma equipe que poderia delatá-lo a todo o grupo. O negar-se a doar a prenda, em Rosália, ficava apenas entre o *noiteiro* e o não doador.

unesp

Percebe-se então que, comparando o estudo realizado por Queiroz (1973), com o que ocorria nas festas dos padroeiros em Rosália, o *festeiro* e os doadores de prenda são comuns aos dois contextos, enquanto que os *noiteiros* são exclusivos do caso estudado neste trabalho.

As festas religiosas realizadas no Distrito de Rosália em homenagem aos Santos padroeiros, as Folias de Reis e as Fogueiras, que tiveram sua origem no catolicismo popular, já não apresentam o mesmo brilho nem a mesma repercussão das décadas anteriores. Podemos neste caso, citar alguns elementos que exerceram influência direta nestas transformações.

Em primeiro lugar, destacamos as inúmeras mudanças sócio-econômicas vividas pelo país a partir da década de sessenta, que incentivaram o êxodo rural, afetando substancialmente as relações sociais do pequeno Distrito de Rosália.

Em meados da década de cinqüenta do século XX, teve início a implantação da industrialização pesada no país, cujo ramo principal foram as

> "*...indústrias de insumos agrícolas (em particular a indústria de tratores e máquinas agrícolas, fertilizantes químicos, rações, medicamentos veterinários etc.). A partir daí, a agricultura não podia mais ser vista apenas no seu papel* passivo *ela iria constitui-se cada vez num mercado não de bens de consumo, mas de meios industriais de produção ...*" (Silva: 1982, p. 46).

Devido à expansão do setor industrial de maquinarias pesadas, assistimos ao capital assumindo o controle das forças da natureza e colocando-as a seu serviço. É neste momento que o capital assume no campo "*...as relações sociais de produção...*" (Silva: 1982, p.45). A partir do momento em que novas técnicas são desenvolvidas "*...é como se o homem passasse a fabricar as terras necessárias.*" (Silva: 1982, p. 45) para a produção. Portanto,

unesp

> *"...a terra deixa de ser o meio de produção fundamental, a produção agrícola deixa de se guiar apenas pela fertilidade dos solos, pela água da chuva, enfim pelas condições naturais que afetam a produtividade do trabalho. O comando passa progressivamente ao capital, através do uso de meios de produção, como as máquinas, os fertilizantes, os canais de irrigação e de drenagem (...) a produtividade do trabalho é aumentada artificialmente, ou seja, ela não depende mais apenas das condições naturais em que se realiza a produção agrícola. O próprio capital cria essas condições (...), tornando a produção agrícola mais intensiva sob o seu domínio..."* (Silva: 1981, p. 24).

O investimento na produção mecanizada, ocasionou a substituição das culturas de subsistência como arroz, feijão, mandioca e milho para a criação de aves e suínos, por culturas que atendessem a um mercado mais amplo como, por exemplo, o amendoim para a indústria de óleo e sabão, o milho para as granjas leiteiras, avícolas e suínas, bem como o café e a cana de açúcar visando o mercado externo. Deixa-se, portanto, de produzir para atender as necessidades imediatas, visando os grandes pólos consumidores.

Ao mesmo tempo em que o capital avança sobre a agricultura, surge a necessidade de um elevado número de pessoas para que as máquinas agrícolas comecem a ser produzidas. Oferecendo salários relativamente altos, a migração dos pequenos produtores para os grandes centros urbanos foi encorajada.

O Distrito de Rosália que, na sua fundação, tinha o papel de fornecer gêneros de primeira necessidade aos pequenos arrendatários que moravam nas adjacências, ou ainda, servir como ponto de encontro dos mesmos por ocasião das festas e dias santos, transformou-se em centro de moradia dos antigos pequenos arrendatários que, por sua vez, tornaram-se bóias frias.

unesp

Um segundo fator que contribuiu para o desencantamento das festas foi a influência exercida pela igreja a partir da década de setenta, quando esta assume a organização dos festejos.

Até o final dos anos sessenta, as festas em homenagem aos santos padroeiros, Senhor Bom Jesus e Santa Luzia, eram de responsabilidade da população, que definia todos os passos a serem seguidos para sua realização, embora os membros do grupo fossem visitados regularmente pelos padres da Ordem dos Franciscanos.

No último ano da década de sessenta, os Padres Franciscanos deixaram de fazer as visitas ao grupo local, sendo substituídos pelos Diocesanos. A limpeza da igreja também deixou de ser tarefa das senhoras católicas rezadeiras, pois ao serem enviadas para o Distrito de Rosália as Irmãs Consagradas assumiram para si todas as obrigações de cuidar da igreja.

Neste momento, em 1970, há a substituição do "catolicismo rústico", surgido da necessidade cotidiana de congregar indivíduos pertencentes a um mesmo grupo social, por um outro, aquele que Bosi (1987) denominou de catolicismo refinado e definiu como sendo um catolicismo de tipo "eclesiástico erudito", em que a figura do padre passa a ter importância fundamental. As tentativas da Igreja de substituir tal fenômeno de expressividade da participação popular, como nos lembra Brandão (1978), vem "*...desde a época da colônia...*", onde "*...atos de bispos e padres com vistas a controlar ou mesmo proibir expressões populares durante as cerimônias litúrgicas...*" (p. 38), são relatados.

Podemos ainda mencionar um terceiro fator de interferência nas realizações das festas, que alguns autores[51] denominam *cultura de massa*, tendo como principal instrumento a televisão. Se em tempos anteriores era possível que se enchesse a igreja de fiéis para a realização das novenas que antecediam os dias de festas, agora nem mesmo no dia do Santo é possível retirar da frente da "telinha", as pessoas que assistem a mais um capítulo da novela, como nos relata Dona *Lica* ao ser questionada sobre a influência deste veículo:

> "*Eu acho que a televisão acabou com o nosso país ... em tudo. As crianças, as mulheres ... Tudo que passa na televisão, hoje em dia as mulheres querem usar ... então eu acho que a televisão é uma das coisas que mais ... ensina tudo o que ... mais o que não presta do que o que presta. Na minha cabeça, n/é.* (...) *Um capítulo da novela que vai passar, elas* (moças) *não querem perder, então elas acham que lá* (terço e quermesse) *não vão ver nada, n/é. Passa a novela elas querem ver ... tem muitas coisas que não entra na nossa cabeça, mas na delas ... é rapidinho, elas acham que está bom, que está bonito ... tudo que passa ali* (na televisão), *elas querem assistir a própria criança também quer...*" (Dona *Lica*: depoimento [jan. 2001], Rosália).

Após tecer estas considerações, pode-se dizer que as influências sofridas pelas festas no Distrito de Rosália, não são únicas ou especialmente restritas a este local. Tais fatores afetaram inúmeras outras pequenas aglomerações existentes no país, quer fossem bairros rurais, vilas ou distritos.

No final da década de sessenta do século passado, como registramos em parágrafos anteriores, houve a mecanização e a submissão da agricultura ao capitalismo. Somente os grandes proprietários estavam capacitados para competir num mercado que a cada dia exigia mais investimentos em máquinas e tecnologias, substituindo o saber cotidiano do homem rural.

---

[51] Por exemplo, Bosi: 1973.

unesp

Não podendo mais competir em um mercado cada dia mais exigente, os pequenos produtores rurais deslocaram-se, ou para uma nova área de fronteira agrícola[52], ou para os grandes centros industriais.

No momento em que o sujeito da pesquisa *N.*, diz que "*...foi mais o fracasso da lavoura...*" (depoimento [jan. 2001], Rosália), pode-se descartar a idéia de que as Irmãs Consagradas tenham sido as causadoras do declínio da festa, conforme a maioria da população costuma afirmar. É preciso, portanto, a procurar explicação para tais mudanças em outro elemento.

A grande quantidade de pequenos produtores de base familiar proporcionava diversificada arrecadação de prendas. A sua permanência no Distrito de Rosália somente foi possível enquanto a terra, naturalmente fértil, assim o permitisse. A partir do momento em que o solo não apresentou condições favoráveis para a agricultura, porque "*...as terras foram ficando fracas* [e] *as possibilidades foram sendo mais pouca...*", a saída para as famílias foi "*...procurar as cidades, outros já mudaram bem,* (para) *outros Estados...*" (*N.:* depoimento [jan. 2001], Rosália).

Os parceiros/meeiros e pequenos arrendatários não possuíam condições de enriquecer as terras com fertilizantes químicos. A saída para estes pequenos produtores rurais de base familiar foi procurar novas terras para explorar e deixar o terreno, já limpo, para os grande produtores rurais ou, então, ir de encontro aos grandes centros urbanos vender sua força de trabalho.

---

[52] Sobre fronteiras agrícolas, ver Silva: 1982, pp. 114/25.

unesp

Alguns sujeitos de pesquisa, entre os que prestaram depoimento e os que ficaram apenas na conversa informal, alegam que toda a responsabilidade pelo declínio das festas é das Irmãs Consagradas. Porém, avaliando a fundo a questão, pode-se arriscar a dizer que estas foram vítimas das circunstâncias.

A população rosaliense perdeu parte de seus costumes devido à nova ordem econômica assumida pelo país, e as Irmãs Consagradas tornaram-se, para alguns, as vilãs da história.

Acredito que ambas, a população rosaliense e as Irmãs Consagradas, tenham sido vítimas de um mesmo processo. Não faço com isso qualquer apologia em defesa das Irmãs Consagradas, como se poderia. Provavelmente sua presença pode ter retirado um pouco da espontaneidade da população em participar e, acima de tudo, realizar as festas à moda antiga. Mas daí afirmar que foram elas as únicas causadoras do declínio das festas, seria ignorar todo o processo histórico vivido pelo país ao longo da segunda metade do século XX.

unesp

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Manuel Corrêa de. *Terra e homem no nordeste.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1963.

BASTIDE, Roger. *Sociologia do folclore brasileiro.* São Paulo: Editora Anhambi, 1959.

BLAY, E. A. Dormitórios e vilas operárias. O trabalhador no espaço urbano brasileiro. In: *Habitação em questão* (org.) VALLADARES, L.P. Rio de. Janeiro: Zahar, 197[?].

BOSI, Alfredo. A Cultura como Tradição. In: BORHNHEIM, Geid. *Cultura brasileira: tradição/contradição.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. P. 31-58.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular:* leituras operárias. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____ *Memória e sociedade* - lembranças de velho. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas: Papirus, 1989.

_____ *O que é folclore.* Coleção primeiros Passos. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____ *Sacerdotes da viola*: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____ *Sacerdotes da viola:* rituais religiosos popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981.

unesp

CASCUDO, Luiz da Câmara. *Folclore do Brasil*: pesquisas e notas. Editora Fundo de Cultura. São Paulo: 1967.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CERTEAU, Michel De. - *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1995.

CHAMMÉ, Sebastião Jorge. *Saúde: um processo em constante construção*: um estudo sobre o imaginário e as representações sociais da concepção de saúde entre crianças de 7 a 12 anos. Tese de Livre-Docência.

COBRA, Amador Nogueira. *Em um recanto do sertão paulista*. São Paulo: Hennies Irmãos, 1923.

FURTADO, Celso. *Dialética do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

_____ *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HARRIS, Marvin. *Town and country in Brazil*. Nova York: Columbia University Press, 1956.

LARA, Paulo Corrêa de. *Marília, sua terra sua gente*. Marília: Editora Iguatemy de Comunicações Ltda, 1991.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Tradução de Wilson Martins - São Paulo: Anhembi, 1957.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

LINTON, Ralph. *Cultura e personalidade.* São Paulo: Editora Mestre Jou, 1973.

LOBATO, Monteiro. - *Cidades mortas.* São Paulo: Brasiliense, 1959.

LOPES, Juarez Rubens Brandão. *Desenvolvimento e mudança social:* formação da sociedade urbano-social no Brasil. 4. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

MELLO, Maria Conceição D'Incao. *O bóia-fria:* acumulação e miséria. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

MELLO E SOUZA, Antônio Cândido de. *Os parceiros do rio bonito.* São Paulo: Duas Cidades, 1972.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século*: um estudo sobre o surto milenarista do contestado. São Paulo, Duas cidades. 1974.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. Religião e dominação de classe: o caso da romanização. **In**. *Religião e sociedade*. n. 06, 1980.

PARK, R.E. A cidade: sugestões para investigação do comportamento humano e meio urbano. **in** VELHO, O.G. *O fenômeno urbano.* Rio de Janeiro: Zahar, 197[?].

QUEIROZ, Maria. Isaura Pereira de. *Bairros rurais paulistas.* São Paulo: Duas Cidades, 1973.

_____ *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana:* ensaios. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1978.

REIS, João José. *A morte é uma festa:* ritos fúnebres e revolta popular no brasil do século XIX. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

SILVA, José Graziano da. *Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura*. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

_____. *A modernização dolorosa*: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

SINGER, André. *O último parceiro do Rio Bonito.* Folha De São Paulo, 25 abr. 2001. Folha Ilustrada, pp. E1, E3.

SIVELLI, Radla Maria Gidrão. & RIBEIRO, Rosely Cristina da Rocha. *Na capital nacional do alimento há fome* (Mimeo), 1996

TEIXEIRA, Paulo Alves. *Histórias de minha terra.* Marília: Câmara Municipal de Marília, 1988.

TINHORÃO, José Ramos. *Música popular de índios, negros e mestiços.* Petrópolis: Vozes, 1972.

VIDAL, Bento de Abreu Sampaio. *Discursos na Assembléia Legislativa de São Paulo*. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1938.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

ABNT. *Informação e documentação* – Referências – Elaboração. Rio de Janeiro. ago., 2000. 22 p.

HOLANDA FERREIRA. Sérgio Buarque de. *Minidicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 1989.

BIBLIOGRAFIA FOTOGRÁFICA

LUIZ, J. Pedro & LUIZ, Jorge. *Pagando promessa.* Rosália, 13 dez. 1981. 1 fot. color. 8,67X1256 cm.

_____ *Interior da capela do Senhor Bom Jesus.* Rosália, 13 dez. 1982. 1fot. color. 11,72X8,5 cm.

SILVA, Amauri Augusto da. *Bandeira da folia de reis.* Rosália, jan. 2001. 1 fot. color. 15,00X9,4cm

_____ *Os foliões e os instrumentos.* Rosália, jan. 2001. 1 fot. color. 9,82X14,8cm.

_____ *A dona da casa com a bandeira da folia de reis.* Rosália. 1 fot. color. 14,78X9,52cm.

BIBLIOGRAFIA DE ENTREVISTAS

ROCHA, A. B. Alcenita Belmiro Rocha [jan. 2001]. Entrevistador Amauri A. da Silva. Rosália: UNESP, 2001. 01 fita cassete (60 min.)3 ¾ pps, estéreo. Entrevista concedida para a Dissertação de Mestrado.

SILVA, A. Agenor Silva: depoimento [jan. 2001]. Entrevistador Amauri A. da Silva. Rosália: UNESP, 2001. 01 fita cassete (60 min.)3 ¾ pps, estéreo. Entrevista concedida para a Dissertação de Mestrado.

SILVA, M. J. Maria José da Silva: depoimento [jan. 2001] Entrevistador Amauri A. da Silva. Rosália: UNESP, 2001. 01 fita cassete (60 min.)3 ¾ pps, estéreo. Entrevista concedida para a Dissertação de Mestrado.

SOUZA, D. F de. Dionísio Francisco de Souza: depoimento [jul. 1999] Entrevistador Amauri A. da Silva. Rosália: UNESP, 2001. 01 fita cassete (60 min.)3 ¾ pps, estéreo. Entrevista concedida para a Dissertação de Mestrado.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 1 12 13 14 15 16 17 18

ANEXOS:

ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM O SR. DIONÍSIO E DONA ILDA (jul. 1999).

Pesquisador: Qual o nome do Sr.?

D: Dionísio Francisco de Souza.

P: O senhor tem apelido?

D: Tenho o apelido de Dió desde pequeno

P: Qual a idade do Sr.?

D: Olha no dia 9 de outubro, agora vou inteirar 87.

P: O Sr. Lembra em que ano chegou aqui em Rosália, Seu. Dio?

D: Que eu moro aqui?

P: É, o ano que o Sr. Chegou.

D: Eu cheguei aqui, não sei o dia do mês, mas foi em 36.

P: Em 36?

D: É, eu estive no Rio de Janeiro ... fui pro Rio de Janeiro em 35, fiquei lá um ano ... depois voltei lá pra Aliança perto de Guaimbê ... foi quando minha família veio da Bahia, aqui para Rosália, então eu precisei vir para ficar perto deles, ... porque sabe, é tudo velhinho precisa de ajudar, n/é.

P: De que lugar da Bahia?

D: Macaúbas.

P: Quando o Sr. Chegou aqui em Rosália, então em 1936, a cidade como que era?

D: Ih! Rapaz não tinha quase nada, viu. Lá em cima onde é a (casa da) Mariquinha, você sabe, né?

P: Sei.

D: Era a antiga farmácia do Matudana, mais para cima um pouquinho, era outro japonês chamado Matushima.

P: Sim.

D: Esse japonês, eu não sei para onde é que foi! E aqui para baixo ... ali onde é que tem a garagem do Brambilla, tinha um japonês que tinha um carrinho velho ... um "pé de bode", você sabe o que é um "pé de bode"?

P: Sei, sei.

D: Aquele é que fazia todo itinerário da pessoa que precisava de uma 'corridinha', ele é quem dava *sustância* para a pessoa. E, ali onde mora a Ruth, do Pedro Cocada, é onde morava meu irmão. Ele tinha um boteco, lá, e onde que era a casa que é o *inferninho* tinha o *inferninho* de primeiro você sabe, não é?

P: Sei. E o nome do irmão do Sr. qual era?

unesp

D: Ah?

P: O nome do irmão do Sr?

D: Antônio Francisco de Souza.

P: Ah! Sim. Desculpe eu tê-lo interrompido.

D: Ali na outra casa, do meu irmão para a frente, tinha um japonês, ele tinha um caminhão, ... ele parente desse ... esse japonês aqui, o ... (aponta para o Bairro Diamante), Minamoto. Agora pra lá, pá frente. Você sabe, o Yassumi? (Isto é uma referência do presente para que eu consiga me localizar.)

P: Sei ... sei.

D: Ali, era do João Olímpio. Quando ele casou ele fez aquela casa ali, e depois veio um japonês lá da Aliança, perto de Guaimbê e comprou. Aquela onde é que mora o Nelsinho (filho do Sr. João Olímpio), aquele terreno ali era desse japonês que veio. Depois ele tinha dois caminhão, pelejou por aqui, não deu certo ele vendeu a casa para João Olímpio. E dali para a frente não tinha mais casa nenhuma. ... não tinha... Bom, na onde que tem aquele jogo do bicho?

P: Hum!

D: Tinha um japonês, chamava Heacawa. ... ele tinha um negócio de vender arado, corrente, era negócio de lavoura.

P: De lavoura?

D: Sim, de lavoura. Depois, também acabou, ele desmontaram tudo.

P: Certo ... e ... assim armazém, bar tinha algum já, quando o Sr. chegou aqui?

D: Espera um pouco, aqui tinha ... naquela época que eu cheguei aqui ... o meu irmão tinha um armazenzinho, ... coisinha assim ... era boteco, chamava boteco, n/é. E depois fizeram aquela casa em que mora o filho do Seu Onofre, o Zé Maria?!

P: Sim.

D: Ali fizeram uma sorveteria. Até o dono, um dos que compraram ali primeiro ele se matou, um japonês .. era o sogro do Yassuo

P: Yassuo Takaoka?

D: É o Yassuo Takaoka. ... É Numazawa.(o nome do suicida).

P: E ... o senhor não se lembra, assim mais ou menos a data ?

D: Foi em 36.

P: Ah, sim! Foi em 36, mesmo?

D: Isso, em 36.

***P:** Quando o senhor chegou aqui, então, Rosália estava começando?*

D: É, já tinha ... essas casinhas que eu falo que tinha, ... era aquelas, né?

P: Certo.

D: Tinha muito ranchinho, nessa rua mesmo aqui, daquela esquina, você sabe, o Noca? (Agenor Silva, que também se prontificou a me conceder entrevista)

P: Sei, ... sei.

D: Do Noca pra baixo um pouquinho, morava o meu sogro. Morava uns parentes dele. Naquela casa que mora aquele preto, ... Antônio ... ?

P: Antônio Mineiro?

D: Antônio Mineiro. Aquilo ali era do finado Déda, que era dos parentes de Ilda também, era parente de Ilda.(esposa do senhor Dió) E, eu casei, né? Subindo essa rua aí, pra cá do Noca um pouquinho, era a casa do meu sogro, era umas casas ... feita de pau de coqueiro, sabe?

P: Sei...

D: Infincados no chão, parece que era coberta de sapé.

P: Certo.

D: Parece que era, não estou lembrado direito, mas parece que era de sapé. E, ali tinha bastante ranchinho ... de morador por ali.

P: Certo.

D: Não sei o nome de todos agora ... porque ... já faz muito tempo.

P: Ah, é faz muito tempo. Mas quando o senhor chegou aqui, não se chamava Rosália?

D: Chamava ... Tibiriça. ... Depois puseram o nome de Primavera.

P: O senhor se lembra a data. O ano?

D: Ah! ... não sei não ... porque eu cheguei em 36, daí foi aumentando os anos para a frente e eu não sei se foi em 37, 38, 39. Eu sei que de Rosália passou para Primavera, não de Tibiriça passou para Primavera, depois de Primavera ... Rosália.

P: O senhor não tem idéia de quando foi que saiu de Tibiriça, quer dizer de Primavera . Porque de Tibiriça para Primavera foi em 37. Isto eu procurei nos jornais, lá e eu achei, lá em Marília?

D: Pois, é. Olha, Amauri, eu não sei não! Depois de 37,quando passou para Rosália. Primavera é que passou para 37, você falou, não é?

P: Isto. Mas, se o senhor se lembrar de algum fato ... um casamento que se deu naquele ano, se o senhor se lembrar depois o senhor me conta, porque isto para mim é muito interessante: a data que passou a se chamar Rosália.

P: Mas, o senhor estava falando para mim das casas ... as casinhas de sapé. Tinha muita casa de barro?

D: Era quase tudo de barro. Aqui tinha três serradores, que tirava madeira para o pessoal que fazia casa. O pessoal não ia em Marília para comprar tábua, vigotas, caibro ... essas coisas. O Serrador, aqui é quem tirava. Um era o pai de Fausto: ... Anísio. Você lembra dele, não é?

P: Anísio, por isso era chamado de Anísio Serrador?

D: É, Anísio Serrador. E, tinha um português chamado ... Gonçalves ... e tinha um, dizem que era o pai dessa Nazira, você conhece a Nazira?

P: Nazira, eu conheço.

D: Como é gente, que ele chamava? Eu sei que tinha três serrador: Anísio, Gonçalves ... eu estou com o nome do outro 'fia da puta', rapaz. Esqueci.

P: Sim, depois o senhor se lembra. Não tem perigo, aí o senhor me fala. Eu ia perguntar para o senhor o seguinte...

D: Esses aí era os serrador que tirava madeira para a construção aqui. Mas o resto era tudo casa de coqueiro. Era casa de pau, coberta de tabuinha. Você já viu uma casa coberta de taubinha, né?

P: Não, só ouço falar, mas nunca vi não!

D: Pois tinha, aqui tinha.

P: Seu Dió, e esse pessoal que morava nessas casas eles trabalhavam em que?

D: Esses que moravam aqui?

P: Isso. Igual o senhor fala, ... a família da D. Ilda, ...

D: Tudo na lavoura. Naquele tempo a lavoura aqui era o algodão, Amauri! Era algodão. Depois do algodão passou para o amendoim. Quando o algodão foi fracassando, né, passou para o amendoim e ... café. Tinha era bastante café também. Agora não tem mais, mas naquele tempo tinha muito café, por aqui.

P: E ... esse pessoal que o senhor fala que trabalhava na lavoura, eles eram os donos da terra, ou como era a situação deles?

D: Não. Nós tudo era arrendatário.

P: Arrendatário?

D: Tinha também, viu Amauri. ... Você lembra da D. Nenê?

P: Bassan? Lembro.

D: Aquela era a salvação das mulheres aqui. Porque ... lugar que nascia criança que nem redondeza aqui de Tibiriça, Esperança, por aqui ... eu acho que não tinha outro lugar, não. Aquela época eu tinha um jipe. ... eu tinha um jipe, João Olímpio tinha outro, Américo tinha outro. Quando não era eu era Américo, quando não era Américo era João Olímpio ... quase todo mês ia levar ela aí para 'parterar' criança. Mas como nascia menino ali. Aquele Antônio Mineiro, os filhos dele acho que tudo foi eu que levei D. Nenê lá para parterar a mulher dele. Morava aqui no Takitana. Onde é do Mauricinho.Mas, nascia tanto menino ali, meu irmão. ... Meu deus do céu.

P: Porque o senhor acha que nascia tanta criança.

D: Porque tinha muita gente. No Takitana, a fazenda dele ... era tudo cortada em alqueire. Cada um alqueire parece que tinha um rancho ... que morava gente que tocava roça, sabe?

P: Certo, certo. a maioria, era tudo nordestino?

D: Tudo nordestino.

P: O que eu ia perguntar para o senhor, é ... a igreja de Rosália, o senhor tem mais ou menos idéia de quando ela foi construída?

D: Quando eu cheguei aqui, em 36, já tinha quermesse aqui nessa igreja, aí. ... mas nem sino não tinha.

unesp

P: Não? Mas a igreja já tinha? Já existia?

D: A igreja, já tinha ... uma igrejinha lá, não era como essa.

P: Não era essa?

D: Reformaram tudo. Não tinha sino. Sabe o sino o que era?

P: An?

D: Uma campânula de carro, sabe? Dependurada. Tinha um pau, assim, dependuraram a campânula ... chegava com um martelo e batia, mas batia bonito, mesmo.

P: Eu fiquei sabendo, ... esses dias atrás comentaram comigo que parece que foi a irmã da D. Ilda, que ajudou aí na igreja ...

Dona Ilda (DI): Minha mãe.

P: Sua mãe.

DI:A primeira festa de Santa Luzia, foi ela quem fez.

P: A senhora se lembra em que ano que foi, D. Ilda? Isto para mim seria muito importante.

D: Foi de 36 para cá, acho que eles chegaram nessa época mais ou menos, não foi Ilda?

DI: Nós chegamos da Bahia.

D: Ela não sabe a época, que chegou aqui. Eu cheguei aqui em 36.

DI: Olha, eu cheguei aqui com onze anos, eu estou com setenta e quatro não é Dio?

D: Eu cheguei em 36, não demorou muito tempo eles chegaram também. Acho que não foi nem 37 e eles já chegaram.

P: Chega mais aqui D. Ilda senão não sai no gravador. A senhora, tem idéia de porque sua mãe organizou a festa de Santa Luzia?

DI: Por causa de uma promessa que ela tinha com o meu pai ... da vista. É ele ficou doente da vista então ela fez a promessa ... Ela já desde a Bahia que ela fazia isso. Chegou aqui ... ela ... .

P: Continuou?

DI: Continuou. A primeira festa de Santa Luzia ela quem fez.

P: E a do Senhor Bom Jesus, a senhora sabe alguma coisa ... quem foi que iniciou?

DI: Olha! Foi eles também, elas também. Ela e uma mulher que se chamava Maria Leondina. Tudo nesse tempo.

P: Tudo nesse tempo, mais ou menos.

DI: Dezembro, agosto, tudo elas ... do jeitinho que fazia na Bahia, chegaram aqui estavam fazendo.

P: Fala para mim o seguinte estas festas, vocês tem ido nessas últimas festas que tiveram por aqui, por exemplo nós estamos em 1999, em 1998, a senhora

unesp

foi a festa do Senhor Bom Jesus ou de Santa Luzia, ou não. O ano passado a senhora foi?

DI: Ah! Fui. (D. Ilda)

P: E o que a senhora me fala dessas festas de quando a senhora era criança, quando a senhora se pôs mocinha...

DI: Ah! De primeiro eram festas boa, Amauri, ... festa boa mesmo ... tinha muita barraquinha, ... mais movimento ... (D. Ilda)

P: E essas barraquinha, vendiam o que?

D: Vendiam de tudo. Café, essas coisa ... *brevidade*.

DI: Doce ... vendia, assim ... as barraquinha era de tudo quanto era coisa de comer, sabe?

P: Sei.

DI: Doce, café, barraquinha de tudo quanto era coisa tinha.

P: E, hoje, como que a senhora vê as coisas.

DI: Hoje é bem diferente, não é igual.

P: O que que tem hoje?

DI: Hoje só tem a quermesse, mesmo.

P: Só a quermesse?

DI: Só ... lá na ... e no salão, ainda. Aquele tempo tinha quermesse, mas era com coreto. Com tudo.

P: Ah! Tinha o coreto.

DI: Tinha o coreto ... e o povo ficava ali em volta, né ... e eles gritando o leilão no coreto. Mas agora não, é só lá no salão.

P: Seu Dió, o senhor se lembrou de mais alguma coisa? Me diz o seguinte: a senhora lembra mais ou menos quem foi o primeiro que foi batizado, o primeiro casamento, tem mais ou menos uma idéia, assim?

DI: Ah! Não lembro não. (D. Ilda)

D: Não tem, não é. Faz muito tempo também, não é?

P: Seu Dió, Rosália quando ela surgiu , quando era Tibiriça ainda, quando o senhor chegou passou a Primavera. Me diz o seguinte, acontecia muito, é ... crime, ou nunca aconteceu ... Por que desde que eu nasci, de quando eu tinha seis anos até hoje, eu nunca ouvi falar que alguém matou outro aqui ...

DI: Matou. (D. Ilda)

P: Mas antes disso? ... Eu não sei como que era ....

DI: É.

P: É, teve algum crime?

D: Deixa eu falar

DI: Felão, matou o finado Roseno, não foi?

P: Esse Felão, quem era?

unesp

DI: É, o pai de Osvaldo, de Cuia ... (D.Ilda)

D: Você lembra de Toizinho? De Toizinho aqui, o ... (Seu Dió)

D: Pai de Teco?

DI: É, pai de Teco.(D. Ilda)

D: É, o pai de Teco, você lembra dele?

P: Sei do Toizinho eu me lembro.

D: O Felão é irmão do Toizinho. Eles brigaram ... o compadre Roseno, eu sei que Felão matou o finado Roseno ... Antoin Barro levou uma surra de cipo, porque ele queria roubar uma mulher aí, de outro ... os parentes pegou ele, meteu-lhe o couro ...(Risos)

P: Isto é interessante!

D: Mais que eu me lembro, Amauri, foi só esse só.

P: Então o que o senhor se lembra é a única morte por assassinato, foi esta?

D: A era desse assassinato?

P: Hum!

D: Sei não, Amauri. ... Eu sei que já fazia muito tempo que eu era casado ... por que aqueles dias que eles mataram ... que ele matou esse cara aí, eu estava em Maringá comprando um jipe ... fui comprar um jipe, lá e depois que cheguei aqui, achei o Roseno aí na Santa Casa e Felão estava na cadeia ... tinha furado ele, mais acabou o rapaz morrendo.

P: E o Felão, foi solto?

Eu casei em 42 ... foi mais ou menos em 47, parece que foi.

P: O Felão era um que tinha um bar?

DI: Não.

P: Quem era que tinha um bar?

D: O Antoim Barro, não conhece não?

P: Não. O Felão não tinha um bar, um boteco?

DI: Que tinha um bar ... Não tinha ... Compadre Féli nunca teve boteco aqui não.(D. Ilda)

P: Seu Dió, o senhor está falando de 45-46 ... na época da guerra da Segunda Guerra Mundial, o senhor se lembra de alguma coisa?

DI: Da Guerra Mundial?

D: Daquela que ... eu lembro!

P: Lembra?

D: Eu lembro.

P: O que o senhor se lembra?

D: Eu lembro assim, sabe! Quando acabou a guerra ... tinha uns japoneses que não queria que falasse que o Japão tinha entrado no meio e tinha perdido lá a questão, sabe?

unesp

P: Hum!

D: Então tinha uns japoneses .. aqui aquele tempo criava muito bicho de seda, né ... e esses japoneses que não acreditavam que o Brasil ... que o ... que o Japão tinha perdido ... vinha matar aqueles que ... que sabia que falava ... que o Brasil tinha perdido ... que o Japão tinha perdido a ... a guerra, né. ... então eles ponhavam fogo no rancho de bicho de seda. Pôs muito fogo ...

DI: Chamavam Shindoo!

D: Chamavam Shindô Reme!

DI: Era Shindoo, ... esses japoneses, que punha fogo nos galpão.

D: Eles ponhavam fogo nos galpão daqueles que falavam que o Japão tinha perdido a guerra. ... eles não acreditavam não. Uns bicho desgraçado.

P: Mas na questão de mantimentos, ... essas coisas sofreram racionamento?

DI: Sofreu.

D: Teve um tempo que teve racionamento ... você para comprar até sal, tinha que ter uma inscrição. É, rapaz, foi duro naqueles tempo. Para você viajar tinha que ter passaporte ... para você ir daqui ali tinha que Ter passaporte também, naquela época.

P: Eu perguntei, mas não perguntei o seguinte: o senhor sabe mais ou menos de quem era aqui onde fundaram Rosália?

DI: O dono?

P: O dono.

DI: Eu sei.

D: Era Kanite Yamane. Era um japonês, ele era engenheiro.

P: E quando foi que o senhor entrou para o comércio, aqui. Pois o senhor tinha um comércio?

DI: Tinha.

D: Quando que eu entrei ...?(Seu Dió)

P: É!

D: Quer ver. ... Em sessenta e ... sessenta e dois eu estava em Rondonópolis ... depois foi quando eu vendi o meu jipe ... e eu queria ponhar aquela minha lojinha aqui ... mas eu queria ficar isento de imposto ... pelejei, pelejei até que eu ... que me deram a isenção de imposto ... taí, tá guardado aí. Eu posso sair para qualquer lugar com aquele documento que ninguém me pega, né. Parece que foi em sessenta e dois eu estava em Rondonópolis, depois, foi pelo menos em sessenta e quatro que eu comecei com esse negócio de roupa.

P: Mas em sessenta e dois o senhor se mudou para lá?

D: Não, eu trabalhava, lá. Mas só ia trabalhar lá

P: Fotografia. O senhor tem alguma fotografia daqueles tempos ... assim, de gente, do senhor ... de gente que eu digo assim ... das pessoas que moravam aqui ...

unesp

D: Eu tenho umas fotografias velhas aí que eu ... com um cachorro perto de mim ...? Quando eu era açougueiro, sabe?. Eu já fui açougueiro aqui.

P: Mas o açougue era do senhor também, ou não?

D: Ah!?

P: O açougue era do senhor?

D: Meu mesmo.

P: Antes do senhor montar a lojinha ...?

D: Antes de eu montar a lojinha ... muitos anos para trás ... eu trabalhei com açougue ... depois passei a vendedor de burro, comprava burro vendia ... meio tropeiro, sabe?

P: Sei!

D: Bacurô, como diz japonês ... e eu fui tropeiro, fui açougueiro ... mexi com aquele negócio de roupa ... já lutei com bastante coisa aqui.

P: Quando o senhor chegou em Rosália ... em Tibiriça, na época ...

D: Foi em 36.

P: Isso, o senhor ... quando o senhor chegou o senhor fazia o que aqui?

D: Eu fazia?

P: É a primeira coisa que o senhor fez?

D: Fui trabalhar com o japonês, aí ... tombar na Cachoeira. Com um tal de Seky. Você lembra do Zezé Bassan?

P: Lembro

D: O Zezé Bassan, roubou uma irmã desse Seky ... A primeira mulher do Zezé Bassan era japonesa.

P: É, eu fiquei sabendo.

D: Você lembra, não é? ... eu fui trabalhar para o pai dessa menina que o Zezé Bassan roubou. Depois fui mexendo ... meu irmão me entregou o açougue ... pôs o buteco e eu fui mexer no açougue.

P: Esse irmão do senhor o Antônio Francisco, é pai do Zaza?

D: Pai do Zaza, do Valdecir do Técio.

P: Certo. Só para eu me situar, porque senão eu me perco.

D: Tem mais dez ... um em Campinas ... tem o Didi, que mora aqui comigo, mas agora ele está em Minas colhendo café pra lá.

P: Hum, o Didi?

O Didi, sim.

P: O senhor falou que o senhor tem o documento de isenção ...

D: Isenção,. Eu sou isento.

P: Isento de impostos. E esse documento é válido até quando?

D: Vale até o dia que eu morrer, que eu quiser mexer com ele. Eu estou parado, mas se eu quiser começar de novo, tá aí. ...

P: Se quiser abrir um negócio ... estão aí as coisas o senhor pode começar.

Ah! O senhor não teve filhos?

D: Hum!? Minha patroa teve uma menina. Com quatro anos que nos casamos, ela teve uma menina, mas nasceu morta.

P: E ... aí o senhor criou uma sobrinha?

D: É.

P: Certo. Mas, desculpe eu perguntar, mas porque o senhor "pegou" a Edna para criar?

D: Olha, a Edna o pai dela era polícia ... desdeixado ... não cuidava bem da família, sabe.

P: Certo!

D: Então eles, me deram ... o pai da Edna me deu um menino para eu batizar ... eles moravam em ... em Sertanópolis no Paraná. Então minha cunhada veio e trouxe o rapazinho mode eu batizar e trouxe a Edna. ... o meu sogro morava em Marília ... e quando a mãe batia. na menina, a Edna veio ficar uns dias até eles voltar para o Paraná. ... e quando a mãe dela ia voltar para o Paraná já não quis voltar mais.

P: Ela não quis ir embora?

D: Não quis mais, ... gostava daqui ... e eu fui e falei para minha comadre: " Ôh! Comadre, deixa ela mais alguns dias e depois você leva". ... e nunca levou mais. ... daí eu quem criei ela.

P: Seu Dió, neste tempo que o senhor mora, aqui o senhor batizou muita criança?

D: Batizei menino que não sei nem do nome!

RISOS

D: Tenho compadre que eu não sei nem como é que se chama!

RISOS

D: Olha, teve um dia que eu batizei ... três japoneses: uma foi a Caneca(Kaneko), ..

N: Caneca é a ... ?

D: A Caneca (esposa) do Yassuo. E tinha uma menina que morava neste sítio aqui ... ela mora em São Paulo a Vany ... batizei também ... e batizei outra que morava lá na Esperança: a Elza, ela era irmã de um tal Félix Matimoto .... essa eu não sei para onde foi ... agora a Caneca mora aqui, né ... essa Vany que morava aqui mora em São Paulo ... está com uns três meses que ela esteva aqui em casa ... eles são um povo muito atencioso, sabe?

D: A D. Ilda, falou para mim das festas que teve mudança ... e o senhor sempre foi nas festas, Seu Dió, aqui ... nestas festas de padroeiros...?

Nestas festas de Igreja?

unesp

P: Isso, porque a D. Ilda é muito religiosa, ela ia muito a igreja...

D: Eu ia muito. Eu gostava muito também era de dançar.

P: Dançar! Isso, fala um pouco pra gente!

RISOS

D: Meu par mesmo de eu dançar aqui ... era aquela mulher do Yoite, a Maria ... era irmã daquele Victor aquele sanfoneiro ... e aquela mulher do Antoin Barro a Nina,. Você conhece a Nina?

P: Conheço!

D: Aqueles duas danadas, rapaz, eram boas de dança, viu?

P: É?

D: Eu quando trabalhei no Paraná ... lá no Campo Mourão tinha lá uma ... bailarina uma tal Chiquita ... naquele tempo eu paguei Hum Conto e quinhentos para ela me ensinar dançar tango ... tango argentino ... então eu trabalhava no Cruzeiro D'Oeste, mas toda Semana eu ia no Campo Mourão levar passageiro, né ... e eu levava o passageiro ... se era de dia eu descia lá na casa dela ... ela tinha um salão grande punha um disco para tocar e a gente dava "uns quebras", sabe,

P: Hum!

D: Quando era ... chegava no Cruzeiro (D' Oeste), eu ia dançar com as outras lá ... e eu aprendi dançar tango ... e ... eu dei uns treinos bons nelas e elas aprendeu também ... aqui tango argentino era só eu quem dançava.

P: É?

D: Tango é muito difícil ... vinte e cinco passes rapaz ... fazer tudo é duro.

(RISOS)

P: Eu estou vendo ali que o senhor fez fogueira ...

D: O quê?

P: Eu estou vendo que o senhor fez fogueira, essa noite ...

D: E foi da grande, viu ... mas estava um fogão tão bonito aí, menino, mas só que eu fiquei muito pouco ... eu não gosto muito de beira de fogo porque beira de fogo deixa a gente meio ... meio doente, pega gripe.

P: O senhor acende a fogueira porque, é devoção?

D: Minha devoção, minha religião?

P: Não ,não! ... eu digo assim ... o senhor acendeu fogueira ontem, mas tem algum motivo para o senhor ter acendido, ou só porque era o dia do Santo?

D: O eu fiz essa fogueira, porque você sabe todo ano a gente fazia uma fogueirinha, n/é ... tem certa lenda que tem, n/é?

P: An!

D: Porque a minha religião eu sou católico ... outra religião não vai fazer fogueira essas coisas, n/é ... então eu pedi a Valdecir ele trouxe umas lenha aí

unesp

... e eu acendi aí. ... os outros é que assaram carne aí, comeram ... acabou eu já estava deitado.

P: Já estava deitado! Essa questão da fogueira, o senhor acha que também tem mudado? Porque as festas da Igreja diminuíram, a D. Ilda falou que está muito diferente, o senhor acha que o pessoal está acendendo menos fogueira ... com o passar dos tempos?

D: Olha, Amauri, eu não posso te dizer nada, porque tem muitas idéias, n/é, não é mesmo. Ilda, mesmo ontem era ... tem um delegado que mora aqui nesse Diamante aqui ele é muito ... religioso, sabe. Então ele freqüenta ... muito essa igreja daqui e ontem ele fez um forró lá na casa dele todo mundo foi lá ... Ilda até jantou lá na casa dele ... RISOS.

P: Não tem problema, o senhor vai se lembrando das coisas e eu volto aqui outro dia porque para mim eu não tenho pressa.

RISOS

P: Se não tiver problema eu voltar aqui de novo , eu volto para fazer outras perguntas.

DI: Eu ... eu queria mandar para você ... você dá uma lidinha nesse livro ... tem bastante coisa de Rosália aqui ... foi o Paulo Teixeira quem escreveu.

P: Ah! Eu já ouvi falar mesmo.

DI: Chega tá velhinho, dá uma lidinha para você ver.

Não tinha quase casa, mas tinha pensão, tinha cartório, ... agora é como se diz ... tem todas as coisas, mas já não tem um cartório, já não tem ... se chegar um de fora já não tem onde comer ... assim que dá uma pensão.

P: Tem de ficar na casa de colega (situação do entrevistador no momento)

D: Não é Amauri! ... e naquele tempo tinha.

P: Tinha, não é?

DI: Tinha ... as pensãozinha mais tinha. ... De modo que agora está mais adiantado tem telefone ... tem tudo aquele tempo.

SEU DIÓ INTERROMPE

D: A pensão daqui Amauri era ali aonde que tem a casa do Seu Onofre ... ali que era a pensão.

P: Ah sei! Ali era pensão?

D: Aonde que é a casa do João do Viterbo ... aonde que é a moradia deles .. aquela casona que o Viterbo fez ali ... era onde tinha o cartório do Antônio Piacenti ... depois puseram um Banco ... puseram um banquinho ali ... e a moça que trabalhava no Banco se matou ... a como era que se chamava ...

DI: Vilma do Antônio Piacenti

D: Vilma do Antônio Piacenti, ela se matou ... não sei porque ... meteu um revólver no peito dela e se matou.

DI: Olha outra morte que a gente não se lembrava, da Vilma.

unesp

D: Dona Nêne morava aqui ... onde que é ... acho que já desmanchou a casa aí ... tem o Zé Ferreira ... aquelas casas por ali era da D. Nêne.

P: Aqui na esquina?

DI: É, Amauri alembra!

P: Isto aí eu me lembro.

D: Ela quem dava pouso para essas professoras que vinham ... dar aula aqui ... Tinha tanta professora que morava aí ... cada bichona gorda, rapaz ... até quando elas passavam assim, eu falava para a turma ... as professoras falam assim: "Diozão, Diozão ... Diozão, Diozão".

RISOS

D: Mas naquele tempo era bom rapaz! Seu Dió)

DI Vichi! Rosália parece que era outra coisa ... hoje tem mais coisa e não tem nada.(D. Ilda)

D: Em 36 quando eu cheguei aqui não tinha cartório, não tinha nada ... depois foi que chegou o ... esse Antônio Piacenti, ele veio de ... do lado de Araraquara ... de ... esqueci o nome do lugar que ele veio ... pra lá de Rio Preto. Os pessoal antigo dizem que era ruim, sabe?

P: An!

D: Então Chico Domingo dizem que não era muito bom ... puseram o apelido de Chico Misera. ... tinha um tal de Zé Misera ... que morava lá onde é do Mauricinho. Tinha Chico Misera, Zé Misera ... tinha um outro Misera que era dono ... acho que foi da Primavera(Fazenda) ... hoje do Gildo ... era de outro fulano lá ... então tudo era Misera ... esse povo aqui tudo não prestava.

(Neste momento chega alguém e nos cumprimenta. É a Nazira, cujo pai é mencionado como serrador ou madeireiro no início da entrevista.)

D: Sobre as casas que tinha aqui eu já falei ... depois que tinha essas que eu falei ... foi que fizeram aquela ... até chegar no seu Onofre ... onde hoje é do seu Cirço depois era a do Juca, né ... depois a do Seu Onofre ... a do João lá pra frente.

P: Mas as ruas já tinham?

D: A rua já tinha.

P: Já eram ... essas ruas todas ... aqui já tinham?

D: Tudo já tinha ... só que não tinha casa não ... essa ... aquela rua dali de lá ...não tinha casa nenhuma descendo para baixo ... só tinha lá na Bassan ... lá em cima agora tinha ... mas tinha uns ranchinhos pelo meio daqueles capoeirão

P: Hum!

D: Depois foi que ... foram arrumando

P: E o cemitério?

D: O cemitério era aquele velho lá em cima você lembra, né?

unesp

P: Lembro. Mas quando o senhor chegou já tinha aquele cemitério ... já era naquele lugar?

D: Não, não tinha! Naquele tempo que eu cheguei aqui ... morria gente ou enterrava em Guaimbé ... ou em Novo Cravin(Novo Cravinhos, distrito extinto pertencente hoje ao município de Pompéia) ...Novo Cravin tinha ... eu fui lá em Novo Cravin ... levado daqui.

P: Certo

D: Depois foi que fizeram esse cemitério ... antes disso s tinha em Novo Cravin e Guaimbé

P: Então o senhor foi dos primeiros que teve veículo aqui em Rosália?

D: Cheguei aqui em 1936 ... nem cemitério não tinha aqui direito.

P: Eu falo assim, carro o senhor foi dos primeiros que teve?

D: Carro eu comprei depois que eu estava aqui há muito tempo ... eu tinha um sítio aqui na Esperança também ... onde é que era do Quinca de ... de Chico Domingo, sabe, né?

P: Sei.

D: Aí eu peguei e vendi para um tal de Lípio (deve ser Alípio) e comprei uma chimbica ... um pé de bode ... o primeiro carro meu foi um bichinho daquele

P: An!

D: Naquele carro ... até menino nasceu dentro dele aqui na Esperança, aí ... ele não tinha breque, Amauri ... uma vez eu fui levar a D. Nenê, lá numa mulher para ter nenê ... e ela ... fuçou, fuçou, fuçou, não deu jeito ... quando foi mais ou menos umas onze e meia da noite, ela falou pro ... pro marido da mulher ... o seu Antônio ..."...eu não estou dando jeito. Vamos levar ela lá em casa, né. Chegando em Rosália o Dió vai buscar o médico em Marília ... por que se trazer o médico aqui na fazenda eles vão cobrar muito caro" ... quando nós saímos ... na estrada ... você lembra do Zé Cipó?

P: Lembro.

D: Lembra do Zé Cipó ... um que tinha aqui ... o pai dele é o Antoin Arve(Alves) ... morava num canto lá assim (numa curva da estrada) ... quando nós passamos o Antoin Arve ... tinha uma baixadinha(declive) ... tinha um murundu (monte)de terra assim ... um esgotão mal feito ... o pé de bode não tinha breque, rapaz ... quando eu vi ... a luz dele também era ruim ... eu estava chegando ali ... eu pus o pé no breque mas não deu jeito ... o bicho pulou ... assim o menino nasceu RISOS

P: Foi o remédio?

D: O molequinho nasceu, rapaz ... D. Nenê falou ... para que o menino nasceu" ... embaixo um pouquinho, onde era a casa do Quinca Domingo(Domingues) ... era um boteco ... até de uma comadre minha ...

P: Hum!

D: Eu vim de vagarinho, de vagarinho ... deixei o pé de bode na frente da casa ... chamaram a minha comadre ... vieram com as lamparinas ... e só dali

arrumaram ela ...eu voltei dali e levei ela de novo na casa dela ... mas já com o nenê nos braços ... nasceu na estrada.

P: Nasceu na estrada...

D: Chamava Dr. Seixas ... porque eu ia buscar o Dr. Seixas para parteirar (assistir ao parto) e nasceu no caminho....

FIM DA ENTREVISTA.

DONA LICA Janeiro/2001.

Pesquisador(P): Qual o nome da Senhora?

Dona Lica(L): Maria José da Silva

P: Qual a idade da Senhora?

L: 75 anos.

P: A senhora é uma das moradoras mais antiga de Rosália.

L: É.

P: A senhora nasceu aqui?

L: Não eu nasci em Minas.

P: Que ano a senhora veio para cá?

L: Foi em 31. A primeira vez que nos viemos foi em 31, aqui ainda era mato. Tinha somente essas japonesada que eu falei para voce que era o Matudana, Dr. Yamane, o que tinha o onibus, a jardineira velha. Agora eu esqueci o nome do pai do Luizinho. Tinha um rapaz que dirigia a jardineira era Luís.

P: Japonês?

L: Japonês.

P: Então a senhora fala que os Japoneses chegaram aqui bem antes do que os...?

L: É, chegou brasileiro. Chegou o Seu Manoel Messias, Manoel Raimundo ... eles tudo também chegou nessa época ... Chico Alves, Diozão ... tudo eles. Então foi nesse tempo que a gente veio para cá. Nós morávamos na Formosa (Bairro), no Sítio do meu Tio Zé. Rosália era mato, a gente vinha ali da Formosa ... já tinha os japoneses do outro lado tudo abrindo mato. João Olímpio, foi também um dos fundadores daqui, que entrou aqui primeiro, mais minha tia (Dona Alcenita) ... porque ele morava aqui, casou com ela no Guaimbé e trouxe ela para cá.

P: Quando a senhora veio de Minas para cá a senhora veio de que (meio de transporte)?

L: Nós viemos de trem de ferro.

P: Vieram de Belo Horizonte até São Paulo ...

L: Viemos de Curvelo até Belo Horizonte ... depois pegamos a migração para São Paulo ... não tinha nada de pagar passagem ... Era migração.

P: Ah! Não pagava?

L: Não era tudo ... vinha muita famílias. Então ficava num lugar em São Paulo que se chamava migração ... ali ficava dois dias ... eles davam tudo ... comida para agente trazer para os interior que a gente vinha.

P: A passagem não pagava?

L: Não.

P: Nem de Curvelo a Belo Horizonte?

unesp

L: Nem de Curvelo a Belo Horizonte .. nem de Belo Horizonte para São Paulo. Agora, chegava em são Paulo, ficava dois dias ... muitas família ... baiano, mineiro tudo ali misturado ... aí eles faziam ... davam umas bolas de mortadela, pão e a gente acaba de chegar no lugar que agente tinha que chegar.

P: E ... quando a família da senhora veio de Curvelo, já tinha alguém aqui na região?

L: Não, primeiro em 31 quando nós viemos ... nós ficamos em Guaimbê um ano, n/é? De colono, meu pai trabalhou de colono para os japoneses ... aí depois nós viemos aqui para Tibiriçá.

P: Tibiriçá, ... Rosália?

L: Tibiriçá, era Rosália. Tinha o nome de Tibiriçá. Aí foi abrindo sítio "prá'qui, prá'li". Depois teve esse nome de Primavera, eu nem me lembrei.

P: Deve ter sido por um período bem curto?

L: É deve ser no tempo que nós passamos em Guaimbê n/é? Que eles colocaram o nome de Primavera.

P: Esses dias atrás, eu fiquei sabendo que a senhora foi uma das pessoas que procuraram para falar das festas aqui em Rosália. Eu pergunto para a senhora: quando a senhora chegou aqui em Rosália já tinha a igreja?

L: Não. Tinha não.

P: Então a igreja foi fundada depois que chegaram ...

L: Depois que nós chegamos ... foi quando foi batizar esse menino que eu estou te falando ... que o padre não deixou ... foi que batizou o largo da igreja. A igreja era pequenininha n/é. De coqueiro, tijolo no soalho

P: As festas daquele tempo, como a senhora descreveria para nós?

L: Ah! Nem tem comparação. As de hoje nem chega perto, nem pode comparar.

P: Em que sentido? O que a senhora destaca que tinha antigamente e que hoje não tem mais?

L: Era mais união do povo, dos sitiantes, de que hoje em dia ... menos orgulho ... hoje tem muita coisa assim, quer dizer ... não sei nem falar de que jeito é ...

P: Do jeito que a senhora quiser falar!

L: Mais gente, assim, que não dá valor para os pobres, n/é ... quer dizer que estas festas aqui já são mais assim ... do que dos outros tempos que reunia todo mundo: pobre, rico, fazendeiro, sitiante, n/é, era tudo reunido. Era bonito, um vinha trazia uma prenda, outro vinha trazia outra. É que nem eu estou falando, era o noiteiro. Era coisa bonita.

P: Era mais ou menos assim, se eu estiver errado a senhora me corrija, Naquele tempo havia uma colaboração maior de todo mundo.

L: De todo mundo pobre, rico ... tudo.

P: Todo mundo ajudava, com uma caixa de fósforo, um quilo de batata...

unesp

L: Um pão feito em casa dava de prenda ... tinha outro que assava uma leitoa ... dava de prenda, outro dava um frango assado ... sei que a noite tudo era leilão, era gado, tudo o que tinha na festa.

P: E hoje, como é?

L: Hoje eu nem faço conta de participar, porque é muito diferente. A gente chega lá, vai só ver, visitar o leilão ...

P: Mas, tem leilão?

L: Tem.

P: Além do leilão tem alguma outra coisa?

L: Que eu saiba é somente o leilão, são seis noites que tem, mas esse ano parece que foi só dois domingos, n/é.

P: E antigamente, quantos dias eram?

L: Eram seis dias. Começava seis dias, antes do dia do Santo ... até o dia do santo, toda noite tinha ... Toda noite tinha leilão. Prenda, festa, quermesse, tudo direitinho.

P: E no último dia era o dia inteiro de festa, que era o dia do Santo?

L: Festa, procissão, n/é/

P: A senhora se lembra ... dá para falar um pouquinho da procissão?

L: Era bonito, n/é.

P: É. Saía de onde essa procissão?

L: Saía igual a de hoje, da igreja. Só que tinha muita gente, n/é Amauri! Gente bastante mesmo ... muito morador ... tinha muito sitiante que ajudava, n/é. ... era umas festas que ninguém perdia. Vinha gente de Marília, pode perguntar a Chico Alves, de tudo ... era bonito.

P: E hoje tem a procissão, mas não é igual as de antes?

L: Tem a festa, tem a missa ... mas tudo fora do dia quase, n/é!

P: Por que será que mudou assim?

L: Acho que o povo desuniram um com o outro, n/é ... os velhos que eram católicos verdadeiros acabou tudo, n/é. A raiz de Rosália acabou, n/é. Então agora, por causa da juventude ... acho que mudou tudo. Porque agora hoje em dia, para o povo de agora, acho que acharam que era uma festa cafona, n/é.

P: Será?

L: É, acho que sim.

P: Fica difícil, tinha que perguntar para eles, n/é?

L: Claro, se eles gostaria que chegasse uma festa igual era de primeiro. Porque eu acho que os jovens estão todos mudado. A cabeça deles é outra, n/é?

P: Isso sem dúvida.

L: É, claro que é.

P: Como que a senhora acha que deveria ser a festa para ser igual às de antigamente?

L: Precisava o povo ser tudo que em era de primeiro. Cada um ter o seu sitinho, seu pedacinho de chão ... hoje em dia ninguém tem, n/é. Quando tem uma casinha, ainda tem que dar graças a Deus, n/é. Naquele tempo todo mundo tinha o seu pedacinho de sítio, n/é.

P: Todo mundo plantava ... ?

L: Todo mundo plantava, todo mundo colhia ... tinha o que dar de leilão ... um saco de arroz, de feijão, de café. Hoje em dia o que que nós temos?

P: Hoje todo mundo é empregado ...

L: Todo mundo é empregado e compra de quilo, naquele tempo ninguém sabia o que era um quilo de nada a gente tinha uma despensa cheia até em cima, de saco de arroz, de farinha, tinha farinheira para a gente fazer farinha, tinha engenho tinha tudo ... e o que que nós temos hoje? O pobre hoje, não tem nada.

P: É.

L: Por isso que mudou as festas também, eu não culpo o povo ... eu culpo o governo também n/é? É o governo, porque se o povo tudo pudesse ter suas propriedades como tinham antigamente, eu acho que ainda levaria essas festas a serem do jeito que eram. Mas agora as irmãs é quem manda, elas também trabalham para manter a vida delas, quer dizer que elas também não podem agir uma festa daquelas.

P: A senhora acha que as irmãs tiveram alguma influência para elas acabar ou não?

L: Acho que não. porque não pôde mesmo, n/é. Elas não pode pôr influência nisso aí ... você não pode culpar as irmãs, porque elas também fazem o que elas podem n/é Amauri? Bom para mim que não vou lá, porque eu não participo mais dessas festas, mas sempre quando a gente vai lá conversar com elas, depois elas dão tudo direitinho ... que nem esse ano, saiu o tanto da festa sete mil e tantos (Reais), acho que receberam hum mil e pouco (Reais), o outro foi tudo fiado ... assim eu vi falando lá no leilão, n/é?

P: Mas antigamente não tinha essa história de fiado não?

L: Não. Todo mundo tinha seu dinheiro para arrematar, n/é. E agora o que eu escutei pelo alto-falante foi isso: a festa deu seis e pouco, receberam um e pouco ... o resto está fiado, n/é. Se recebe ninguém sabe, n/é?

P: Mas agora parece que há a história de um bingo também?

L: Tem um bingo. Do bingo eu não sei informar, porque eu nunca fui.

P: Então a senhora tem uma certa resistência para com as festas de hoje?

L: Eu não freqüento!

P: Vai à missa, à procissão?

L: Vou na missa, fora de festa ... nesta festa eu não fui nada, nada ...

P: Existia também a festa de Santa Luzia, não era?

unesp

L: Tinha.

P: E agora?

L: Agora tem só a ... nem sei se tem a missa ... para falar a verdade, nesse dia dela não tem também não.

P: Não tem nem a missa?

L: Não, eu acho que não.

P: Eu me lembro que quando eu era criança tinha duas festas, não era?

L: Tinha. Tinha a festa de Santa Luzia que também era festejada, n/é. E tinha o leilão a noite inteira, agora o do senhor Bom Jesus, teve a quermesse esses dia tudo. Fizeram a quermesse ... ainda veio a Neuza que trabalhou, a Edilma também ajudava, toda vida ela trabalhou a Neuza do seu Agenor, n/é. É, ela trabalha, toda quermesse ela vem trabalhar. Agora as outras que estão trabalhando também eu não sei informar, porque eu não fui.

P: É estranho. Quando a gente tem duas festas assim e de repente uma acaba, porque acabou. Esse ano passado eu ia até vir para cá para poder conversar com as pessoas no dia da festa mas não deu. Aí eu liguei para a Maria Názara e ela falou que não tinha festa. Nem terço eu acho que não teve, nem missa ...

L: Não, não tem não.

P: E antes eram nove dias, também, não era?

L: Era uma festa bonita. Seis dias, n/é. Toda a vida a festa eram seis dias. Agora de Santa Luzia ... Sabe que eu nem me lembrei que esse ano teve a festa de Santa Luzia. Não teve mesmo, nem a missa.

P: É, eu liguei aqui no dia para saber, para eu poder vir e a Maria falou que não está tendo.

L: Eles acabaram com essa festa, ficou só a do Senhor Bom Jesus.

P: E aí ninguém sabe explicar o porque, não é?

L: É. Só se fosse as irmãs. Quem sabe se você *levasse um papo* com elas ... o difícil é encontrar com elas.

P: É. Elas estão trabalhando, não é?

L: Elas trabalham também n/é, para manter a vida delas. O duro é isso.

P: A senhora tem mais alguma coisa para dizer sobre Rosália ... de quando a senhora chegou aqui ...?

L: Não. Só tenho a dizer que aquele tempo o mundo era outro e que agora mudou tudo! Se fosse igual antigamente seria bom para todos os pobres do mundo inteiro ... que freqüentasse Rosália ... que viesse ... tudo era melhor, n/é? E agora não ...

P: Agora?

L: Agora, é só mesmo aquelas noitinhas de festa o povo quase nem vai, porque ninguém tem dinheiro para arrematar leilão. Vem os outros mais de fora arremata e pronto.

unesp

P: Uma pergunta ... por que muita gente já me deu esta resposta. A televisão a senhora acha que influenciou ou não?

L: Eu acho que a televisão acabou com o nosso país ... em tudo. As crianças, as mulheres ... Tudo que passa na televisão, hoje em dia as mulheres querem usar ... então eu acho que a televisão é uma das coisas que mais ... ensina tudo o que ... mais o que não presta do que o que presta. Na minha cabeça, n/é. Na cabeça dos outros eu não sei ... na minha criação eu acho assim que a televisão ela podia ter sido menos ... coisa aparecer na televisão. Tem muito programa que podia ser cortado ...

P: Tem a novena, o terço ... será que a pessoa deixa de assistir televisão para ir à novena?

L: Deixa.

P: Deixa?

L: Deixa, mocinha nova mesmo deixa. Essas meninas.

P: Ah! Elas deixam de ir à novena para assistir televisão! É o contrário, então?

L: É. Um capítulo da novela que vai passar, elas não querem perder, então elas acham que lá (terço e quermesse) não vão ver nada, n/é. Passa a novela elas querem ver ... tem muitas coisas que não entra na nossa cabeça, mas na delas ... é rapidinho, elas acham que está bom, que está bonito ... tudo que passa ali (televisão), elas querem assistir a própria criança também quer ...

P: E a participação de pai e mãe. Por exemplo: se o filho fala eu não vou à igreja, vou assistir o último capítulo da novela das oito que hoje está interessante, e participação do pai e da mãe?

L: Eu acho que muitos pais concordam com os filhos,

P: É?

L: Eu acho que sim, porque eles deixam de ir numa igreja ... porque tem gente católico de verdade que a família toda acompanha a igreja. Que nem aquele delegado, a família dele é bastante católica. Tem bastante gente que em dia de missa não faltam ... Agora tem aquela Congregação dos Apostolados ... a igreja cheia de mulher ... todas elas não perdem. A Iracema do Vilarcy é muito católica, n/é. O povo dela não falha da igreja, nem das novenas que ela faz em todo canto. Esse aqui é bonito (hábito). É a única coisa bonita que tem aqui em Rosália agora é os Apostolados. Eu freqüentei esses dias e achei bonito...

P: Só que a senhora não faz parte?

L: Não eu sempre vou com a Maria do Mário porque ela é ... mas eu gostei ... achei bonito. Até pensei de entrar. ...

P: É bom ...

L: Também são poucos homens que tem ... É o Zé Bispo, o Fausto, o Zaza ...

P: São os de sempre?

L: É os discípulos daqui, n/é?

P: Aqueles que sempre vão, freqüentam...

unesp

L: Agora mulherada tem muita mesmo ... precisa ver é bonito ... Acho que ... sua mãe não é (Apostolada)?

P: Minha mãe é sim ... Ela é apostolada.

L: Então eu fui três vezes, achei bonito. A Iracema falou se eu queria freqüentar, mas eu falei deixa eu freqüentar um pouco ... depois eu vejo se dá para mim entrar, eu entro. Se não der eu não entro. Porque aquilo é sério. É bonito, n/é?

P: É.

L: É um respeito à Deus, n/é?

P: Sem dúvida.

unesp

DONA ALCENITA (Dona Cenita)

Pesquisador(P): Qual é o nome da senhora?

Dona Alcenita (A): Alcenita Belmiro Rocha.

P: A senhora é parente dos Belmiro Rocha daqui (de Rosália)?

Sou irmã dele.

P: Qual a idade da senhora?

Deixa eu chamar o Nelson ...

***P:** Não. Não precisa. A senhora não se lembra o ano que nasceu, mas não tem problema não.*

Eu sou mais ou menos da idade ... quase da idade da Lica.

P: Ah! Tá... A Dona Lica tem 71 a 74 mais ou menos...

Eu estou com setenta e dois para setenta e ... é assim a idade da Lica.

***P:** A senhora não se lembra quando foi que a senhora chegou aqui então? A senhora só se lembra que tinha quatorze anos?*

Só lembro que eu tinha quatorze anos. Casamos e viemos para cá de a pé. Tinha uma ... passava numa pinguela aí nesse rio ...

P: Rio Tibiriçá?

No Tibiriçá. É numa pinguela que tinha ...

(Neste momento o filho da entrevistada se aproxima perguntado se estava dando certo a entrevista. Ao que foi respondido pelo entrevistador que sim, a mãe o convidou para participar da conversa.)

Nelson(N): Tá dando certo aí (a entrevista)

P: Está.

A: Vem para cá, Nelson.

N: Não. A senhora quem sabe das coisas, eu não sei de nada.

A. É você não sabe mesmo, coitado. É assim mesmo. Nós chegamos aqui. Aqui tinha aquela casa, aquela casona ali do ... de tábua ali que é do japonês ... que é essa aí da esquina no descer aí pra lá.

N: Onde é a casa do Yassuo.

A: Pro lado de baixo ...

N: No Luís Fernando, ali ...

A: Isso. Não pro lado de baixo, aquela casona que o povo fica ali. ... Fazia até jogo de bicho de primeiro ...

N: Aquela casa maior que tinha ali, também era do japonês

A: É. Meu Deus eu esqueci o nome dele, mas era de um japonês.

(Silêncio, apenas o *tic-tac* do carrilhão)

P: Então quando a senhora chegou aqui já tinha japonês morando aqui?

A: Tinha. Só tinha a casas do finado Yamane e essa casona aí que eu estou falando. A casa do finado Yamane ali ... tinha três japoneses que trabalhavam para ele: Augusto, Maeda ... o danado mora até aqui perto ... "O Nelson como é que chama ... ah! Otávio. Augusto, Otávio e Maeda, moravam na casa. E nós fomos morar, foi a casa melhor que tinha aqui, era a que nós fomos morar. Era um galpãozinho que tinha ali do lado de cima daquele barranco lá. (Aponta para a frente de sua casa no sentido Sudoeste, onde há um barranco bastante alto). Só a salinha e o quarto. E uma cozinha que nós mesmo fizemos, assim de pau a pique, sabe?

P: Sei.

A: Feito chiqueiro. (Risos devido a comparação da casa deles com a morada de porcos).

P: Era a melhor que tinha?

A: Era a melhor que tinha ... Depois chegou o finado Manoel Messias ...

N: Otávio é aquele japonês que tem um coisa ali que mexe com aquele negócio de avicultura, negócio de abelha (apicultura), é aquele mãe?

A: É

P: Onde, Nelson?

N: No Macuco.

P: Ah, é?

N: Tem esse aqui pertinho onde era o sítio do Américo ... do lado ali, é filho ele.

P: Kazuo?

N: Não. Santuko, é um negócio assim. Ele vem buscar gente todo dia de manhã cedo aqui e vem trazer à tarde. ...

A: Agora aqui tinha um japonês, Nelson, que esse japonês eu já ouvi dizer que ele mora em Marília. Era o pai daquela mulher que Zezé saiu ... roubou ... como é que ele chamava mesmo ... Nishimurinha ...

(Neste momento o filho da D. Alcenita, pede licença para se retirar...)

A: Aí nós ficamos aqui. Meu marido era pobre ... não trouxemos nada. Não achamos nada e não trouxemos nada. Então ele era poçeiro ... Fazia poço nessas redondezas.

P: Poceiro é que cava o poço?

A: É. É quem cava poço.....

(.....)

A: E ... não tinha igreja, não tinha nada. Aí como eu tinha chegado a pouco tempo eles inventaram de "fazer" uma missa. Era aí. Era em frente onde é a igreja.

P: Sei ...

A: Tinha um pé de árvore, então ali ... eles me pediram uma mesinha ... porque eu não rinha móveis ... meu móvel era uma mesinha pequenininha que eu emprestei para eles ... as roupas: toalha, colchas de renda que eu tinha trazido

unesp

do enxoval, então eu emprestei para eles, até eles fizeram o altar, acenderam as velas e deixaram pegar fogo ...(se abre em sorriso, lembrando do fato)

P: Ficou sem suas coisas...

A: Fiquei sem nada. Já não tinha nada não é? Agora eu descia dali de cima passava em frente a casa do ... eu falei o nome dele agora....

P: Yamane?

A: Yamane, é. Agora aí nessa descida, nessa daqui que desce aí em baixo ... aí tudo era mata, sabe? Aqui (mostra a frente da sua casa)só tinha um trilhozinho.

P: Ah, era?

A: É. Naquele tempo vinha aquelas "muieriças" do Guaimbé (cidade vizinha a Norte de Rosália), e ficava tudo deitada nos trilhos aí. E nessa descida, aí nessa virada, então meu marido ... aqui não tinha açougue, não tinha nada, nada, absolutamente nada. Então meu marido fez um girau que era para mim ficar esperando os porcos, que vinham descer para beber água lá embaixo

P: Porcos do Mato?

É. Então ele me dava uma cartucheira, eu subia naquilo e ele ia "para o mundo", aí ele falava assim ..."*Olha, você cuidado! Só atira no último que for passando o último, porque senão os outros vem tudo na fumaça."* Eu falei: "tá certo, eu sei!" Eu estava acostumada, n/é. Aí eu ficava lá em cima daquele girau. Quando dava meio dia, é vai descendo a porcada ... ai eu esperava passar ... aquilo era "cardume" que tinha, n/é. Então eu esperava que aquilo passasse tudo ... agora o último eu mandava fogo. (Risos) ... Aí eu deixava eles chegarem na aguada, lá embaixo aqueles outros ... quando eles chegavam lá pra baixo ... já tinham chegado ... aí eu falava "agora eu vou pular no chão e arrastar" ... a casinha, o galpão era ali em cima. Eu pulava no chão, amarrava a corda, a corda já estava assim arrastava, n/é. Arrastava até lá na porta de casa ... quando vinham era assim (junta os dedos em sinal de muitos porcos juntos) batendo espuma (espumando pela boca). Eu não ia nem lá. Quando o marido chegava(do serviço), já achava a carne. (Risos de satisfação pala proeza).

P: Tudo pronto já?

A: Porque aquilo que tinha muito era peixe. Peixe tinha era de caminhão, assim a noite, a gente estava deitado já, escutava eles gritarem "ó o peixe!" Era um caminhãozinho. Que aqui só tinha um caminhãozinho um *fordizinho* verde ... esqueci o nome (provavelmente do dono do caminhão) ... mas só tinha esse caminhão. Nós pegávamos e deixava o dia acabar de amanhecer para nós descermos lá embaixo no córrego perto de onde os porcos bebiam, era onde eles despejavam o caminhão. Tinha muito peixe, mas não tinha ... Depois chegou um baiano aqui, esse tal Dió (Seu Dionísio)

P: Ah! O "Seu" Dió?

A: Ele chegou, ele já tinha o irmão dele, o Antônio Francisco, morava ali de frente ao meu galpão. Aí eles inventaram de "fazer" um açouguezinho *berachão,* sabe? Assim de sapé, fizeram aquele açouguinho, aí nos fomos ver carne. Mas aqui quando era assim dia de Domingo do lado de cima do meu

unesp

galpão, tinha um japonês, ele mora em Marília, a filha dele chama até Sugui e ele vinha aqueles baianos desses sítios, desse mundo todo. Vinha aqui vinha trabalhar aí, n/é com a japonesada. Quando era no dia de Domingo aquilo ali, em frente àquele armazém, porque só tinha aquele, era gente que morria, que não era fácil. Aquela baianada nova, n/é. Vinha da Bahia para poder trabalhar para os japoneses, você sabe que japonês é um bicho falso que é o diacho (Riso pela sua sinceridade), e aí iam desaparecendo.

(A fita acabou, perdi um pouco da conversa)

A: ... iam embora para casa lá para os galpões deles. Era até divertido aqui. Muito bom esse lugar. Agora é que está assim discrachado.

P: A senhora falou para mim da primeira missa. Fale um pouco da igreja.

A: A primeira missa queimaram a minha toalha, mesa tudo. Essa mesa ainda tem ela na casa do compadre Dió (Dionísio). Eu dei para a mulher dele. Foi onde depois passado alguns meses eu batizei a primeira menina que eu ganhei, ela até morreu já, chamava Nair. E ficou assim a missa só fazendo ali debaixo daquele pé de árvore. Depois eles fizeram aqui a escola de tábua muito comprida aí, muito bonita ... as japonesada fizeram a escola. E aí foi indo, foi levando a vida. Tudo na pobreza, mas fartura tinha muita. Logo que eu cheguei (de Guaimbê) eu pus uma roça, porque meu marido não gostava de roça era só poçeiro sabe. Então eu pus uma roça daqui da minha porta da cozinha (no passado) até lá na igreja (presente). Fiz um caminhão de arroz, eu sozinha e Deus. Aí eu fui plantando, no outro ano eu plantei uma roça de algodão daqui lá no Cemitério velho. E eu trabalhava com dois camaradas e foi muito bem ... Daí nos fomos aumentando. Mas era aquilo só também, não passava daquilo.

P: A festa que fazem aqui é para o Senhor Bom Jesus, não é?

A: É do Senhor Bom Jesus.

P: A senhora sabe quem foi que fez a primeira festa, em que ano?

A: Em que ano eu não sei, mas foi um irmão meu o mais velho: José Belmiro.

P: Foi por devoção?

A: Devoção, ele gostava muito sabe.

P: As festas de antigamente a senhora participava delas?

A: Não, eu não tinha tempo. Era só trabalhar.

P: Porque o trabalho que eu estou fazendo envolve mais as festas, sabe? E as pessoas dizem que as festas de antes eram melhores que as festas de hoje.

A: Ah, era. Toda vida.

P: Então é isso que eu estou tentando buscar perguntando para as pessoas.

A: Era festa mesmo. Eram os nove dias.

P: Nove Dias?

A: Nove dias.

P: Eu quero buscar com as pessoas, qual o motivo destas festas terem se acabado. Porque as pessoas falam que hoje está diferente, não é?

unesp

A: Está sim.

P: Na opinião da senhora, porque mudou tanto? A senhora tem alguma idéia?

A: Mudou demais. Hoje em dia as festas eles escolhem o dia que eles querem fazer. Não aquele tempo era festa do Senhor Bom Jesus. Eram os nove dias. Aquilo era tudo certinho, como mandava a lei, n/é, do Santo. Era igualzinho na Bahia. Hoje em dia eles fazem aí, os maiorais fazem do jeito que eles querem. Não tem dia de começar, não tem dia de acabar e com isto falta muita gente. De primeiro uma festa aqui, era festa mesmo, os dias contados tudo certinho. Vinha gente dessas redondezas tudo. De Guaimbê, Marília, tudo . Hoje em dia não tem mais isso. Muitos que chegam já não acha mais festa porque não é no dia, e eles estão acostumados com os dias certinho. Por isso ficou muito diferente.

P: E a devoção?

A: A devoção não está certa não. Hoje em dia o povo quer é grana.

P: Quer dinheiro. Aquele tempo fazia mais por devoção?

A: Por devoção. Hoje em dia não é. É por esse, ó! (Esfrega o dedo polegar no indicador, simbolizando o sinal universal da moeda). Eu sei que nós passamos quase o resto da vida, porque quem já está na idade que eu estou, o velho já foi

(Dado ao fato de que em alguns momentos este sujeito da pesquisa faça algumas declarações que poderá comprometê-lo junto ao grupo social do qual faz parte, resolvi tratá-lo apenas por uma letra aqui denominada N.)

Pesquisador: Quantos anos você tem?

N: 56 anos

P: Mas as pessoas o conhecem por ...

N: N.

P: N., me diz o seguinte: você nasceu aqui, em Rosália?

N: Nasci aqui no município mesmo, pertinho de Rosália.

P: Então tem mais de cinqüenta anos que você mora aqui. Que você tem lembrança de Rosália, vamos supor uns quarenta e seis anos!

N: É mais ou menos ...

P: Então me fala, ... e nesse tempo todo que você nasceu aqui por perto e viveu aqui você freqüentou muito as festas aqui na igreja?

N: Freqüentei. Freqüentei muito.

P: Freqüentou ... na sua juventude, adolescência, e o que você tem para me dizer a respeito destas festas, com o tempo como elas foram sendo desenvolvidas? O que você acha que aconteceu com elas?

N: Tem uma grande diferença ...

P: Mas para ...

N: Para "mais" pior, porque primeiro eram as nove noites, depois mudaram só no Sábado e no domingo ... mas do meu ponto de vista o que eu acho que atrapalhou tanto foi depois que as irmãs vieram para cá ... as irmãs foram mudando, sabe?

P: ... e antes disso, como que eram realizadas as festas? Como era que as organizava, era a população mesmo, as pessoas...

N: Tinha o festeiro, n/é. Agora o festeiro escolhia os noiteiros, dos bairros vizinhos ... reunia um da Primavera, outro do Bandeirantes, sempre trocado sabe? Para dar mais gente. Então, aqueles noiteiros vinham traziam as prendas e a noite tinha o leilão.

P: ... e essas prendas, você se lembra mais ou menos o que eram? O que as pessoas davam?

N: Tinha de tudo.

P: De tudo. Me cite aí uns quatro ou cinco...

N: trazia frango, mandioca, tinha vez que trazia boizinho, garrotinho ... cabrita vinha também ...

P: Na sua família, alguém algum dia foi festeiro ou noiteiro?

N: Não. Não foi nenhuma.

unesp

P: Qual era o padrão que você acha que eles tinham para escolher quem era o festeiro quem era o noiteiro. Tinha que ser pertencente da igreja ou que era. O que eles utilizavam de maior atributo para nomear uma pessoa como noiteiro ou festeiro? Como é que eles pegavam essas pessoas, como eles escolhiam?

N: Nos bairros assim, eles procuravam aquelas pessoas que tinha mais ... como se diz ... uma pessoa que tinha condução, que era para trazer a turma ...

P: Quer dizer uma pessoa que tivesse posses?

N: É.

P: Que tivesse uma condição financeira boa .... ?

N: É, uma condição financeira, de lá ele já juntava lá e trazia o pessoal.

P: Isso para os festeiros, digo para os noiteiros. E para os festeiros?

N: Agora os festeiros ... aquele que era esse ano, já escolhia outro para o ano que vem. Aí já escolhia uma pessoa assim ... como se diz *de mais grau*

P: De mais grau que você quer dizer ... é quem tivesse mais dinheiro?

N: É mais dinheiro .....

P: Que fosse uma pessoa mais abastada?

N: É.

P: ...e depois que essas irmãs vieram, como estava falando aí ... o que você acha que teve de diferente?

N: Tudo. As festas já não eram mais as nove noites ... aos sábados e domingos. Depois foi mudando ... até a procissão mudou. Passava por aqui ... daí uns tempos já passava por lá, já não passava por aqui. Diziam que era terra

P: Estrada de chão?

N: É. Era rua de chão. Em rua de chão não passava mais. E foi mais ... eu acho que foi mais por causa delas mesmo. Elas chegaram e tomaram conta da igreja ... Porque quem tomava conta da igreja antigamente era uma velhinha que morava aqui.

P: Morava ...?

N: Aqui nessa casa. Era Ana Angélica.

P: Ana Angélica, eu nunca ouvi falar.

N: Ela quem tomava conta.

P: Ela era parente de quem? Ela tinha algum parente que eu conheço?

N: Ela é da "turma" do Valdecir, do Zaza

P: Ah! Do Zaza, eles sempre foram ligados à igreja?

N: É.

P: E hoje, como é que você vê essas festas, se você fala que houve estas mudanças e antes você já falou me falou que vinha aquele "monte" de gente de longe, e hoje você tem ido às festas?

unesp

N: Faz tempo que eu fui, eu já não achei do meu tipo mais. Porque agora faz tudo dentro do salão. Antigamente tinha o coretinho do lado de fora, ali ficava todo mundo à vontade. Agora é lá dentro do salão e eu já ouvi falar que ninguém está ajudando mais que nem era. Acho que devido à mudança muitos já achou que não estava certo, n/é. Então já não ajudam mais como antigamente. Uma que as populações dos bairros acabou também, n/é.

P: Mas essa população dos bairros acabou? O que aconteceu com eles?

N: É por causa que foi acabando a lavoura, e a turma foi indo embora para a cidade.

(Há uma pausa devido a troca da fita cassete)

P: Como eu estava perguntando antes de fazer a interrupção no gravador, você fala que o pessoal foi saindo, diminuindo, o que você acha que aconteceu com essas pessoas?

N: Aí foi mais o fracasso da lavoura.

P: A lavoura?

N: É. Já não tinha mais como os caras viver mais como antigamente, então já foi "vazando" tudo, foi tudo indo embora para a cidade ...

P: Então quer dizer que além dessa questão das irmãs, que você acha que deu uma certa diferença, você está me citando que houve essa evasão, essa saída do povo, das pessoas do sítio para outros lugares. Para eles terem saído do sítio deve ter havido um motivo, o que você acha que contribuiu para o motivo da saída deles?

N: Foi mais por causa da lavoura, as terras foram ficando fracas ... as possibilidades foram sendo mais pouca ... então eles já procuraram as cidades, outros já mudaram bem ... outros Estados ...

P: Foram para outro lugar para começar tudo de novo, abrir novamente outros campos?

N: É

P: Você pode me dizer qualquer coisa que se lembra, não há necessidade de ficar esperando que eu pergunte, pois as vezes fica muito curto o (diálogo). Como você descreveria para nós as festas de mais ou menos vinte anos atrás? Como eram as ruas? O que tinha? É se tinha alguma barraca? Do que eram, o que vendiam em cada barraca que eles faziam? Tinha barracas?

N: Tinha. Quando era no coreto, aí tinha as barraquinhas.

P: E vendiam o que nessas barracas?

N: Vendia quentão, café, doce, umas par de coisas ... vendiam de tudo. Vendia pipoca ... vendia de tudo. De tudo vendia ali.

P: Eu estava conversando com a Mariazinha e ela disse que tinha também barraca do coelhinho, que levantava sua casinha e o coelhinho entrava em outra casa e dava a pessoa ganhava a prenda, tinha a barraca de pescar, que dava prenda...

N: Tinha.

unesp

P: E hoje, como é esta festa? Você Tem me falado das festas de antigamente, mas eu quero que você me fale um pouquinho dessa festa hoje, como ela se realiza. O que tem nestas festas hoje?

N: As prendas que a turma trás, já não é mais que nem antes, como a do passado. A do passado dava muito frango, esses frangos caipiras a turma do sítio trazia, n/é. Agora ainda tem mas não é tanto mais não. A turma compra assim no supermercado, e leva mais coisa de supermercado, e alguma noite tem boizinho, algum carneiro ...

P: Parece-me que está havendo a questão do bingo também, n/é? Ao invés de fazer essa ... esse leilão, barracas ...

N: As barracas, eles já estão fazendo o bingo.

P: E você acha que esse bingo aproxima a população ou ele distancia a população? Por que veja bem para você comprar um ... eu acho que deve ter uma certa diferença entre você comprar um frango que está sendo leiloado e uma cartela de bingo.

N: É

P: Porque uma cartela de bingo eu acho que deve ser um pouco mais cara do que um frango, ou não?

N: A cartela do bingo eu acho que é mais barata.

P: É mais barata?

N: É. Dá mais gente no bingo do que mesmo para arrematar o leilão. Por que no bingo o cara vai aventurar num carneiro, numa leitoa. É a base de R$ 3,00 a R$ 4,00 uma cartela. Então a turma vai mais, do que mesmo ir arrematar o leilão.

P: Esse ano eu fui informado, que o dia do Senhor Bom Jesus, como sempre é dia 06 de Agosto e a festa foi feita no dia 12 ou 13 de Agosto, se não me engano. O que você acha que levou a fazer essa mudança, ao invés de fazer no dia 06 de Agosto o dia do Santo e fazer em um outro dia separado?

N: Isso aí depois que mudou para fazer todo Sábado e Domingo, já não faz mais no dia. Só se cair no Domingo mesmo.

P: Mas esse ano (2000) dia 06 de Agosto caiu num Domingo, se não me engano. Cadê o calendário?

(Procura-se no calendário o dia da semana em que ocorreu o dia 06/08/2000.)

N: Foi no Domingo.

P: Foi no Domingo, n/é? Será que tem alguma coisa a ver com o pagamento?

N: Isso aí, um pouco são os organizadores também. Já muda pensando que vai pegar mais grana, e as vezes eles mudam por causa disso.

P: Você acha que a fé das pessoas diminuiu, ou continua a mesma, inclusive no participar?

N: Não sei se é por causa da população que diminuiu. Mas já não tem tanta gente como tinha antes. As vezes a gente vai nas festas a maior parte da turma está na pracinha, não está lá participando lá da "coisa"(festa).

unesp

P: E, que outro fator você acha que pode levara as pessoas a não irem na festa, homenagear o Santo. Tem alguma outra coisa que pode participar assim, algum meio de comunicação?

N: Eu acho que tem um pouco só na diferença da mudança. Tem muitas pessoas que não gostaram da mudança.

P: A mudança que ocorreu nas festas de um modo geral?

N: Todo mundo acostumado às nove noites seguidas, depois tiveram muitas pessoas que não gostou disso aí. As vezes vai, chega lá dá uma voltinha e já vai embora.

P: Tem mais alguma coisa que você lembra? Quer fazer alguma comparação de alguma coisa do passado e de hoje? Por que todo mundo tem dito para mim que as festas do passado eram boas, eu não discordo. Devem ter sido boas, sim. Eu fico pensando será que só tem coisa ruim nestas festas de hoje, ou será que as de antigamente só tinham coisas boas.

N: Não são ruins...

P: as de hoje?

N: As de hoje. Só que diminuiu muito .

P: Perdeu muito do que era antes?

N: É, perdeu muito.

P: Perdeu muito das características de antes?

N: É. Mas a turma freqüenta ainda, só que é bem menos.

P: Mas você, por exemplo, enquanto vivente de uma festa de antigamente como é que você vai a essas festas de hoje? Contente por vontade ou mesmo parta fazer comparação?

N: A gente já não vai mais contente. Por que a gente já não espera uma festa igual as de antigamente, como a gente estava acostumado, n/é. A gente chega lá e vê muito diferente. Antigamente era lá, todo mundo de pé andando para lá e para cá. Agora entra e todo mundo já senta nas cadeiras e fica um coretinho lá no meio com alguém gritando lá arrematando o leilão. Então já dá muita diferença. A gente já não fica a vontade como ficava no ar livre.

P: Isso nas festas do Senhor Bom Jesus e de Santa Luzia.

N: Nas duas festas.

P: E hoje?

N: Eles já não fazem mais o último dia que era o dia do padroeiro que seja, eles não fazem mais a festa. Mudou. Porque antigamente podia ser em qualquer dia que fosse (no calendário o dia do Santo), aquele dia tinha que ser naquele dia (a Festa), não passava. Agora não. Esse ano mesmo quantos dias passaram para ser feita a festa?

(Nesse momento chega outra pessoa, que nos cumprimenta).

P: Mas a festa de Santa Luzia ainda tem?

N: Tem, mais é muito diferente a festa.

unesp

N: até procissões que tinha mudou tudo. Antigamente, tinha organização. Eram duas filas. Agora não, enche a rua, tudo esparramado. Tudo bagunçado para lá e para cá. Tudo misturado. Não tem mais organização. As vezes muda. Primeiro dava a volta na última rua lá, vinha e passava aqui.

P: Na Dona Quitéria, passava na Socorro, vinha até aqui, subia a rua da casa da sua mãe, dava a volta em frente à casa do Toizinho e ia até a igreja?

N: Isso. Tinha vez que ela virava lá, já estava quase chegando na igreja e a outra turma ainda vinha aqui, o fim da fila ainda vinha aqui. Agora quando faz a procissão, quando chega lá em cima já está todo mundo Não tem mais aquela organização, aquela coisa ajeitada. Antigamente escalava as crianças tudo na frente. Depois é que vinham os adultos, n/é. Agora não, mistura tudo. Não querem nem saber, um empurra o outro. Tem vezes que eu fico só daqui assistindo, não acompanho mais não.

P: Tem-se a impressão que a coisa caminha para a barbárie, não é?

N: É, cada dia esta pior.

(J): Ô N., conforme você estava falando, eram seis dias a quermesse não era? E hoje?

N: Hoje mudou tudo. Antigamente eram as nove noites.

J: Não era?

P: Agora, não tem mais isso como antes.

N: Não sei porque fizeram isso aí caramba?

P: Tem coisas que não se explica, não é? E talvez esta seja uma delas.

J: Culpado é o Diretor (?), N., mesmo os Santos que tinha na igreja tiraram tudo.

P: Também tem esse detalhe, não é? Antigamente tinham os Santos e retiram todos.

J: Ficou só o protetor da igreja.

N: Eu sei que a coisa está cada vez mais mudando tudo. Do jeito que vai indo daqui uns tempos nem estas festas não vai ter mais.

P: Você acha que pode caminhar para um acabar, mesmo?

N: É.

J: O culpado não é o padre. É o diretor.

P: Diretor? Diretor do que J.?

J: Da igreja.

P: Mas quem comanda a igreja é o padre, não é?

J: O padre comanda, mas o chefe daqui (inaudível)

P: Isso é que eu não sei.

J: Se o padre aconselha qualquer coisa ... o padre só vem aqui por causa da igreja não é? Mas o diretor daqui quem comanda. Se eles não comandar, se for de tirar tira até o padre. Quiseram tirar a igreja da Cereja, o padre ia celebrar

unesp

missa lá no Gildão, não tiraram tudo? Se o Gildão fosse vivo e quisesse que o padre fosse todo Domingo. Na Cereja era todo segundo (Domingo) do mês ia lá também no Gildão.

N: Na Cereja também tinha quermesse.

J: Tudo foi tirado por causa do diretor que comanda. O padre é comandado por outras pessoas não é ele. O padre é comandante da igreja, mas se não tem um diretor que comanda é tirado.

P: Eu agradeço a entrevista e espero que se vocês se lembrarem de algo me comuniquem.

unesp

ERRATA

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura*: um conceito antropológico. São Paulo: Brasiliense, 1986.